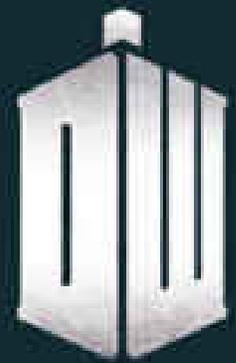


DOCTOR WHO



MORTALHA DA LAMENTAÇÃO

Tommy Donbavand

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Tommy Donbavand

DOCTOR WHO 

MORTALHA DA LAMENTAÇÃO

Tradução
Cláudia Mello Belhassof



Copyright © Tommy Donbavand

Doctor Who é uma produção da BBC Wales para BBC One.

Produtores executivos: Steven Moffat e Brian Minchin.

BBC, DOCTOR WHO e TARDIS (nomes, logos e dispositivos) são marcas registradas da British Broadcast Corporation e são utilizadas sob licença.

Publicado originalmente por BBC Books, um selo da Ebury Publishing, parte do Grupo Random House.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Shroud of Sorrow

Capa

Marcela Perroni sobre layout original de Lee Binding © Woodlands Books Ltd 2013

Imagens de capa

logo Doctor Who © BBC 2012

fotos © BBC

Copidesque

Leonardo Alves

Revisão

Cristhiane Ruiz

Carolina Rodrigues

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D733d

Donbavand, Tommy

Doctor Who: mortalha da lamentação [recurso eletrônico] / Tommy Donbavand ;

tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Shroud of Sorrow*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

146p. ISBN 978-85-8105-266-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

14-18552 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

*Para Arran e Sam,
que assistem às aventuras do Doutor comigo*

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

23 de novembro de 1963

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

20 de agosto de 1929

Capítulo 5

Capítulo 6

20 de agosto de 1929

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

22 de outubro de 1962

30 de setembro de 3006

Agradecimentos

23 de novembro de 1963

O guarda Reg Cranfield virou a esquina da Totter's Lane, cortando a névoa com o facho da lanterna. A neblina estava densa naquela noite, e seu pai a teria chamado de "fumaça de matar" se ainda estivesse vivo para dizer qualquer coisa.

E fazia frio. Reg fechou mais o casaco, torcendo para que os caras da delegacia tivessem se lembrado de manter o bule de chá quente dessa vez. Ele não queria encarar um chá frio em uma noite como aquela. Ainda assim, pelo menos as ruas estavam calmas aquela noite. Todos estavam em casa assistindo às notícias que vinham dos Estados Unidos. Uma coisa horrível, aquilo.

Não era seu turno regular. Ele tinha trocado no último minuto com o colega de bar, o guarda Rawlings, que dissera estar ficando gripado. Reg não se convenceu. Fred tinha saúde de ferro; desde que os dois se conheciam, ele mal ficara resfriado. O sargento Clough achava que tinha algo a ver com o que acontecera na noite anterior, quando Fred voltou à delegacia branco feito papel, balbuciando sobre "pessoas na névoa que não estavam ali de verdade". O mais provável era que ele havia tomado umas a mais no Rose and Crown, mas nos últimos meses Fred tinha trocado de turno muitas vezes para visitar o pai.

Reg se viu pensando no pai outra vez. Já fazia duas semanas. Duas semanas desde que ele se fora, menos de meia hora depois que Reg saiu do asilo após a visita do horário da noite. Era quase como se o pai tivesse esperado deliberadamente até que o filho único estivesse voltando para casa no ônibus 91 para então seguir rumo aos portões do paraíso.

Não que seu pai tivesse qualquer crença em algo relacionado com vida após a morte. Na verdade, ele só ia à igreja na noite de Natal porque tinha prometido à mãe de Reg que continuaria indo depois que ela morresse.

“Se houvesse vida após a morte, eu saberia”, provocava ele. “Sua mãe me perturbava sem parar quando estava viva, e ela com certeza ia voltar dos mortos para fazer a mesma coisa.”

Claro, agora seu pai tinha ido se juntar à sua mãe. Onde quer que fosse.

Reg só descobriu na manhã seguinte, quando usou o telefone da delegacia para ligar para o asilo e perguntar se o pai passara bem a noite. Ele não tinha telefone em casa, então os funcionários do asilo não tiveram como entrar em contato antes. Evidentemente, agora não fazia sentido instalar uma linha.

Sua lanterna iluminou o portão de madeira do ferro-velho de Foreman, e Reg parou para verificar se ele estava bem fechado. Diziam que alguns adolescentes ficavam vadiando perto do portão todo dia e toda noite. Apesar disso, nenhum arrombamento tinha sido denunciado, e nada sumira. Mesmo assim, não significava que o ferro-velho podia servir de ponto de encontro para garotos quando eles deveriam estar em casa com a família. Não se Reg pudesse evitar.

— Reggie...

Ele se virou de repente, agitando a lanterna como se estivesse usando um florete.

— Quem é?

— Reggie!

Reg estremeceu. Aquilo não tinha graça. A única pessoa que o chamava assim era seu pai. Quem estava fazendo aquilo ia ter que se explicar muito bem.

— Eu perguntei quem é.

E a luz de sua lanterna encontrou um rosto. Um rosto se aproximando lentamente pela névoa densa. Um rosto que parecia não estar ligado a nada.

— Meu nome é guarda Cranfield — anunciou. — Identifique-se!

— Reggie... sou eu!

Reg sentiu as pernas virarem gelatina e precisou apoiar a mão livre no portão do ferro-velho para se firmar.

— Pai?

O rosto agora estava mais claro, ganhando forma à medida que mais fiapos da névoa se agitavam no ar. Era, sem sombra de dúvida, o pai de Reg.

— Pai! — disse ele, com a voz fraca e a boca de repente seca. — Pai, eu... eu não...

— Você me abandonou, Reggie.

— O quê?

— Você me abandonou naquela noite. Você me deixou morrer sozinho.

As pernas de Reg cederam, e ele caiu de costas no portão, balançando a corrente e o cadeado.

— Não... Você não entende!

— Eu estava sozinho, Reggie. Sozinho e com dor. Eu sequer consegui pedir ajuda.

— M-mas, pai... — disse Reg, piscando em uma tentativa de conter as lágrimas. — Eu tinha que pegar o último ônibus. Você sabe que eu sempre pego aquele ônibus quando vou vê-lo... quando eu *ia* vê-lo. Você sabe disso.

O rosto estava se aproximando, crescendo e saindo da névoa, ficando mais real a cada segundo.

— Você não sabe como é, Reggie — disse o rosto, assumindo uma expressão de desprezo e raiva. — Ser abandonado pela própria família. Ser deixado por aqueles com quem você se preocupou a vida toda!

— Não foi assim! — gritou Reg, as lágrimas agora descendo livremente. — Se eu soubesse, teria ficado. Juro!

— Ficado para me ver morrer?

— Sim. N-não! Teria ficado lá para conseguir ajuda para você!

— Mas você não ficou, Reggie. Mesmo depois de tudo o que eu já fiz por você!

— Pai, por favor... — A voz de Reg mal passava de um sussurro.

O rosto disparou para a frente na direção dele, com a boca aberta e os dentes à mostra. Reg largou a lanterna no chão e cobriu os olhos.

— Não! NÃO!

E o rosto do pai morto do guarda Reg Cranfield começou a gritar.

Capítulo 1

Os motores da TARDIS gemeram como um aposentado exausto enquanto a caixa azul se elevava devagar — um centímetro de cada vez — acima de um redemoinho vasto de água turbulenta. Ondas enormes se debatiam à medida que a tempestade piorava, lançando para dentro da sala de controle jatos de bolhas verde-claras — que tinham um leve cheiro de abacate.

No meio de toda essa água e espuma havia uma corrente. Uma corrente grande, forte e grossa. Uma das pontas estava enrolada na base do console, de onde, tensa como uma corda bamba, se estendia porta afora e para a arrebentação perfumada abaixo. Os elos de metal rangiam em protesto enquanto a TARDIS subia um pouco mais, finalmente sustentando todo o peso do que estava preso na outra ponta.

— Alguma coisa? — gritou o Doutor. Ele estava ensopado e completamente coberto de espuma de banho. Seus pés tinham se enganchado na base do console. Os nós dos dedos embranqueciam à medida que ele puxava uma alavanca com cabo azul, fazendo a nave subir ainda mais.

Agarrando com força o telefone atrás de uma das portas da TARDIS, Clara se inclinou com cuidado sobre a água e arriscou uma

olhada para a corrente que desaparecia na tempestade espumosa e esverdeada abaixo deles.

— Ainda não! — respondeu ela, com água pingando do cabelo e caindo nos olhos. Ela arriscou soltar uma das mãos para esfregar a água do rosto.

A TARDIS agora voava quase em um ângulo de 45 graus. O Doutor sabia que, se escorregasse, ia seguir a corrente porta afora e cair na água antes que dissesse “Alfava Metraxis”. Ele girou uma roda no painel do console e estendeu a mão livre para mexer em uma série de interruptores, forçando um pouco mais os motores, que já berravam.

— Vamos lá, linda! — incitou ele. — Eu sei que você consegue!

— Obrigada pelo elogio — disse Clara. — Eu não sabia que você se importava.

Com as bochechas coradas, o Doutor soltou os interruptores por tempo suficiente para acariciar o console.

— Desculpe, querida — sussurrou ele. — Eu estava falando de você, não dela. Juro.

Mais uma vez, a corrente rangeu com o peso da carga. O Doutor a observou, preocupado, se perguntando por um segundo se tinha escolhido um metal forte o suficiente para a tarefa. Ele mantinha à mão uma corrente feita com uma liga de estrela anã para tarefas muito pesadas. Mas teria sido necessário pelo menos dez deles para tirá-la do depósito, e ele não tinha tempo para fazer os telefonemas necessários.

— Ali! — gritou Clara. — Estou vendo a nave. Está quase na superfície.

— Ótimo! — berrou o Doutor. — Vamos dar mais uma... última... puxada! — Trincando os dentes, ele puxou outra alavanca com força, redirecionando ainda mais energia para os motores da nave. — Bem, tudo que está no frigorífico agora está descongelando...

Com um barulho alto, outro elo da corrente deslizou pelo vão da porta, lascando a madeira e fazendo Clara se segurar com mais força

ainda. Ela tirou o cabelo longo e escuro dos olhos, respingando nas portas da TARDIS uma mistura de lama e espuma. A sujeira quase parecia formar a imagem de um rosto. Ela a encarou por um instante. Quase se parecia com...

A TARDIS deu uma guinada, e Clara bateu com o corpo na porta, apagando a imagem com o ombro. Ela olhou de novo para baixo. Sob seus pés, um oceano de ondas aromáticas se agitava revoltado. Era bizarro pensar que, menos de trinta minutos antes, ela estava ajoelhada ali no solo duro e seco.

De repente, uma voz crepitou pelos alto-falantes do console.

— Doutor! Você está aí? É a Penny...

O Doutor tentou alcançar o interruptor que ativaria o microfone, mas depois percebeu que estava com as mãos ocupadas mantendo a TARDIS estável. Com um suspiro, inclinou-se para a frente e empurrou o botão para a posição de "ligado" com o queixo.

— Alôôôôôôô, Penny! Aqui é o Doutor, ouvindo alto e claro. Como você está?

— Todos presentes e tudo bem, felizmente. — Foi a resposta. — Conseguimos voltar a bordo do *Carter* pouco antes de a enchente nos atingir. Mas tivemos que deixar muitos equipamentos para trás.

— Equipamentos podem ser repostos — disse o Doutor. — Pessoas, não. Bem, tem um planeta onde até dá, mas fui proibido de voltar lá. Longa história. Tentei conseguir reembolso por uma aeromoça australiana com defeito sem a permissão dela.

Então, com uma guinada súbita para trás, a TARDIS se endireitou e a corrente ficou frouxa.

— Conseguimos! — gritou Clara. — Eles saíram!

O Doutor voltou as alavancas para a posição normal e correu até sua companheira. Ali, saindo da água e flutuando diante da porta, estava um cruzador de exploração classe 2, a *SS Howard Carter*. Era uma nave pequena, projetada mais para viagens curtas entre planetas próximos do que para voos interestelares. Sua tripulação de

três pessoas acenou em agradecimento do outro lado do vidro escuro da cabine.

— Você salvou nossa vida, Doutor — disse a professora Penelope Holroyde pelo headset, a voz ainda ecoando pela caixa de som do console. — Como poderemos sequer começar a agradecer?

— Não precisa — respondeu o Doutor. — Fazemos esse tipo de coisa o tempo todo.

— Só um dia normal de trabalho para nós — acrescentou Clara, rindo.

— Bem, esta equipe de arqueologia está bastante grata — disse Penny.

— Como está a nave? — perguntou o Doutor.

A professora Holroyde verificou com o copiloto antes de responder.

— A água apagou temporariamente um dos nossos motores, mas acho que vamos conseguir acioná-lo de novo.

O Doutor sorriu.

— É bom ouvir isso.

— Tenham uma viagem tranquila — gritou Clara.

— Teremos, graças a vocês — disse Penny. — Vou soltar o gancho agora...

Com um som metálico abafado, as pinças na frente da *Carter* soltaram a corrente grossa. O Doutor sacou a chave de fenda sônica e disparou por cima do ombro. Um botão girou no console, e a corrente começou a se enrolar de volta para dentro da TARDIS.

Livre do cabo de resgate, a *SS Howard Carter* virou-se devagar e acionou a turbina restante, desaparecendo nas nuvens de névoa fina expelidas pelo mar tempestuoso. O Doutor e Clara ficaram no vão da porta, acenando, até a nave sumir de vista. Depois, fecharam as portas da TARDIS e se encararam.

— Aquilo — gritou o Doutor — foi tudo culpa sua! — Ele arrancou o paletó ensopado, jogou-o no ombro e então voltou ao console, seus sapatos encharcados fazendo um ruído.

Clara foi logo atrás.

— Como assim, minha culpa?

O Doutor digitou coordenadas no teclado do console.

— Eu estava me divertindo muito lá embaixo. Mas, não, você tinha que aparecer e estragar tudo!

— *Eu* estraguei tudo?

— É — retrucou o Doutor, sem tirar os olhos do console. — Você estragou tudo e encharcou minha gravata-borboleta!

— Pelo menos você está limpo — disse Clara. — Meia hora atrás você estava totalmente coberto de terra. Nós dois estávamos.

— É arqueologia — disse o Doutor, virando-se para encará-la. — É *normal* ficar sujo. Faz parte da diversão.

— Bem, não me pareceu divertido!

— E você deixou isso claro para todos nós, né?

O Doutor levantou as mãos, abrindo e fechando os dedos como se estivesse manipulando duas marionetes:

— Ah, Doutor! Estou tão entediada, e minha calça jeans está ficando cheia de lama! — O Doutor imitava a voz de Clara, como se uma das mãos estivesse falando. — Buá, buá!

“Então por que você não volta para a TARDIS enquanto terminamos?”, perguntou a outra mão, o Doutor.

“Não”, respondeu a mão Clara, “porque você vai perder totalmente a noção de tempo, como sempre, e vai se divertir muito sem mim.”

Clara olhou furiosa para as mãos do Doutor.

— Uma dessas sou eu?

O Doutor levantou a mão esquerda.

— Esta.

— E a outra é você?

— Isso.

— O queixo está muito pequeno — disse Clara, descendo pelos degraus no fundo da sala e começando a tirar as roupas molhadas.

O Doutor olhou de uma das mãos para a outra e abaixou os braços.

— De qualquer maneira, você não precisava estragar tudo — murmurou ele, virando-se rapidamente de costas quando percebeu que Clara estava trocando de roupa. — Não dá para fazer isso no vestiário da TARDIS?

— Não, não dá — disse Clara. — Foi ideia sua deixar uma muda de roupas na sala do console para emergências, lembra? Além do mais, se eu for até o vestiário, posso estragar mais alguma das suas coisas no caminho.

— Não precisa ser sarcástica — disse o Doutor, fazendo uma cara rabugenta. Ele mexeu na alavanca de voo e, com um assobio bem menos sofrido que antes, a coluna central começou a subir e descer. — Sarcasmo é a forma mais baixa de humor, sabe. Se bem que uma vez eu conheci um comediante santoniano que poderia reclamar para si o título.

— Ainda não entendi o que eu fiz de errado — disse Clara. — Só apertei alguns botões.

— Exatamente!

— Mas eu não sabia que tinham drenado um mar inteiro para a escavação, né?

O Doutor afastou o cabelo molhado dos olhos e cheirou os dedos.

— Caramba. — Sorriu. — Estou com um ligeiro cheiro de frutas! — A expressão séria voltou. — Por que você acha que a área de Venofax que estávamos escavando se chama Península do Oceano?

— Sei lá. — Clara deu de ombros. — Achei que fosse o nome de quem tinha descoberto o lugar. Dave Oceano, talvez?

— *Dave Oceano?* — perguntou o Doutor, erguendo uma sobrancelha.

— Ué, como é que eu ia saber? Você não me disse que eu estava sentada ao lado dos controles das comportas!

— Achei que não precisava — retrucou o Doutor, pulando de um lado para outro do console e girando um disco. — Não imaginei que

— Você ia começar a apertar botões a torto e a direito.

— Eu estava procurando água.

— Bem, você certamente encontrou.

— Tudo bem. — Clara suspirou. — Apertei os botões errados. Mas que negócio era aquele monte de espuma, e o mar todo fedendo a abacate?

— Essa é a questão! — gritou o Doutor, mudando de lado de novo para ajustar um disco. — Ninguém sabe! Os venofaxons estão extintos. Foi por isso que a professora Holroyde e a equipe dela passaram vários meses e gastaram muito dinheiro para drenar o mar, escavar debaixo dele e descobrir o que estava acontecendo. E aí você apareceu...

Já vestida com roupas secas, Clara subiu de volta até o nível do console e se deixou cair na cadeira ao lado da escada, de braços cruzados. Por um instante, nenhum dos dois falou. O único som foi o murmúrio rouco dos motores e de vez em quando o estalo de um interruptor enquanto o Doutor mexia nos controles. Satisfeito por tudo estar funcionando sem problemas, ele pegou o paletó reserva na cadeira em frente a Clara e desapareceu na passarela acima.

— Foi por isso que eu quis me envolver — gritou ele para a sala de controle. — Pense bem. Um mundo inteiro coberto por um mar de espuma de banho. É fascinante! Só precisaríamos encontrar um planeta povoado por patinhos de borracha de nove metros de altura e juntar tudo.

Apesar do mau humor, Clara riu.

— Não se esqueça da esponja gigante — disse ela. — Acho que vamos precisar de uma do tamanho de uma baleia-azul.

O Doutor reapareceu, completamente seco, e sorriu para Clara, mas o sorriso logo sumiu.

— Qual é o problema agora? — perguntou. — Achei que estávamos voltando ao normal.

— Estamos — disse Clara. — Bem, o normal daqui.

— Então, por que você está chorando?

— O quê? — Clara tocou o rosto. Os dedos ficaram molhados de lágrimas. — Não sei. Por que estou chorando?

De repente, houve uma explosão de fagulhas no console. O Doutor deu um pulo e afastou a nuvem da fumaça que se formou.

— O que aconteceu? — perguntou Clara, correndo até ele.

— Não tenho a menor ideia — respondeu o Doutor. — Espere. Tenho, sim. — Ele passou a mão pela superfície do console. Ela ficou molhada. — Acho... acho que a TARDIS também está chorando.

— Isso é ridículo — debochou Clara. — É só água com espuma de banho. Deve ter espirrado aí quando você enrolou a corrente.

O Doutor lambeu a ponta dos dedos.

— Não — disse ele. — Aquilo era abacate. Esta é salgada, como lágrimas. — Ele pensou por um segundo e se virou para Clara: — Você disse alguma coisa cruel para a TARDIS enquanto eu estava trocando de roupa?

— Não! Claro que não.

— Você disse que ela era gorda?

— O quê?

— Porque ela não é gorda. Ela só é maior por dentro.

— Você é doido. Sabe disso, né?

— Bem, ela não pode estar chorando à toa.

— Por que não? — perguntou Clara. — Eu também estou chorando, mas você não perguntou se ela *me* chamou de gorda.

Outra explosão de fagulhas fez os dois se agacharem embaixo do console para se proteger. Quando o Doutor se levantou de novo, viu o mostrador na sua frente pulando para um lado e para outro com um ritmo alarmante.

— Não, não, não, NÃO! — Ele ficou de pé de um salto e começou a mexer nos controles loucamente.

— O que houve? — perguntou Clara, espiando pela borda do console.

— As lágrimas da TARDIS estão provocando um curto-circuito no regulador lemnítico.

— *Não são* lágrimas! Provavelmente é só condensação ou alguma coisa assim.

— O que quer que seja, está nos tirando do curso. — O Doutor usou a manga para enxugar o console, mas não fez muita diferença. — Ahá! — gritou ele, percebendo o cachecol no pescoço de Clara. Ele o pegou para terminar o serviço.

— Ei! — gritou ela.

— Isso foi pela gravata-borboleta ensopada.

De repente, o chão se sacudiu com um *bum* conhecido, e o console ficou em silêncio.

— Pousamos — disse o Doutor.

— Onde? — perguntou Clara. — Quando?

— Não tenho certeza... — O Doutor correu até o monitor. A tela chiou para ele, uma massa cinza de estática. Em seguida, um rosto começou a se formar lentamente com partículas aleatórias no centro. Um rosto que ele não via fazia muito tempo.

— Astrid!

— Astrid? — repetiu Clara, correndo até ele. — O que é uma Astrid quando estamos em casa?

O Doutor logo desligou o monitor, parando por um segundo para organizar os pensamentos.

— Não é nada — disse ele, tirando os olhos do monitor. — Os circuitos temporais estão instáveis, só isso. Eles só vão nos dar um resultado preciso quando eu conseguir consertá-los. Até lá, só tem um jeito de descobrir onde e quando estamos...

Ele desceu os degraus aos pulos e abriu a porta.

— Maravilha! É um hospital — gritou ele. — O lugar certo para um Doutor.

Clara saiu da TARDIS e fechou a porta atrás de si. Sorriu para uma jovem apressada que passava com um buquê de flores.

— São bonitas — disse ela. — Aposto que vão alegrar o dia de alguém.

A mulher a encarou furiosa, como se tivesse sido insultada, depois saiu às pressas, com os olhos fixos no chão.

— Prazer em conhecê-la também — gritou Clara para ela. — Doutor...

Mas o Doutor já estava andando a passos largos pelo corredor, e para alcançá-lo Clara foi obrigada a se esquivar de uma enfermeira que fungava.

— Veja — disse ela, apontando para uma placa comemorativa na parede atrás do posto de enfermagem. — “Bem-vindos ao Parkland Memorial Hospital”. Já ouvi falar deste lugar.

— Sério? — perguntou o Doutor. — Onde?

— Não me lembro — respondeu Clara enquanto um auxiliar de enfermagem mal-humorado se aproximava deles, empurrando um paciente igualmente ranzinza em uma cadeira de rodas. — Mas duvido que tenha sido por ganhar o prêmio de “hospital mais alegre do ano”.

O Doutor levantou a mão para interromper o auxiliar e se abaixou para cumprimentar o ocupante da cadeira de rodas.

— Olá — disse ele. — Sou o Doutor. Como está se sentindo hoje?

— Já estive melhor — resmungou o velho. — Todos nós já estivemos.

— Sim, espero que esse seja o motivo para você estar em um hospital. Posso perguntar que cidade é esta?

O velho olhou para ele desconfiado.

— Que cidade?

— Sim. É um... hum... teste de raciocínio cognitivo. Você sabe, só para garantir que você não está maluco ou coisa parecida. E, mesmo que esteja, não tem importância. Algumas das melhores pessoas que eu conheço são, você sabe... meio tortas. Veja Isambard Kingdom Brunel, por exemplo. Louco de pedra. Ele só construiu aquelas pontes todas porque tinha medo de andar no chão. Dizia que fadas lhe mordiam tornozelos.

O auxiliar fez uma cara feia.

— Tem certeza de que você é médico?

— Absoluta! — respondeu o Doutor, com um sorriso enorme. — Na verdade... — Ele vasculhou os bolsos do paletó e puxou um estetoscópio, que pendurou no pescoço. — Pronto! Viu?

— Então, o que há de errado comigo? — perguntou o velho.

O Doutor pegou a chave de fenda sônica e rodou um diagnóstico rápido no corpo do homem.

— Cálculo renal — anunciou, avaliando os resultados. — Beba muito líquido e ficará ótimo daqui a alguns dias.

— Nada sério, então — disse Clara, se inclinando para dar seu sorriso mais largo ao homem. — Agora, pode nos dizer em que cidade estamos?

— Vocês me deixam doente! — resmungou o velho. E virou para o auxiliar. — Me tire daqui!

— Será que tem espinafre nos meus dentes? — perguntou Clara.

O Doutor pegou um jornal no bolso de trás do auxiliar enquanto o paciente era levado dali.

— Quem dera fosse algo tão fácil de resolver — disse ele, analisando a primeira página.

— Bem, alguma coisa fez esse pessoal comprar um bilhete só de ida para a Cidade dos Mal-Humorados!

— Acho que pode ser isto — disse o Doutor, mostrando o jornal. Era o *Dallas Morning News*.

A primeira página mostrava a foto de um homem do qual Clara se lembrava das aulas de história no colégio, com uma manchete em negrito acima. Ela leu em voz alta:

— “Kennedy Assassinado em Dallas Street”. — Ela arquejou. — Mas isso significa...

— Sim — disse o Doutor, apontando para a data no alto da página. — Hoje é 23 de novembro de 1963. Estamos em Dallas, Texas, no dia seguinte ao assassinato do presidente John F. Kennedy.

Capítulo 2

Mae Callon empurrou a pilha de papéis para o lado, cruzou os braços em cima da mesa e abaixou a cabeça para uma última tentativa de dormir. Tinha sido uma noite longa — a mais longa da qual ela se lembrava desde que começou a trabalhar no *Morning News*, havia cinco anos. Uma noite que ela jamais esqueceria, por mais que tentasse. Mas, como antes, o sono não chegava.

As imagens e os sons a perseguiram, do mesmo jeito que em todas as vezes que ela fechava os olhos desde o dia anterior. O sol forte iluminando a Dealey Plaza enquanto as pessoas esperavam animadas para ver o comboio pela primeira vez. O presidente Kennedy, sua esposa e o governador Connolly acenando para a multidão. A própria Mae, subindo na ponta dos pés para ver melhor o presidente — e rabiscando com o lápis a superfície do bloco de notas. E um brilho — bem longe à direita e no alto. Parecia vir do depósito escolar. Um estalo — como um chicote. E outro brilho. E mais um. E os gritos. Meu Deus, os gritos.

Mae se obrigou a se sentar e abrir os olhos. Ela mesma não vira as balas atingirem o presidente e o governador Connolly — havia gente demais na sua frente —, mas falou com muitas pessoas que tinham visto. As descrições foram horríveis. Relatos que ela precisara transcrever para sua matéria na edição matinal. Agora estavam

gravados em sua mente como se ela tivesse testemunhado tudo, e ela não estava sozinha no luto. O som de choro vinha de toda a redação à medida que o impacto total dos eventos do dia anterior era percebido.

Ela deslizou a cadeira para trás. Se não ia dormir, podia trabalhar. Tinha que escrever um texto sobre as primeiras 24 horas de Lyndon B. Johnson como presidente e, se ela ia encará-lo sem dormir, precisava de um café. Atravessou a redação, tentando não olhar para Kennedy na primeira página do jornal — havia um exemplar em todas as mesas dos outros repórteres. Se ela não olhasse para a foto, talvez pudesse apagar por um tempo as imagens em sua mente.

Depois de pegar o café, Mae voltou até a mesa — evitando habilmente mais uma conversa do tipo “não é terrível?” com um dos subeditores. Colocou o café no lugar de sempre, acrescentando mais uma marca às manchas de vários anos na madeira, virou o jornal para Kennedy não encará-la e puxou a máquina de escrever para perto de si.

Mae tinha apenas o título — “Juramento no Avião” — quando um envelope pardo caiu no teclado.

— Esqueça o texto sobre o Johnson — disse seu editor, Ben Parsons. — Vou passar isso para o Jim.

Mae olhou para o chefe, surpresa.

— Jim? — perguntou. — Ele não tem trabalho suficiente com o caderno de esportes?

Ben suspirou.

— Você acha que alguém vai prestar atenção a esportes nos próximos dias?

— Acho que não.

— Jim é um bom rapaz — disse Ben. — Ele quer se mudar para o andar das notícias. Fazer a matéria sobre o Johnson vai ajudá-lo.

— Então o que é isto? — perguntou Mae, pegando o envelope para abri-lo. Ben colocou a mão na dela para impedi-la.

— Isso... não é agradável — explicou ele. — São fotos da filmagem feita por um cara chamado Zapruder. Ele estava no lado oposto ao seu da rua ontem e registrou tudo em filme. Tudo.

— O quê? Como você conseguiu as imagens tão rápido?

— A revista *Life* fez a Kodak acelerar a revelação — respondeu Ben. — Eles planejam publicá-las na edição desta semana e, desde que a gente não roube o furo deles, recebi a permissão de um amigo de lá para você usá-las também. Ele mandou as imagens por avião hoje de manhã.

Mae pareceu surpresa.

— Por que eu?

— Olhe à sua volta — respondeu Ben. — Não duvido que qualquer um desses manés iria se esbaldar com estas imagens. Fazer uma matéria enorme e sangrenta com elas. Mas confio em você.

— É... muita gentileza sua — disse Mae.

Ben deu um risinho.

— Não estou fazendo isso para ser gentil, Mae. Estou fazendo porque é o meu trabalho. Você vai tratar estas imagens com respeito, e é disso que as pessoas precisam depois de uma confusão absurda como essa: um pouco de respeito. Não um espetáculo de horrores nojento.

Mae esperou até Ben sair antes de tomar um gole de café e abrir o envelope. Tirou as fotos com o verso branco para cima. Depois de um instante, respirou fundo e as virou.

As fotos eram tudo que ela temia que fossem. Um registro genuíno, segundo a segundo, do assassinato do presidente John F. Kennedy. Ela as folheou com as mãos trêmulas. O presidente Kennedy acenando para a multidão. O presidente Kennedy levantando as mãos para apertar o pescoço. Jacqueline Kennedy se inclinando em direção ao marido ferido. E, depois — ai, meu Deus —, a cabeça do presidente Kennedy. Ela simplesmente... Ela...

Mae jogou as fotografias para o lado, com os olhos se enchendo de lágrimas. Pegou o café, deu um grande gole e estava quase colocando a caneca na mesa quando algo incomum chamou sua atenção. A mancha de café na madeira. Nunca tinha olhado muito bem para ela. Mas agora olhou. Agora, com a marca mais recente do café atual, a mancha formava um rosto. O rosto de sua falecida avó.

Secando as lágrimas, Mae colocou o café no outro lado da mesa e analisou a mancha. A semelhança com a vovó Betty era incrível. As manchas marrons no centro eram iguais aos olhos dela — delicados, amorosos e travessos. E as linhas curvas no alto, que ela sabia que não eram nada além de anéis parciais formados por café derramado, formavam os cachos do cabelo dela. Vovó Betty sempre os cortava do mesmo jeito, uma vez por mês sem falta — bem daquele jeito! E a boca. A boca era igualzinha à dela. Lábios cerrados, sorrindo e repreendendo ao mesmo tempo. Prontos tanto para elogiar quanto para criticar.

Mae levou a mão à boca e riu. Se não tivesse parado de frequentar a igreja pouco depois da morte da vovó Betty, teria chamado isso de milagre. Agora, a única palavra que tinha para isso era... bem, ela não tinha nenhuma palavra para isso, exceto esquisito. Precisava pedir para Phil pegar sua câmera e tirar uma foto da...

— Por que você não estava lá?

Mae ficou paralisada.

— Quem foi que falou?

— Quem você acha, garota?

Mae encarou a mancha.

— V... vovó?

Não podia ser! Não... não devia ser! O rosto da vovó Betty na mesa estava se mexendo!

— No hospital, Mae. Por que você não estava lá? No fim?

Mae afastou os olhos da imagem impossível e examinou a redação à sua volta, certa de que haveria alguém a observando cair

nessa pegadinha doentia — ou o que quer que fosse. Mas todo mundo estava muito concentrado no trabalho. Ninguém estava olhando na direção dela.

Tudo bem, então não era pegadinha. Devia ser sono. Sim, era isso. Sua cabeça estava começando a pregar peças. Ou isso ou ela estava enlouquecendo. Mas e se — e se — estivesse acontecendo de verdade? Só havia um jeito de descobrir...

Ela olhou de novo para a mesa.

— Tive que ir a Washington, vovó. Pelo jornal. Cuba estava ameaçando lançar mísseis...

— Você sempre colocou seu emprego acima da família! — reclamou a mancha.

Mae sentiu os olhos se encherem de lágrimas de novo.

— Eu tentei voltar para casa, vovó. Quando disseram que você não tinha muito tempo. Mas houve um problema com o radar no aeroporto, e tudo atrasou. Não consegui um voo.

— Depois de tudo que eu fiz por você! Praticamente criei você depois que aquele seu pai inútil foi embora e sua mãe começou a beber. Você me deixou morrer sozinha de propósito!

Mae ficou chocada com a acusação.

— O quê? Não, eu...

— Pretendia voltar para casa e ter acesso às economias da vovó Betty, não é?

— Não! Vovó, você era a pessoa mais importante da minha vida!

Aos poucos, o rosto de mancha de café começou a se destacar da mesa — a madeira se esticava e entortava, assumindo uma forma tridimensional. O verniz desgastado das fibras se transformou na pele enrugada da idosa, e os olhos e a boca deram lugar a buracos escuros e vazios. E a boca continuava a se mexer, falar, acusar.

— Você nunca deu a menor bola para mim, Mae Louise Callon. Você só queria o meu dinheiro.

— Não, não é verdade!

A cabeça estava quase completa agora, retorcendo-se e jogando a papelada de Mae no chão.

— Vovó Betty — disse ela, soluçando. — Você tem que acreditar em mim!

E então a boca da velha se escancarou — mais do que seria possível para qualquer boca humana — e começou a gritar.

Mae deu um pulo para trás, derrubando o restante do café no chão. Por instinto, ela tentou pegar a caneca, derramou café quente no braço e soltou um grito. Ficou de pé de um salto, pegou a máquina de escrever com a mão ilesa e bateu com força no rosto retorcido.

— Não! Não! Não! — gritou Mae. Ela bateu várias vezes na visão até que, depois de um tempo, o rosto recuou de novo para a mesa, voltando a ser apenas uma mancha de café.

Quando Mae se deixou cair de volta na cadeira, cobrindo a queimadura vermelha no braço com a mão, a redação inteira tinha parado de trabalhar para encará-la.

Capítulo 3

A janela de onde o atirador aparentemente disparara contra o presidente Kennedy ficava no sexto andar do depósito escolar — exatos cinco andares a mais do que o agente do FBI Warren Skeet queria subir.

Pela porta, ele olhou para os agentes mais jovens e em melhor forma que vasculhavam a Dealey Plaza em busca de pistas, indícios que pudessem reforçar o caso contra o jovem que a polícia tinha prendido pela atrocidade do dia anterior. Mais ao longe, atrás do cordão de isolamento, uma multidão de espectadores atordoados e chorosos estava ali para ver a cena do crime com os próprios olhos.

Warren sabia que podia pedir para trocar com um dos agentes jovens, tirar vantagem de seus anos de experiência para conseguir o trabalho agradável de ficar zanzando ao sol enquanto um dos outros vasculhava o sexto andar. Mas isso seria admitir que ele estava velho e fora de forma demais para subir as escadas. Não seria um grande problema no início — só umas risadas perto da cafeteira —, mas, em algum momento, ele chegaria ao trabalho e encontraria um envelope colado na porta de seu armário, e esse seria o fim de sua carreira.

Ainda assim, ele podia postergar a subida. Podia almoçar cedo no Don's Bar, onde um queijo-quente e um gole restaurador de uísque sempre faziam maravilhas com seu humor. Havia o risco constante

de o chefe de polícia estar lá — essa era a desvantagem de frequentar o chamado “bar do FBI” —, mas, se ele comesse o sanduíche depressa e mantivesse o uísque escondido, não teria dor de cabeça. Incapaz de decidir, resolveu deixar a escolha para o universo e pegou uma moeda no bolso. Cara para o uísque, coroa para as escadas...

Droga! Ele se dirigiu às escadas.

Warren tinha começado como novato havia quase quarenta anos. Uma ficha excelente e o progresso rápido pela hierarquia significava que logo o perceberiam e ele seria recrutado pelo FBI. No começo da carreira ele tivera um parceiro — um cara quase da mesma idade, mas os dois não poderiam ser mais diferentes. Jock tinha esposa e filhos, uma família feliz, o pacote completo. O casamento de Warren havia durado menos de um ano, e ele não pretendia tentar de novo. Jock certa vez disse que o lado bom era que Warren e Shirley não tiveram filhos. Não havia ninguém no meio, nenhuma necessidade de continuar em contato com a mulher que o trocara pelo açougueiro do bairro, dentre todas as pessoas do mundo. É... Ninguém para telefonar no aniversário nem no Dia dos Pais. Ninguém para lhe dar um bom motivo para manter o apartamento limpo ou se controlar na bebida.

Apesar disso, tudo que faltava na sua vida era compensado por Jock. A família de seu parceiro o recebeu em casa de braços abertos. Eles até compraram uma cama para o porão, assim Warren não precisaria dirigir para casa tarde da noite depois de um carteadado ou quando ele e Jock comemorassem o fechamento de um caso com algumas cervejas. Apesar de ser solteiro, Warren não se lembrava de ter passado um dia de Ação de Graças ou Natal sozinho. Pelo menos, não até aquela tarde de domingo no aeroporto...

Warren chegou ao terceiro andar e parou para respirar — embora fosse mais adequado dizer que ele parou por causa de um acesso de tosse horróroso. Sentia o coração martelando no peito, e a camisa estava grudada de suor nas costas. Ele nunca foi o cara mais atlético

da equipe — Jock também ganhava nesse quesito. E ele sempre se perguntava se as coisas teriam sido diferentes se ele tivesse optado por correr em vez de passar os fins de semana no sofá ouvindo o jogo no rádio e tomando umas cervejas.

Houve boatos de que estava para acontecer uma grande reunião de chefões da máfia — bem ali na região deles. Alguns dos maiores gângsteres do país iriam de avião para Dallas. Para agentes vorazes como Warren e Jock, era como se alguém entregasse de bandeja metade dos criminosos mais procurados dos Estados Unidos.

Os dois tinham passado dois dias direto de tocaia no aeroporto até verem o primeiro alvo. Um novo chefe da máfia de New Jersey chamado Pinky Bradford. Ele estava acompanhado de alguns capangas, que, a julgar pelo volume sob os casacos, deviam estar armados. Então, o plano era segui-los até o hotel e pegá-los desprevenidos. Pelo menos era assim que Warren esperava que o plano funcionasse.

Jock não quis sair do aeroporto, para o caso de algum outro nome da lista chegar de repente e os louros irem para agentes rivais. Assim, ele seguiu Bradford e seus capangas até o ponto de táxi e tentou prendê-los sozinho. Quando Warren percebeu o que o parceiro estava fazendo, era tarde demais. Ele correu, mais rápido do que nunca, ao ouvir o som de tiro — mas ainda parecia que tudo estava acontecendo em câmera lenta. Ao sair do terminal, viu Jock caído e morrendo. Warren deu alguns tiros e feriu um dos capangas de Bradford, mas não pôde fazer nada pelo parceiro.

Depois do funeral, Warren tentou visitar a esposa e os filhos de Jock algumas vezes, mas o clima logo esfriou. Ele sabia que não podia ser responsabilizado pela morte do parceiro — ele nem imaginara que o amigo pretendia agir tão rápido —, mas a família de Jock estava furiosa por ele não ter feito a coisa certa e morrido também. Depois daquele dia, Warren passou a trabalhar sozinho e em casos bem menos importantes. Os dias de prender mafiosos tinham ficado para trás. Agora ele passava a maior parte do tempo

perseguindo ladrões e vigaristas. Se não fosse a exigência de “força total” naquela investigação, Warren não tinha dúvida de que estaria fazendo cafezinho para os outros agentes.

Quando ele chegou ao sexto andar, tinha começado a chover. Alguns agentes da perícia estavam terminando, guardando os equipamentos. Eles trocaram um olhar irônico quando viram o rosto vermelho de Warren.

— Ei, Skeet! Tudo bem, cara? Você não me parece bem.

— Estou ótimo — retrucou Warren. — Já terminaram de brincar com os pincéis de maquiagem?

Sem disfarçar muito o olhar de desprezo, o pessoal da perícia desapareceu, deixando Warren sozinho. Ele esperou alguns minutos para acalmar a respiração difícil e foi até a janela supostamente usada pelo atirador. A área toda ainda estava coberta de pó para colher impressões digitais, então, com cuidado para não encostar em nada importante, ele foi até a janela e se inclinou para ter uma visão melhor da praça abaixo. Caramba, como era longe. Esse cara devia ser um belo atirador para...

— Ei, parceiro!

Warren girou nos calcanhares, esperando encontrar mais um sujeito da perícia pronto para ridicularizá-lo, mas ele estava sozinho. Alguém deve ter deixado o radiocomunicador ali em cima. Ele se virou para a janela de novo — e encontrou Jock o encarando.

Não, não era Jock. Era apenas um desenho formado pela chuva no vidro da janela, mas se parecia com Jock. Era exatamente como Jock. E se mexia!

— O que houve, amigão? — disse o rosto molhado. — Não vai dizer nada para o seu parceiro?

Warren ficou sem respirar.

— Jock? — murmurou.

— O próprio, rapaz! — responderam as gotas de chuva. — Eu perguntaria como você tem passado, mas já está bem na cara.

De novo Warren olhou à volta, quase esperando ver o próprio corpo esfriando rapidamente no alto da escada. Mas o bate-estacas que martelava em seu peito dizia que ele ainda estava bem vivo. Então devia ser um dos outros agentes.

— Certo, muito engraçado, pessoal! — gritou ele. — Você que está fazendo isso é um babaca!

— Ninguém está fazendo nada, amigão! — disse Jock. — Muito menos você.

Warren se virou de novo para o parceiro morto:

— Como assim?

— Onde estava meu apoio, cara? Onde você estava quando as balas começaram a voar?

— Eu estava correndo para ajudar você! — gritou Warren.

— Correndo uma ova! — Jock riu de um jeito maldoso. — Só vi você correr foi para a bancada do bar. Você me deixou na fogueira, Skeet. Você me deixou lá para morrer!

Warren estendeu a mão, apoiando a palma no vidro da janela. Danem-se as impressões digitais.

— Você não pode me culpar por isso. Eu... eu não estava pronto. Você agiu sozinho!

— Você me abandonou! — gritou Jock. O vidro da janela começou a inflar para dentro, e Warren deu um pulo para trás, afastando a mão como se tivesse se queimado. — Você devia me dar apoio, mas me abandonou!

— Não, não... não foi nada disso! — Warren começou a recuar, mas o rosto continuou vindo, se esticando para dentro do prédio até parecer uma cabeça inteira.

— E eu sei exatamente por que você deixou me matarem — berrou Jock. — Todo aquele tempo que você passava na minha casa com a Cathy e as crianças; você queria aquilo tudo. Tinha que me tirar da jogada para ficar com a minha família!

Warren sentiu os olhos arderem com as lágrimas.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? — gritou ele. — Eu jamais faria isso com você. Você era meu parceiro! Era meu amigo!

O rosto de vidro se retorceu, com os traços de gotas de chuva formando um olhar de desprezo.

— E eu morri por sua causa!

— *Não!* — Warren pegou uma caixa de livros e jogou no rosto. A caixa arrebentou a janela e caiu com um barulho pesado seis andares abaixo.

Imediatamente, o rádio de Warren estalou.

— Agente Skeet! Precisa de ajuda? Repito: precisa de ajuda?

Da janela quebrada, Warren olhou para os agentes mais jovens que o encaravam lá de baixo e soltou o rádio do cinto.

— Negativo — respondeu. — Não preciso de ajuda. Eu, hum... tropecei e derrubei uma pilha de caixas. — Ele pegou uma moeda no bolso e estava prestes a jogá-la quando parou, encarou-a por um segundo e a colocou de volta no bolso com um suspiro. — Digamos que deu coroa — disse para si mesmo. — Vou sair para um almoço longo e regado.

Capítulo 4

— Próximo!

Mae afastou o pano úmido da queimadura no braço apenas por tempo suficiente para dar uma espiada e fazer uma careta. Depois, seguiu o som da voz e entrou no consultório.

A pessoa sentada à mesa não era exatamente o que ela esperava. O sujeito usava um paletó roxo, em vez de jaleco branco — mas tinha um estetoscópio pendurado no pescoço. E, quando falou, o sotaque parecia britânico.

— Olá! — disse ele, alegre. — Sou o Doutor. E hoje também sou *médico*. Muito empolgante! Esta é minha amiga, a enfermeira Clara. — E apontou para uma menina recostada na parede no fundo da sala, que acenou de um jeito simpático. A roupa dela não se parecia em nada com a de uma enfermeira.

— Eu, hum... escalei meu braço — disse Mae. — A mulher do pronto-socorro me mandou para cá, mas não sei se vim ao lugar certo.

— Claro que você está no lugar certo — respondeu o Doutor, com um sorriso largo. — É evidente que sou um médico, e você tem um machucadinho. — Ele parou e olhou na direção de Clara. — Você diria que “machucadinho” é a palavra certa para um caso como este, enfermeira?

— Cedo demais para saber — respondeu Clara —, pelo menos até examinarmos a paciente. Poderia ser um “dodói”.

— Muito bem colocado. Vai ganhar uma estrelinha! — O Doutor girou uma volta completa na cadeira até parar de frente para Mae de novo. — Qual é o seu nome?

— Mae. Mae Callon.

O rosto angular do Doutor se abriu em um amplo sorriso.

— Então, Mae Callon. Vamos dar uma olhada nessa sua queimadura...

Com cuidado, Mae tirou o pano úmido e revelou a marca vermelha inflamada no antebraço esquerdo. Clara arquejou ao ver.

— Bem, isso — disse o Doutor, inclinando-se para ver melhor — definitivamente é um “dodói”. E você percebeu, Mae, que a forma da queimadura se parece um pouco com um rosto?

O efeito foi instantâneo. Mae desabou no chão, chorando de soluçar. O Doutor se recostou, com os olhos arregalados de preocupação, enquanto Clara corria para abraçar a menina.

— Você pode ter um estetoscópio — chiou ela, ajudando Mae a se levantar até a cadeira —, mas seu trato com os pacientes é péssimo!

O Doutor pareceu horrorizado.

— O que foi que eu disse? — murmurou ele.

— Não sei — respondeu Clara. — Mas você já fez duas pessoas chorarem hoje. Três, se incluirmos a TARDIS.

— Está tudo bem — disse Mae, fungando e secando os olhos com a mão boa. — Não fiquei chateada com nada do que você disse. É que o rosto é exatamente igual ao da minha avó Betty.

Fazendo muito barulho, o Doutor arrastou a cadeira para ficar em frente a Mae.

— Avó Betty, é? E eu estaria certo ao pensar que a vovó Betty já morreu?

O Doutor se preparou para outro ataque de choro, mas não aconteceu. Mae simplesmente fez que sim com a cabeça.

— Como você sabia? — perguntou Clara.

— Digamos que chutei certo — respondeu o Doutor. Ele pegou um equipamento médico de aparência esquisita e segurou o pulso esquerdo de Mae. — Posso?

Mae fez que sim mais uma vez. O Doutor apertou um botão no equipamento, que emitiu um apito agudo e acendeu uma luz verde forte. Quando a luz passou pela pele levantada, o rosto formado pela queimadura começou a se mexer. Os olhos se abriram de repente, e a boca se retorceu em uma expressão de desprezo.

— Não! — gritou Mae. — Está acontecendo de novo! — Ela tentou livrar o pulso da mão do Doutor e esconder aquele rosto, mas ele a segurou com firmeza.

— Vou fazer você sofrer, garota! — rugiu o rosto da vovó Betty ao se elevar da pele do braço de Mae. — Vou fazer você sofrer muito! Você vai pagar por todos os momentos em que cobiçou minhas economias!

— Mas eu não queria nada — gritou Mae. — Eu só queria que você ficasse bem de novo.

Contorcendo-se e se distorcendo, o rosto cresceu. Parecia que a velha estava presa sob a pele do antebraço de Mae, tentando sair.

Clara olhou para cima e encarou o Doutor.

— Doutor?

— Uma queimadura consciente! — proclamou o Doutor. — Um ferimento que fala! Um machucado com opinião! — Seus olhos se iluminaram com a última analogia. — Essa é nova para mim.

— E o que vamos fazer?

— O que sempre fazemos — disse o Doutor, sem hesitar. — Vamos lhe dar uma chance. — Ele girou o braço de Mae de modo que o rosto quase completo o encarasse.

— Meu nome é Doutor — disse ele. — Quem ou o que é você?

O rosto virou os olhos vermelhos na direção do Doutor.

— Sou a avó da garota, é claro.

— Não — disse o Doutor, balançando a cabeça. — Seja o que for, definitivamente você *não* é a vovó Betty. A menos, é claro, que a

vovó Betty tenha nascido em um mundo distante e viajado milhares de anos-luz até aqui para iniciar uma família...

Uma ideia lhe ocorreu de repente, e ele abaixou o braço de Mae.

— Não foi isso, não é?

Mae piscou, os olhos cheios de lágrimas.

— O quê? Não!

— E ela não era feita de plástico? Com uma mão que se abria e tinha uma arma dentro?

Mae encarou o homem esquisito como se ele fosse maluco.

— Do que você está falando?

— Acho que não, então! — O Doutor fez o rosto se levantar até o dele de novo. — Então quero que você me diga a verdade. Quem é você, e o que deseja?

O rosto sibilou com raiva e começou a se retrair para a pele do braço de Mae.

— Ah, não! — gritou o Doutor, apontando o instrumento médico para Betty e forçando o rosto a voltar para cima. — É muita falta de educação ir embora no meio de uma conversa! Agora, diga quem você é.

Quando o rosto falou de novo, a voz havia mudado. Estava mais grave, mais ressonante. E parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo:

— A Mortalha se saciará!

— Mortalha... — disse o Doutor. — Nunca ouvi falar de você. Quantas existem? E vai se saciar de quê?

Antes que a Mortalha respondesse, a porta do consultório se abriu e uma mulher de meia-idade com corte de cabelo austero entrou. Estava com um jaleco branco e também tinha um estetoscópio pendurado no pescoço.

— O que você está fazendo no meu consultório? — perguntou.

O Doutor desligou a luz verde.

— Está tudo bem — disse, confiante. — Sou o Doutor.

— Não — retrucou a mulher. — Eu sou a doutora.

Clara se levantou de um salto e sorriu.

— E eu sou enfermeira — disse, estendendo a mão —, mas estou disfarçada no momento, sem uniforme.

A mulher olhou para Mae, que deu de ombros.

— Não sei quem eles são nem do que estão falando. Eu só vim aqui para tratar da minha queimadura.

— E agora veja o que aconteceu com ela! — gritou o Doutor. Mae olhou para o braço e descobriu que a Mortalha tinha desaparecido. Restava apenas a queimadura original em formato de rosto.

— Vou perguntar de novo — disse a mulher com firmeza — e, desta vez, espero a verdade. O que vocês estão fazendo no meu consultório?

O Doutor arregalou os olhos.

— *Seu* consultório? Ah! Nesse caso, você deve ser... — Ele deslizou a cadeira de volta até a mesa e começou a vasculhar a papelada. — Dra. Mairi Ellison. Ah, que nome ótimo! Mairi! — Ele o revirou na boca algumas vezes, experimentando diferentes inflexões: — MAIri! MaiRI! MAIRI! Um nome tão escocês que quase dança na boca! — Ele se ergueu de um salto e beijou o ar nos dois lados do rosto confuso da médica. — Estou absolutamente encantado em conhecê-la, Mairi! Você tem um consultório muito agradável, mas sua mesa podia ser mais arrumada.

— Ah, sim... Tudo bem — respondeu a dra. Ellison. — Você disse que também é médico?

— Disse sim, com certeza. — O Doutor tinha um sorriso enorme e balançava a ponta do estetoscópio no ar. — Também sou médico.

— Isso não explica o que vocês estão fazendo no meu consultório.

— Ah! Bem... — O Doutor olhou para Clara em busca de uma explicação, mas ela apenas deu de ombros. — Eu, hum... É isso! Sim! Eu queria uma segunda opinião.

— Sobre o quê?

O Doutor pegou o pulso de Mae novamente e mostrou a queimadura à dra. Ellison.

— O que você acha disto?

A dra. Ellison tirou os óculos do bolso do jaleco e os colocou no rosto.

— É uma queimadura — disse ela, examinando a marca. — Bem feia, por sinal. — Ela olhou para Mae. — O que foi? Café?

Mae fez que sim com a cabeça.

A dra. Ellison tirou os óculos.

— É, foi o que eu imaginei. Fiz algo parecido no meu braço ano passado.

— É mesmo? — perguntou o Doutor, girando seu estranho instrumento médico na mão livre. — Mas a pergunta é: a sua fazia isto?

Ele emitiu outro pulso de luz verde e começou a puxar o rosto da vovó Betty para fora do braço de Mae outra vez. A queimadura começou a rosar de raiva.

A dra. Ellison recuou, apavorada.

— O que é isso?

— Isto? — perguntou o Doutor, levantando seu utensílio bizarro. — É uma chave de fenda sônica. Usa ondas sonoras para vibrar um cristal raro que só é encontrado em...

— Não isso — interrompeu a dra. Ellison, apontando para a vovó Betty. — Aquilo!

— Ah, são chamadas de Mortalha — respondeu o Doutor —, mas, fora isso, não tenho a menor ideia. No entanto, sei que ela deve ser escondida imediatamente. Você acha que pode cuidar do ferimento de Mae para mim? Vou fazer o possível para manter Betty sob controle enquanto você trabalha.

Mudando o ajuste da chave de fenda sônica, o Doutor emitiu um pulso atrás do outro no rosto saliente até que um deles teve o efeito desejado: forçou a Mortalha a voltar para o antebraço de Mae.

— Agora! — gritou o Doutor, mantendo a chave de fenda sônica firme.

A dra. Ellison pegou um kit de primeiros socorros na mesa e, com os dedos trêmulos, colocou um pedaço de gaze na queimadura. Em seguida, começou a enfaixar o braço de Mae para manter a gaze no lugar.

— Isso vai funcionar? — perguntou Clara ao Doutor. — Se o rosto estiver escondido, vai deixar Mae em paz?

— Não tenho ideia — respondeu o Doutor. — Mas, no momento, é o melhor que consigo pensar. Deve ter sido por causa da Mortalha que a TARDIS nos trouxe aqui, mas...

Suas palavras foram abafadas por um grito agudo vindo do corredor. O Doutor deu um sorriso para Clara.

— Estão tocando a nossa música, querida.

Clara estendeu a mão.

— Vamos fazer o passinho do corredor?

Os dois saíram às pressas do consultório, seguidos de perto pela dra. Ellison e por Mae, com o ferimento no braço agora devidamente tratado.

— Por aqui! — gritou o Doutor, correndo na direção do barulho. Mas dera apenas alguns passos quando um segundo grito veio da direção oposta.

O Doutor parou, virou-se na direção do segundo grito e se virou de novo para o primeiro. O volume dos dois aumentava e ambos pareciam igualmente urgentes. Ele pulou de um pé para o outro, sacudindo a chave de fenda sônica com ansiedade.

— Argh!

— Nessas horas seria bom se houvesse dois Doutores! — exclamou Clara.

— Mas aqui tem dois doutores — disse Mae.

O Doutor girou nos calcanhares e pegou Mae pelos ombros.

— Sim! — exclamou ele. — Claro! Genial! Podemos nos dividir em duas equipes! Mae e eu seremos a Equipe A... Dra. Ellison, Mairi,

— você e Clara podem ser a Equipe C.

— E a Equipe B? — perguntou Clara.

— Nunca tenha uma Equipe B — disse o Doutor, muito sério. — É como um Plano B, sempre a pior alternativa. Enquanto o Plano C e, por extensão, a Equipe C, normalmente é resultado de ideias novas.

— A Equipe C pode ser de Equipe Clara — sugeriu Clara.

— Então a Equipe C é o máximo! — respondeu o Doutor, com uma piscadela.

E, com isso, ele segurou a mão de Mae e correu na direção do primeiro grito.

O Doutor e Mae encontraram a gritadeira original em uma das salas de parto ligadas à ala de maternidade. Era uma grávida com cabelo loiro — no momento, grudado à cabeça por uma camada de suor. Ela estava deitada com os joelhos levantados em um leito coberto por lençóis amassados e úmidos, e um lençol fino de hospital cobria seu corpo.

A mulher parou de gritar assim que o Doutor entrou no quarto e começou a ofegar muito.

— Olá, Ruby! — disse ele, lendo o nome no prontuário pendurado acima do leito. — Sou o Doutor. Qual é o problema?

A mulher gritou de novo e agarrou a mão do Doutor, apertando com a força de um torno mecânico.

— Ai ai ai ai ai! — gemeu o Doutor, tentando livrar a mão, mas sem sucesso. — Caramba! Esqueçam as armas nucleares. Mandem um exército de grávidas para Cuba e a coisa toda se resolve em um dia.

— Está chegando! — berrou Ruby entre respirações ofegantes. — Estou sentindo! Está chegando! — gritou ela de novo, apertando a mão do Doutor com mais força ainda.

O Doutor pegou a chave de fenda sônica e a usou para relaxar os dedos da mulher por tempo suficiente para ele se libertar.

— Quem está chegando, Ruby? — perguntou, sacudindo a mão amassada para fazer a circulação voltar. — Quem?

— É possível que ela esteja falando disto, Doutor — disse Mae, levantando o lençol e revelando a camisola florida da mulher. Havia uma grande saliência sob o tecido estampado.

— Uau! — disse o Doutor, de repente muito pouco à vontade. — Isso é algo novo. Em todos os sentidos da palavra.

Ele avistou uma enfermeira deitada no chão aos pés do leito da mulher.

— Ah, que ótimo! — exclamou. — Alguma coisa diferente para ver.

Ele logo se inclinou e examinou a enfermeira com a chave de fenda sônica. Mae assumiu o lugar do Doutor ao lado do leito, molhando uma toalha em uma jarra de água para umedecer a testa da mulher.

— O que aconteceu com a enfermeira? — perguntou ela.

— Desmaiou — respondeu o Doutor. — O que é meio estranho, pensando bem. Ela deveria estar acostumada a esse tipo de coisa.

— Doutor... — disse Mae, se afastando do leito devagar.

O Doutor ignorou Mae e deu um tapinha na bochecha da enfermeira desmaiada.

— Oi? — chamou ele, com delicadeza. — Alguém aí?

— Doutor!

O Doutor vasculhou os bolsos e estalou a língua.

— Deixei meus sais soborianos no paletó molhado.

— *Doutor!*

— O que foi?

— É a Mortalha!

O Doutor ficou parado como um suricato assustado, observando a sala. Seu olhar parou no padrão florido da camisola ensopada de suor de Ruby. As imagens de margaridas na parte da frente, que cobria a barriga da futura mamãe, formavam um rosto. O rosto de

um homem. Do mesmo jeito que o rosto na queimadura de Mae, ele começou a inflar, abrindo e fechando a boca horrivelmente retorcida.

— Mulher! — gritou o rosto. — Você sabe muito bem que esse filho não é meu! Não vou pagar pensão para o filho de outro!

Ruby virou o rosto de lado, afundou no travesseiro e começou a chorar, sacudindo o corpo todo a cada soluço.

A cabeça da Mortalha agora estava totalmente formada. Ela girou para encarar Ruby.

— É isso mesmo, mulher! Continue chorando! — gritou. — É só isso que você sabe fazer!

— Ai, meu Deus! — disse Mae, quase sem conseguir olhar. — Quem é esse?

— Esse é o meu marido, Tyler — falou Ruby, aos soluços. — Mas não deem ouvidos a nada disso. Ele é o pai do meu filho.

— Não tenho a menor dúvida — respondeu o Doutor. — Só acho que ele não deveria estar aí com o bebê!

— Ele estava na cadeia — disse Ruby —, mas me disseram que ele morreu em uma briga.

— Receio que isso seja bem provável — comentou o Doutor. Ele se aproximou do leito, com a chave de fenda sônica estendida para a frente. — Eu sei que você não é Tyler de verdade. Você é a Mortalha!

A cabeça florida lançou um olhar furioso para o Doutor.

— A Mortalha se saciará! — A voz assumiu o mesmo tom mais grave de antes e pareceu reverberar de todos os cantos da sala ao mesmo tempo.

— Não no meu hospital! — respondeu o Doutor, ativando a chave de fenda sônica. O rosto berrou como um touro bravo e começou a afundar de volta para o tecido da camisola. Assim que desapareceu, o Doutor pegou o lençol e voltou a cobrir Ruby. — Não deixe ninguém espiar sua camisola — disse ele. — E é uma ordem.

Ele girou a chave de fenda como se fosse um revólver e abriu um sorriso largo para Mae.

— Mais um beija a lona!

E então Ruby gritou de novo.

— Está vindo! — berrou ela. — Está vindo!

O Doutor se virou, suspirando.

— Eu falei para não tirar o lençol!

— Hum... o lençol está no lugar, Doutor — disse Mae com um sorriso. — Agora ela está falando de outra pessoa.

O Doutor pareceu confuso por um segundo, depois arregalou os olhos.

— Ah!

Ele disparou até a porta da sala de parto e olhou para os dois lados do corredor.

— Oi? Temos uma emergência aqui! — Não houve resposta. — Bebê a caminho? — Nada. — Biscoitos de graça!

— Biscoitos de graça? — perguntou Mae.

O Doutor deu de ombros.

— Teria funcionado comigo. — Ele se ajoelhou ao lado da enfermeira inconsciente e deu uns tapinhas no rosto dela de novo, dessa vez com mais força. Nenhuma reação. — Ah, você não serve de nada.

Resignado, o Doutor tirou o paletó e ajeitou a gravata-borboleta.

— Mae — orientou ele. — Arranje umas toalhas limpas, muita água quente e algo para morder.

— Doutor, você vai fazer um parto, não amputar uma perna. E não estamos na Inglaterra vitoriana! — disse Mae. — Ruby não precisa morder nada.

— Eu sei — respondeu o Doutor, engolindo em seco. — É para mim.

20 de agosto de 1929

Benjy corria o mais rápido que suas pernas jovens permitiam, deliciando-se com a brisa quente do fim do verão no rosto e os latidos alegres de Tess a seu lado. Seus tênis amassavam a grama, e sua sombra se estendia longa e fina à sua frente no sol do entardecer. Os dois logo teriam que voltar para casa, mas ele queria ir até a cerca antes. A barreira firme de madeira delimitava o rancho e, em vários sentidos, a própria infância de Benjy.

A cerca era o ponto máximo aonde seu pai lhe permitia ir quando ele terminava as tarefas de casa. Por algum motivo, Ben sempre ficava nervoso com o que poderia encontrar do outro lado. Claro, aquela era a terra da velha sra. Grady, e ela não gostava de invasores — mas ele sabia que não era isso. Era como se ele estivesse seguro de um lado da cerca, mas não do outro. Ainda assim, não ia perder tempo se preocupando com aquilo em um dia tão lindo.

Ele sabia que o outono estava quase chegando, e todo o trabalho que ele demandava na terra, além da volta à escola e às aulas havia muito esquecidas durante outro verão aparentemente eterno. Ele queria rever os amigos, claro. Nadar com eles no lago antes que começasse a fazer frio demais e, depois, passar fins de semanas

inteiros pescando no gelo. Mas, até lá, as únicas coisas que importavam no mundo eram um menino e sua cadela.

Lá estava a cerca. Apesar da pontada dolorosa na lateral do corpo, Benjy deu um último gás, determinado a alcançar a cerca antes de Tess. Ela agora estava velha, aposentada dos dias de trabalho com o pai dele, e era mantida como animal de estimação da família. Ele olhava para ela enquanto corria, os olhos escuros da cadela arregalados com a emoção pura da aventura. Os dois correndo juntos de novo.

Benjy chegou à cerca primeiro, batendo a mão na madeira áspera para garantir sua vitória. Ele caiu apoiado nela, ofegando, com as bochechas vermelhas por causa do exercício. Tess latiu feliz e pulou nele, alcançando seu peito com as patas dianteiras. Ele abraçou a cadela com força, mas tomando cuidado para não apertar o caroço duro protuberante na barriga dela. Ultimamente, Tess gania até quando alguém encostava ali sem querer, e a última coisa que ele queria era machucá-la.

Eles se embolaram na grama fresca, e Tess pulou para a frente a fim de lambe o rosto de Benjy com a língua comprida e áspera. Ele riu e tentou empurrá-la, mas não manteve a distância por muito tempo. Depois de um ou dois minutos, ele sentia a baba quente no rosto de novo.

Com a respiração finalmente mais regular, Benjy se deitou de costas e fitou as poucas nuvens que marcavam o céu azul e limpo. Arrancou uma longa folha de grama do chão e colocou no canto da boca, do mesmo jeito que o pai fazia. Tess estava deitada de lado — já não conseguia ficar deitada de bruços —, com a cabeça aninhada na dobra do cotovelo dele, ofegando muito.

— Sabe, garota, um dia eu vou embora daqui — disse Benjy, agitando a grama a cada palavra. — Eu sei que papai quer que eu fique aqui e trabalhe no rancho. Ele não para de falar nisso. — Benjy abaixou a voz, em uma tentativa de imitar o pai. — Filho, você tem que aprender o trabalho desde o início, do mesmo jeito que eu, e

meu pai, e o pai dele! — Ele parou para jogar a grama para o outro lado da boca. — Mas isso não é pra mim.

Tess deu um bocejo enorme e se ajeitou de novo no braço dele, com a respiração lenta e regular.

— Vou pra cidade grande, Tess, e você vai comigo quando eu for. Não vou passar a vida correndo atrás de gado, não, nem pensar. Vou fazer alguma coisa da minha vida. Talvez eu seja funcionário de um banco na cidade, como o irmão da srta. Hunnerford, ou trabalhe numa farmácia de esquina e conheça um monte de gente interessante. Quem sabe?

Benjy ficou em silêncio, passeando o olhar de uma nuvem para outra, tentando identificar formas. Aquela na direção da igreja se parecia um pouco com uma lebre — depois de perder uma orelha em uma briga. E aquela grandona que estava aparecendo no horizonte era igualzinha à tenda do circo que havia sido armado na cidade na primavera. Ele fechou os olhos e se imaginou de volta lá — com um algodão-doce em uma das mãos e uma entrada para o circo na outra. Ele tinha se sentado ao lado de Jane, da escola, na arquibancada lotada e, enquanto os acrobatas distraíam o público no picadeiro, abandonara o algodão-doce para pegar a mão dela e apertar com força. Ele quase conseguia sentir tudo bem ali, agora...

— Benjamin! Benjamin, acorde!

Benjy abriu os olhos de repente e viu que estava escuro. Será que ele tinha dormido até anoitecer? Se tinha, estava atrasado para o jantar e ia receber mais um sermão da mãe. Mas não — o sol ainda estava no céu, um pouco mais baixo do que antes. Havia uma sombra sobre Benjy. A sombra de um homem alto com chapéu largo.

Benjy levantou o corpo com os cotovelos e forçou os olhos a focar a silhueta em cima dele.

— Papai? — Tess, ainda deitada a seu lado, rolou com cuidado e se levantou.

— Eu estava torcendo para encontrar você aqui — disse o pai, encostando-se na cerca e apoiando a bota empoeirada em uma das estacas de madeira. — Tess também.

Benjy ficou de pé e percebeu o cavalo do pai ali perto, pastando na grama alta. Ele devia estar dormindo muito profundamente para não ouvir os dois chegando.

— Por quê, papai?

O pai demorou um bom tempo antes de responder.

— O sr. Williams, o veterinário, veio dar uma olhada em um dos bezerros. O magrelo que nunca sai do lado da mãe e teve uma infecção no olho um tempo atrás.

— Eu sei qual é. Ele tá bem?

O pai fez que sim com a cabeça.

— O bezerro está bem. Mas o sr. Williams também trouxe os resultados dos exames que ele fez na Tess algumas semanas atrás.

Reagindo ao seu nome, a cadela se aproximou para o rancheiro estender a mão e coçar atrás de sua orelha.

— Ele trouxe remédios pra ela?

— Não.

— Então, o que é? — Benjy olhou para Tess, de repente nervoso. — Ele vai levar a Tess pro consultório pra operar? Você disse que ele talvez tivesse que fazer isso.

O pai se virou, e foi aí que Benjy percebeu que ele estava com a espingarda.

— A Tess é uma cadela idosa, Benjy — disse ele. — Ela teve seu tempo, e agora está doente.

Os olhos de Benjy começaram a arder com as lágrimas.

— Mas ela pode ficar boa! — exclamou ele. — Eu sei que pode.

— Não pode — disse o pai com firmeza. — E não é justo deixá-la sofrer.

Endireitando-se, ele abriu a espingarda e pegou um cartucho no bolso do casaco.

Benjy agarrou o braço do pai, em pânico.

— Não, papai! — implorou ele. — Não faz isso!

O pai sacudiu o braço e se soltou.

— Vou fazer o que tem que ser feito! — disse ele, colocando o cartucho no cano e fechando a arma. — A Tess é uma cadela de trabalho e merece ser tratada com respeito. Se isso significa acabar com a dor dela, é isso que eu vou fazer.

As lágrimas agora escorriam livremente pelo rosto de Benjy. Ele chamou Tess para perto e a abraçou. Sua voz era pouco mais do que um sussurro rouco.

— Por favor, papai! Não!

— Agora, você pode agir como um homem e me ajudar a encontrar um local agradável e com sombra para o último repouso da Tess ou pode chorar como um bebê e correr para sua mãe em casa. Qual vai ser?

Tess começou a lamber as lágrimas do rosto de Benjy.

— E aí, garoto?

Capítulo 5

Clara e a dra. Ellison encontraram a origem do grito em uma ala lateral vazia no fim do corredor. Para a surpresa das duas, não era um paciente.

— Quem é? — sussurrou Clara enquanto elas se aproximavam de um médico jovem. Ele estava com as costas apoiadas em uma janela aberta, encarando, apavorado, alguma coisa ao lado de um dos leitos. Lágrimas desciam pelo seu rosto. — Você o conhece?

— Andrew Ross — respondeu a dra. Ellison. — É novo aqui, acabou de terminar a residência. Fui mentora dele nos últimos meses. — Ela o chamou: — Andrew. É a Mairi. O que houve?

Mas o jovem não respondeu. Seus olhos continuavam fixos em algo no chão.

— Tudo bem — disse Clara com calma. — Andrew... estamos nos aproximando... — Ela começou a contornar o leito, seguida da dra. Ellison. E as duas viram o que ele estava encarando.

Havia uma bolsa de sangue estourada no chão, e o conteúdo estava espalhado em uma poça vermelha grudenta. E, dessa poça, saía uma cabeça. Era a cabeça de uma mulher jovem, possivelmente bonita — mas era difícil dizer. A cabeça ensanguentada olhava para Andrew Ross com um sorriso sensual e lambeu os lábios escarlate.

— Eu nunca amei você, Andy — disse ela. — Eu sempre quis que você descobrisse sobre mim e Chet!

— Não! Por favor, Sophie — implorou Andrew. — Por favor... não. A dra. Ellison ficou pálida.

— Ai, meu Deus!

— O que foi? — perguntou Clara. — *Quem é?*

— A esposa dele, Sophie — explicou a dra. Ellison. — Ou era, pelo menos. Ela morreu em um acidente de carro. Com outro homem. Disse a Andrew que ia a Austin ver a mãe doente, mas acabou debaixo dos pneus de um caminhão quando ia para um motel em Fort Worth. Isso o destruiu. Ele acabou de voltar ao trabalho.

— Pegue alguma coisa para cobrir isso — disse Clara. A dra. Ellison correu até o leito mais próximo e começou a puxar o lençol.

— Eu perdoo você, Sophie — gritou Andrew, se apoiando com mais força na janela. — Não me importa com quem você estava saindo sem eu saber. Eu sei que você não queria me magoar.

— Me perdoa? — retrucou a cabeça, com um tom meloso. — Eu não quero seu perdão. Eu quero ele!

— Andrew! — disse Clara. — Não dê ouvidos a ela. Essa não é a Sophie. Ela se chama Mortalha, e acho que está querendo perturbar você. Não deixe ela conseguir.

Mas Andrew continuava a encarar com pavor a cabeça da esposa morta.

— Todas aquelas noites que eu fiquei em casa esperando sozinha — reclamou a cabeça molhada. — Você me levou a isso, Andy! Você me levou aos braços de outro homem!

— Mas eu tinha que trabalhar até tarde — disse Andrew, as palavras quase inaudíveis. — Eu tinha que cuidar dos meus pacientes.

— E eu tinha um marido, mas ele não dava conta do trabalho! Andrew contorceu o rosto.

— Por favor, volte para mim, Sophie! — gritou ele, sentando-se na janela aberta, e a brisa agitou a parte de trás de sua camisa.

A dra. Ellison contornou Clara e jogou o lençol na poça de sangue. A cabeça sob o tecido começou a afundar de volta no chão.

— Andrew! — gritou a dra. Ellison, estendendo a mão. — Afaste-se da janela. Ela foi embora.

— Eu... eu derrubei uma bolsa de sangue — disse Andrew, piscando para conter as lágrimas. — Ela estourou e cobriu o chão. E apareceu um rosto. O rosto da Sophie!

— Está tudo bem — respondeu a dra. Ellison, com um tom tranquilizante.

— Não, não está nada bem! — retrucou uma voz. Os três se viraram para o lençol no chão. O sangue começava a ensopá-lo. O rosto estava reaparecendo. — Se você não tivesse me obrigado a me esconder como uma adolescente culpada, eu ainda estaria viva!

— *Não!* — gritou Andrew, virando-se para encarar o chão, vários andares abaixo. — Não é verdade!

A dra. Ellison deu um passo à frente, e seus olhos estavam se enchendo de água.

— Andrew — disse ela. — O que quer que você ache que está acontecendo, isso não é verdade. Pegue minha mão e vamos conversar.

Andrew Ross levantou os olhos mais uma vez, fitando sua mentora.

— Desculpe — falou ele, baixinho. — Preciso ficar com ela. — E caiu de costas pela janela.

O Doutor aninhou a recém-nascida nos braços e sorriu.

— E, depois disso tudo, é uma menina!

Mae estava agitava junto a Ruby, secando sua testa e ajeitando os lençóis.

— Qual vai ser o nome dela? — perguntou. — Já pensou em algum?

Ruby deu de ombros.

— Eu sempre achei que ia ser um menino, com o mesmo nome do pai.

— O quê? — perguntou o Doutor. — Cabeça Assustadora de Camisola Florida? Acho que as crianças vão implicar com ela na escola.

O bebê fez um barulho.

— Ah, está bem — disse o Doutor. — Não precisa usar esse linguajar. — Ele deu a criança para a mãe. — Ela disse que se chama *Mata-Tron 3.000*, mas acho que uma versão mais adequada ao dia a dia seria Betty.

Ele deu uma piscadela para Mae e então percebeu que a enfermeira caída começava a despertar.

— Ah, *agora* você resolve acordar! — gritou o Doutor. Ele ajudou a enfermeira a se sentar em uma cadeira. — Você vai ficar bem daqui a vinte minutos — disse ele, com delicadeza. Depois viu Clara parada na porta.

— Olá! — falou, com um enorme sorriso, e se levantou. — Nós nos divertimos muito aqui. E você?

Clara balançou a cabeça.

— Ah! A dra. Ellison?

— Ela... ela foi ficar com alguém. Um amigo. Um... um amigo falecido.

Enquanto Clara falava, eles ouviram mais gritos e pedidos de socorro.

— Precisamos descobrir o que está acontecendo aqui e dar um fim a isso — disse o Doutor. — Por que este hospital? Por que agora?

— Não é só no hospital — disse Mae. — Lembra minha avó Betty? Foi assim que eu me queimei, e não aconteceu aqui.

O Doutor pegou o paletó.

— Me mostre!

Havia mais gritos e rostos projetados pelo caminho enquanto eles corriam pelo hospital em direção à TARDIS. A cabeça de uma criança se erguia de uma tigela de mingau de aveia; o rosto de um idoso se

contorcia ao brotar de um carrinho de lençóis sujos; e a mulher mal-humorada que Clara tinha visto antes estava ajoelhada, soluçando, ao lado da cabeça de um soldado jovem que saía de seu buquê desfeito.

O Doutor tentou ajudar todos eles enquanto corria, emitindo pulso atrás de pulso com sua chave de fenda sônica na direção de cada rosto — mas tinha rostos demais. Ele precisava encontrar a origem do problema e eliminá-la.

O trio fez uma curva para chegar à TARDIS e parou. Ali, projetando-se de uma mancha de lama nas portas, havia outra cabeça humana. O Doutor pegou Mae e Clara e as puxou para fora do campo de visão dela.

— Ah, brilhante — chiou ele. — Só faltava essa.

Clara balançou a cabeça, com os olhos fechados e a nuca apoiada na pedra fria da parede.

— Tio Reuben.

O Doutor se virou para ela.

— Tio quem?

— Tio Reuben — disse Clara. — Não é um tio de verdade. Era um amigo da família. Mas eu realmente o amava.

— Não, não, não é isso — respondeu o Doutor. — Não era seu tio Reuben. Era Astrid.

— Você já disse esse nome antes. Quem é Astrid?

O Doutor suspirou.

— Astrid Peth. Uma garçonne que usou uma empilhadeira para jogar um megalomaniaco em um motor de dobra e me ajudar a impedir que o *Titanic* se chocasse com o Palácio de Buckingham no Natal. — Ele se esquivou do olhar de surpresa de Clara. — Na verdade, contar isso assim, de uma vez só, faz tudo parecer quase improvável.

— É — respondeu Clara, levantando uma sobrancelha. — Quase.

— Vocês dois estão errados — insistiu Mae. — Era a vovó Betty de novo.

Os olhos do Doutor se iluminaram.

— Mas isso é fascinante! — disse ele. — Cada um de nós viu uma coisa diferente na lama das portas. — Ele se virou para Clara outra vez: — O que, por sinal, é típico de você. Um planeta inteiro coberto de espuma de banho e você ainda consegue sujar a TARDIS!

— Chega de reclamar! — gritou Clara. — Quando terminarmos aqui, vamos voar com ela até o Planeta dos Lava-Jatos ou coisa parecida.

— Voar com ela? — perguntou Mae, esfregando a testa. — Planetas cobertos de espuma de banho e lava-jatos? Do que vocês estão falando? Isso é algum código secreto?

— Eu explico quando não estivermos cercados por cabeças abomináveis — prometeu Clara. — Enquanto isso, o que vamos fazer com o rosto na porta da TARDIS?

O Doutor sorriu.

— Olhamos de novo, só por um segundo!

Clara, Mae e o Doutor colocaram a cabeça para fora — um em cima do outro — para dar outra olhada no rosto lamacento. E se esconderam de novo.

— Certo — disse o Doutor. — Quem você viu?

— A vovó Betty — respondeu Mae.

— O tio Reuben — comentou Clara. — E você?

— Astrid Peth.

— Mas como? — perguntou Clara. — Como estamos vendo pessoas diferentes?

— As Mortalhas devem estar usando elos psíquicos — disse o Doutor. — Estendendo-se com tentáculos mentais. Ah, essa é boa! Tentáculos mentais! Lembre-me de dizer isso de novo. Estendendo-se até tocar outra mente, e depois usam as lembranças dessa pessoa para formar um rosto conhecido. Meu palpite é que cada Mortalha começa como um rosto aleatório dentro de uma mancha, mas elas vão sempre se estendendo e sondando até encontrarem uma vítima. Aí, depois que criam um elo, vasculham sua mente em

busca de alguém que você conhece, alguém de quem você sente saudade, e usam suas lembranças dessa pessoa para prendê-lo.

— Isso é horrível! — exclamou Clara.

O Doutor assentiu com a cabeça.

— É mais ou menos como meu papel psíquico, só que de um jeito desagradável que só procura memórias tristes.

— Então, uma coisa dessas me agarrou com esses tentáculos? — perguntou Mae. — Foi por isso que eu vi minha avó?

— Sim, mas você a enfrentou — respondeu o Doutor. — E ainda está enfrentando.

— Mas o que são essas Mortalhas?

— São alienígenas — respondeu o Doutor, sem rodeios.

Mae se recostou na parede.

— Agora eu sei que enlouqueci — disse ela. — Eu mal conseguia lidar com a minha avó morta saindo do meu braço, e agora você está falando de homenzinhos verdes de Marte?

— Tenho quase certeza de que elas não são de Marte — comentou o Doutor. — E, até onde eu vi, não são verdes. Se bem que os alienígenas que *são* de Marte realmente *são* verdes, e isso é interessante. Mas não são pequenos. E sssssssibilam muito quando falam.

Clara reparou na expressão de perplexidade de Mae e interrompeu o Doutor:

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas alienígenas existem. Já conheci alguns e, na maioria das vezes, eles são muito legais.

O Doutor ajeitou a gravata-borboleta com um sorriso.

— Você deve ter ouvido a história da década de 1940 — continuou Clara. — A espaçonave que caiu em Roswell. Área 51, acho que é assim que chamam.

— Roswell, Novo México? — perguntou Mae em tom de deboche. — Mas isso era só uma farsa.

O Doutor deu uma risada.

— Definitivamente não foi uma farsa. Eu avisei que eles precisavam de reforços melhores para proteger as conexões térmicas, mas eles acreditaram em mim? Não! E olhem onde foram parar.

— Você precisa acreditar no Doutor em relação a esse assunto — disse Clara com delicadeza. — Ele está certo.

Mae respirou fundo e suspirou.

— Tudo bem — disse ela. — Até eu ouvir uma explicação melhor para o que está acontecendo aqui, eles são alienígenas, mas *não* de Marte!

O Doutor abriu um grande sorriso.

— Esse é o espírito.

— E agora?

— Temos que entrar na TARDIS.

— TARDIS? — perguntou Mae.

— A caixa azul dele — respondeu Clara. E se virou para o Doutor: — Como vamos passar pelo rosto assustador e seus tentáculos mentais?

— Ei! — repreendeu o Doutor. — Invente sua própria frase de efeito! — Ele pensou por um segundo. — O rosto é feito de lama, então nos inspiramos na Clara e... — Ele disparou pelo corredor e cobriu a fechadura de uma porta com placa de "Zelador" com a luz verde pulsante da chave de fenda sônica. Houve um *clique* baixo, e a porta se abriu, revelando um esfregão, um balde e latas enormes de sabão líquido. — *Voilà!*

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, né? — perguntou Clara.

O Doutor balançou a cabeça.

— Espero que não.

O trio se armou com produtos de limpeza e encheu o balde com água de uma pia rachada na parede dos fundos do armário.

— Certo — sussurrou o Doutor. — No três... *Três!*

Eles viraram no corredor juntos, e a cabeça brotou da mancha de lama de novo, gritando de raiva ao vê-los.

— Cuidado com os tentáculos mentais — alertou o Doutor, tentando controlar o rosto com sua chave de fenda sônica. — Não os deixem se prenderem a vocês.

— Agora! — gritou Clara, e Mae suspendeu o balde, jogou a água com sabão na frente da TARDIS e sufocou a cabeça irritada e retorcida com espuma. Clara bateu o esfregão com força, empurrando o crânio agora flexível da Mortalha para dentro da porta.

— Quase lá! — berrou o Doutor, chegando mais perto do rosto encolhido e aumentando um pouco a energia da chave de fenda sônica. Clara começou a esfregar furiosamente a mancha, derrubando água aos seus pés, até que a mancha e o rosto acabaram sumindo.

— Uhu! — exclamaram Clara e Mae juntas, soltando o esfregão e o balde para se abraçarem. O Doutor levantou a mão para cumprimentá-las, percebeu que não ia ter resposta e fingiu se espreguiçar.

— Certo — disse ele, guardando a chave de fenda sônica. — Vamos ao escritório de Mae para avaliar a situação... — Ele destrancou a TARDIS e entrou rapidamente, correndo até o console.

Clara recuou para dar passagem a Mae. A repórter ficou parada, boquiaberta, enquanto a impossibilidade de tudo aquilo a atingia.

— É... é maior por dentro! — exclamou, embasbacada.

— Cuidado — disse Clara baixinho, seguindo-a e fechando a porta. — Não deixe que ele a ouça falando desse jeito sobre ela. Ele não vai parar de reclamar.

Mae observou enquanto Clara correu até o Doutor no centro da sala de um tipo de... bem, ela não tinha palavras para descrever o que era aquilo. Um tipo de mesa hexagonal coberta de botões, interruptores e alavancas. Ela se aproximou com cuidado.

— Espere — disse Clara. — Achei que o negócio levítico estava quebrado.

— Regulador levítico — corrigiu o Doutor, mexendo os dedos como uma secretária ansiosa para datilografar uma carta ditada —, e está, mas não precisamos dele para esta viagem.

— O que é este lugar? — perguntou Mae, dando um passo à frente, mas sem coragem de se aproximar do console.

— A TARDIS! — respondeu o Doutor com um grande sorriso, inflando o peito. — Tempo e Dimensões Relativas no Espaço. Ela não é linda?

— É uma nave espacial — esclareceu Clara, lançando um olhar para ele. — E uma máquina do tempo, tudo junto. Mas, no momento, ela não é uma máquina do tempo. Ele acha que eu fiz a TARDIS chorar, então essa parte não está funcionando agora.

— Mas ela ainda consegue fazer toda a parte do espaço! — observou o Doutor.

Nervosa, Mae olhou o Doutor, Clara e o Doutor de novo.

— Vocês não trabalham no hospital, não é? — perguntou ela, se afastando aos poucos. — Vocês *estão* no hospital. Na ala da psiquiatria! É por isso que eu não consigo entender uma palavra do que vocês dizem!

Ela parou quando um pensamento lhe ocorreu.

— Ai, meu Deus! Eu estou na psiquiatria com vocês, não é? Todos aqueles rostos... estão todos na minha cabeça. Eu enlouqueci!

O Doutor correu até Mae e pegou sua mão. E então lhe deu um beliscão.

— Ai!

— Viu? — O Doutor sorriu. — Você não está imaginando coisas. Eu sei que é muito para absorver, mas tudo isso está acontecendo de verdade.

— Sério?

— Sério. E o que a Clara disse era verdade. A TARDIS não consegue viajar no tempo até eu consertá-la, mas pode se deslocar

pelo espaço. Até as profundezas do universo. Agora, onde foi que você viu o rosto da vovó Betty pela primeira vez, hoje de manhã?

— Na minha mesa, no escritório.

— Que fica...?

— No *Morning News*. Young Street. A uns seis quilômetros daqui.

O Doutor piscou.

— Seis quilômetros?

Mae fez que sim com a cabeça.

— Bem, isso é moleza, não é? — murmurou o Doutor, largando a mão de Mae e voltando ao console. — Mesmo assim, a garota vai poder tomar um arzinho fresco... — Ele digitou o endereço no teclado. — *Dallas Morning News*... Young Street... Dallas, Texas... — Foi até outro dos seis lados para atacar uma série de interruptores e botões, girando como uma bailarina. — Alimentando o amortecedor térmico, rodando a atualização expressa da nano-ram, e vamos afogar um pouquinho o carburador, já que está frio lá fora!

Ele piscou para Mae e empurrou a alavanca de voo...

VUOR-VUO-VUO-VUO-UO-UO-UO-UO-U-U-U-U-U!

Os motores da TARDIS ligaram e desligaram como um carro com problema de bateria.

— O quê? — O Doutor mexeu em outros interruptores e tentou a alavanca de novo.

VUOR-VUOR-VUOR-VUO-VUO-VUO-VUO-UO-UO-UO-UO-U-U-U-U!

— Não, não, *não!*

— Agora a culpa não foi minha! — gritou Clara.

O Doutor se virou para responder, mas preferiu balançar o dedo indicador como um professor sério. E voltou a mexer nos controles.

— O que há de errado com ela? — perguntou Mae.

— Não tem nada errado — respondeu o Doutor, irritado. — Ela só não quer decolar.

Mae sorriu.

— Quer dizer que ela também não consegue viajar no espaço?

— Consegue, sim — retrucou o Doutor —, mas alguma coisa está nos impedindo de desmaterializar. — Ele correu até o monitor e o ligou, cruzando os dedos para não ser confrontado com outro rosto do passado. A tela chiou por um segundo e se ativou. — Ali! — anunciou ele, apontando o dedo comprido para a tela. — É isso que está nos afetando.

Clara e Mae se aproximaram às pressas.

— Essa é a Terra? — perguntou Mae, olhando para o monitor.

— Uma imagem ao vivo — confirmou o Doutor. — Acessei a câmera de um dos satélites Sputnik.

— Mas esse planeta tem anéis — disse Mae. — Parece Saturno, não a Terra.

— Não são anéis — explicou o Doutor. — É um buraco de minhoca, ou pelo menos uma das extremidades. — Ele desligou o monitor e apoiou a testa na tela. — É por isso que a TARDIS não quer decolar. É perigoso demais.

— Mas, em todos os livros de ficção científica que eu li, buracos de minhoca são como túneis que atravessam o espaço — disse Clara.

O Doutor assentiu com a cabeça.

— Sim, sim, muito bom.

— E a extremidade desse aí está cercando o planeta todo?

O Doutor começou a desenhar formas com os dedos no ar.

— Imagine uma rosquinha gigantesca — disse ele, fazendo um círculo exagerado com a mão e depois apagando-o de repente. — Na verdade, não. Não é nada disso. Esqueça a rosquinha. Está mais para um ovo empanado. Enfim, a questão é que tem um buraco de minhoca ligado à Terra, vindo de... algum lugar.

— É assim que as Mortalhas estão chegando aqui? — perguntou Mae.

— Aposto minha gravata-borboleta — respondeu o Doutor. — E você as viu primeiro na sua mesa hoje de manhã. Preciso dar uma olhada nessa mesa.

- Mas a TARDIS não quer decolar — comentou Clara.
- O Doutor arqueou uma sobrancelha.
- Então precisamos encontrar outro meio de transporte...

Capítulo 6

Acabou sendo bem fácil roubar a ambulância. O motorista já estava distraído, encarando com tristeza um rosto que havia brotado do cascalho à beira do estacionamento. Então, o Doutor só precisou usar a chave de fenda sônica para ligar o motor, e lá se foram eles. Mae explicou o caminho para chegar à redação do jornal.

O cenário nas ruas estava tão ruim quanto no hospital. As Mortalhas se projetavam por toda parte, aprisionando as vítimas com suas sondas psíquicas. As pessoas as encaravam horrorizadas, rostos cobertos de lágrimas.

— Isso é terrível! — gritou Clara, de pé na parte de trás da ambulância e se segurando nos bancos. — Precisamos ajudá-los.

— Nós vamos — garantiu o Doutor. — Não podemos lidar com cada rosto individualmente. Para cada um que eliminamos, dezenas de outros vão surgir. Preciso chegar à fonte e impedi-los a partir de lá.

— Como fechar uma torneira? — perguntou Mae.

— Exatamente. — O Doutor sorriu. — Uma torneira cheia de rostos assustadores!

— Não entendo — disse Mae. — Eu vejo rostos em coisas desde pequena. Havia um na padronagem do papel de parede no meu quarto quando eu era criança, e outro no mofo do teto do banheiro

no alojamento da faculdade. Ele sempre voltava, por mais que eu lavasse. Mas nenhuma das minhas colegas de quarto parecia percebê-lo. Nem tentava limpar, aliás.

— Algumas pessoas são mais suscetíveis a influências psíquicas — explicou o Doutor. Ele girou o volante para se esquivar de uma senhora ajoelhada na rua, conversando atentamente com a cabeça de um menino que saía de trás de uma caixa de correio. — *Você vê um rosto escondido em uma mancha ou combinação de objetos aparentemente aleatória, e outras pessoas não veem. Isso só significa que você é uma receptora mais poderosa que os outros.*

— Quer dizer que passei a vida inteira cercada de alienígenas?

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Você ficaria surpresa com a frequência com que isso acontece.

— Mas por quê? — indagou Clara. — Se as Mortalhas estão aqui há tanto tempo, por que esperaram até agora para se revelar?

— Não sei — admitiu o Doutor —, mas vou descobrir.

De repente, ele pisou no freio.

— O que foi? — perguntou Clara.

— Eu quase deixei passar — disse o Doutor, virando a ambulância no sentido oposto.

— Deixou passar o quê?

— Aquela senhora não estava chorando.

O Doutor parou do outro lado da rua e saltou da ambulância.

— Olá! — disse ele, aproximando-se a passos largos. — Sou o Doutor. Qual é o problema?

A mulher olhou para cima, visivelmente preocupada.

— Esse é o Sammy — respondeu ela, apontando para o menino escondido nos arbustos. — Ele mora no meu prédio, dois andares acima de mim. Eu saí para mandar uma carta e o encontrei aqui.

— Oi, Sammy — disse o Doutor. — Dia esquisito, hein?

O menino não respondeu.

— Muitos rostos engraçados saindo das paredes e tal — continuou o Doutor. — Você viu algum?

Sammy fez que sim com a cabeça.

— Minha mãe viu.

— Onde está a sua mãe agora? — perguntou o Doutor.

— No nosso apartamento — respondeu Sammy. — Conversando com meu pai.

— Então por que você está aqui? Não quer conversar com seu pai também?

— Meu pai está no Céu. Minha mãe está chorando.

— Ah, entendi.

A senhora sorriu.

— Perguntei ao Sammy se ele queria ir até meu apartamento e esperar até a mãe dele melhorar — disse ela. — Achei que a gente podia comer biscoitos e ver desenho na TV juntos. Acabei de assar uma fornada de aveia com passas.

— Uau, parece uma ótima ideia — respondeu o Doutor. — Não consigo pensar em nenhuma receita melhor do que uma boa dose de Looney Tunes e biscoitos de aveia com passas para um dia como hoje. E eu sou um doutor. O que me diz, Sammy?

O menino balançou a cabeça.

— Minha mãe falou que eu não posso conversar com pessoas que eu não conheço.

— Ela parece muito inteligente — disse o Doutor —, mas acho que ela não se importaria neste caso. E você mora no mesmo prédio que a... — Ele se virou para a mulher.

— Edith — completou ela. — Edith Thomas.

O Doutor apertou a mão dela.

— Encantado, Edith Thomas. Você já viu a Edith antes, Sammy?

O menino fez que sim com a cabeça.

— Vejo quando saio para pegar o ônibus da escola.

— E o que a Edith faz quando vê você sair para a escola?

— Ela sorri para mim.

O Doutor se inclinou e sussurrou:

— Então acho que ela pode ser bem simpática. E — ele parou para fungar a mulher —, pelo cheiro dela, esses biscoitos vão ser ótimos! Agora, que tal você ir com a Edith para o apartamento dela e ver uns desenhos? Depois eu dou um jeito de alegrar sua mãe, e aí você vai poder voltar para casa.

Sammy lançou um olhar desconfiado para o Doutor.

— Você pode ajudar minha mãe a se sentir melhor?

— Sou o Doutor. Faço todo mundo se sentir melhor.

— Tudo bem... — disse o menino, aceitando a mão de Edith. O Doutor observou enquanto ela o conduzia para dentro do prédio e então voltou para a ambulância.

Eles dirigiram em silêncio por alguns quarteirões. Mae olhava pela janela, passando os dedos na atadura que cobria seu ferimento.

— Eu não estava atrás do dinheiro dela — disse, depois de um tempo. — O que a minha avó disse antes. Não era verdade.

— O rosto não era sua avó — respondeu o Doutor. — Só estava usando suas memórias para incomodá-la.

Mae sentiu os olhos começarem a ficar cheios de água de novo.

— Bem, funcionou.

— Não permita — disse o Doutor. — É isso que a Mortalha quer. Se alimentar da sua tristeza.

— Ela se alimenta de *tristeza*? — indagou Mae, parecendo confusa.

— Até onde eu sei — respondeu o Doutor. — E está avidamente faminta.

— É por isso que nós vimos pessoas diferentes na porta da TARDIS? — perguntou Clara.

— Ela estava se estendendo para nós três — disse o Doutor. — Tentando decidir qual de nós era mais manipulável. Qual de nós seria o prato mais saboroso.

Clara parecia chocada.

— Mas bagunçar nossas memórias desse jeito é...

— É horrível — concluiu o Doutor — e incrivelmente difícil. Significa que as Mortalhas são poderosas. Poderosas o suficiente para distorcer as lembranças de alguém amado, como elas fizeram com Mae. Elas usam a culpa para aumentar o sentimento de perda que você já está sentindo.

Ele virou em uma esquina e pisou no freio de novo. Havia uma viatura policial bloqueando a rua.

— Desculpe — disse Mae —, eu esqueci. Não podemos ir pela Dealey Plaza. A polícia ainda a mantém isolada, depois de ontem.

De repente, o Doutor bateu com a mão na testa.

— Por que não pensei nisso antes? — gritou ele. — Ontem! O assassinato do presidente Kennedy! O país inteiro está de luto. Era isso que as Mortalhas estavam esperando.

— Por quê? — perguntou Clara. — O que isso tem a ver com a história?

— Tudo — respondeu o Doutor. — Os rostos estão aqui há anos, à toa, parecendo esquisitos. Mas estavam esperando algo. Algo que lhes desse energia suficiente para fazer um último impulso pelo buraco de minhoca.

— Uma tragédia nacional — disse Mae.

— Uma tragédia global — corrigiu o Doutor. — O mundo inteiro está de luto. É como se tivéssemos preparado um grande banquete para as Mortalhas.

— É por isso que eu sabia o nome do hospital! — exclamou Clara. — Aprendemos na escola. Foi para o Parkland Memorial que levaram o corpo do presidente, para a autópsia. Não admira que todo mundo estava tão deprimido quando chegamos lá.

— E o jornal de Mae estava cobrindo a história — disse o Doutor. — O que você estava fazendo logo antes de ver o rosto da sua avó?

— Vendo umas fotografias do tiroteio — respondeu Mae. — Eram horríveis.

— E elas incomodaram você?

— Claro!

— É por isso que seu jornal e o hospital foram afetados primeiro — disse o Doutor, dando a ré na ambulância. — Os locais onde a emoção é mais forte são os pontos mais fracos, onde as Mortalhas conseguem irromper.

— Mas elas estão se espalhando rápido — disse Clara — e, como você disse, é uma tragédia global. Isso significa...

— Que a mesma coisa vai acontecer no mundo todo — disse o Doutor. — Precisamos ir ao jornal de Mae agora mesmo. Se não impedirmos isso, ninguém jamais vai voltar a sorrir.

— Estava bem ali — disse Mae, apontando para a mancha de café na beirada da mesa. — Eu vi!

O Doutor apitou a chave de fenda sônica sobre o conjunto de anéis e marcas marrons e conferiu os resultados.

— Bem, não tem nada ali agora — disse ele. — Nada além de café ruim e verniz velho. — Ele se virou para Clara: — E você? — perguntou. — Algum sinal do seu tio?

Clara balançou a cabeça.

— Nada.

— Comigo também — disse o Doutor. — Nada de Astrid.

— Mas isso é bom, não é? — perguntou Mae. — Isso quer dizer que ele foi embora por aquele tal de buraco?

— Ou terminou de sair para cá — disse o Doutor. Ele ligou a chave de fenda sônica de novo, dessa vez apontando-a para todo o escritório.

A redação estava deserta quando eles chegaram. Mae encontrara Jim, o jovem repórter de esportes, soluçando na escada enquanto o rosto de seu pai gritava ofensas para ele do carpete. O Doutor havia jogado o casaco de Jim na cabeça falante e a prendera com a chave de fenda por tempo suficiente para Clara tirar o garoto dali. Eles sabiam que a Mortalha provavelmente não demoraria a capturar a mente dele de novo, mas pelo menos eles tinham lhe dado uma breve pausa na tristeza.

— Cadê todo mundo? — perguntou Clara. — Achei que redações de jornais vivessem cheias.

— Normalmente, sim — comentou Mae. — Mesmo quando há uma notícia grande, como ontem, sempre tem alguém aqui.

— A menos que todos tenham se assustado e fugido — disse o Doutor, balançando a chave de fenda sônica de novo. — Ali! — chiou ele. — Estão ouvindo?

— Não — respondeu Clara.

Mae balançou a cabeça.

— Nem eu.

O Doutor bateu duas vezes no cabo da chave de fenda sônica e aumentou o volume. O som imediatamente ficou claro.

— Alguém está chorando — disse Clara.

— Corrigindo — disse o Doutor. — Alguém está chorando aqui dentro.

Eles seguiram o som por entre as mesas, em direção à sala do editor. Ali dentro, Ben Parsons estava ajoelhado no chão, com os olhos vermelhos de choro. Mas Ben não estava sozinho. Ajoelhada ao lado dele havia uma mulher. Ela usava um vestido azul-claro com um véu cobrindo o rosto e escondendo os olhos.

— Ben! — gritou Mae, disparando para a frente, mas o Doutor a segurou pelo braço.

— Não se aproxime!

— Ele é meu editor — disse Mae, tentando se soltar do Doutor. — Meu amigo.

O Doutor continuou firme.

— Mas ela não é — respondeu ele, apontando para a mulher ao lado de Ben.

— E quem é ela? — perguntou Clara.

— Várias pessoas — respondeu o Doutor. — A vovó Betty, o tio Reuben, Astrid Peth. Neste momento, imagino que ela seja alguém que Ben não quer ver.

Clara engoliu em seco.

— É a Mortalha?

— Uma delas, pelo menos.

— É por isso que ela não estava na mancha da minha mesa — disse Mae. — Ela saiu!

— A etapa seguinte do ataque das Mortalhas — falou o Doutor. — Deve ter sido isso que eles viram quando entram na nossa memória. Fiquem longe. — Ele soltou o braço de Mae e entrou lentamente na sala do editor. Agachou-se ao lado da mulher e a examinou com a chave de fenda sônica. — Biologia humanoide básica — disse ele, vendo o resultado. — Com uma exceção... — Ele agarrou a ponta do véu e o levantou.

A mulher tinha olhos castanhos bem vivos; atentos, curiosos, mas nem um pouco humanos.

— Eles... eles parecem os olhos de um cachorro! — gritou Mae.

— Um collie, parece — disse o Doutor. — Pode ser que Ben tenha visto um cachorro na mancha em que você viu sua avó.

— Mas por que ela... *essa coisa* está segurando a mão dele? — perguntou Clara.

— Ela foi mais fundo — explicou o Doutor. — Entrou na mente de Ben. — Ele se inclinou e analisou a mão da mulher, que segurava com força a do editor. Os dedos eram longos e delicados, e as unhas tinham esmalte brilhoso azul-escuro.

— Então tire essa coisa daí! — gritou Mae. — Afaste os dois! — Ela ameaçou entrar na sala de novo, mas o Doutor se levantou de um pulo e a impediu.

— Não posso — disse ele. — Não sei o dano que causaria ao Ben se eu rompesse o elo físico. Poderia libertá-lo, mas também poderia matá-lo.

— O que a gente pode fazer, então?

— *A gente* não pode fazer nada — respondeu o Doutor, guardando a chave de fenda sônica. — Isso é trabalho para mim. — Ele se aproximou de Ben e percebeu que sua respiração estava irregular e ele murmurava algo.

— Isso não pode estar acontecendo. Isso não está acontecendo.
— Aguarde aí — disse o Doutor. — Estou chegando para ajudar.
— Ele se virou para Mae: — Me fale dele.

Mae se esforçou para pensar, vendo-se de repente no centro das atenções.

— Ele, hum... ele se chama Benjamin Parsons, embora prefira "Ben". Tem 44, não, espere, 45 anos. É casado com Jane e é editor daqui há quase sete anos.

— Obrigado — respondeu o Doutor, ajoelhando-se do lado oposto da mulher com véu azul. — Isso pode ser útil.

— Espere! — avisou Clara, com firmeza. — É melhor você não fazer o que eu acho que vai fazer.

— Depende. Você pode estar imaginando que estou prestes a ferver um ovo. Nesse caso, estaria completamente errada.

— Deixe de ser engraçadinho — retrucou Clara, ignorando as instruções do Doutor quanto a ficar longe e entrando no escritório para encará-lo. — Você vai entrar aí, não é? Na mente do Ben.

— Só para dar uma olhada rápida — respondeu o Doutor. — Posso descobrir a resposta para fazer a Mortalha parar de se alimentar dele.

— E se não descobrir? E se você ficar preso lá dentro?

— Bem, pelo menos não estarei sozinho. — O Doutor sorriu. — Seremos três, no mínimo!

— Não entendi — disse Mae, quando Clara voltou à porta em que ela estava. — Ele vai *entrar* na mente do Ben? O que isso quer dizer?

— Quer dizer — explicou Clara — que ele vai fazer o possível para salvá-lo.

Elas observaram enquanto o Doutor fechou os olhos e respirou fundo. Ele pegou a mão livre de Ben e murmurou uma palavra.

— Jerônimo.

20 de agosto de 1929

— Agora, você pode agir como um homem e me ajudar a encontrar um local agradável e com sombra para o último repouso da Tess — disse o pai de Benjy — ou pode chorar como um bebê e correr para sua mãe em casa. Qual vai ser?

Tess começou a lamber as lágrimas do rosto de Benjy.

— E aí, garoto?

— Posso acrescentar uma terceira opção? — disse uma voz. — Saia das memórias deste homem e nunca mais volte.

O sr. Parsons girou nos calcanhares.

— Quem que é você?

— Já me chamaram de muitas coisas — disse o recém-chegado ao se inclinar para coçar o queixo de Tess. — Teta Sigma, a Tempestade que se Aproxima e, durante um fim de semana constrangedor, Mable. — Ele se levantou e encarou o sr. Parsons. — Mas a maioria das pessoas me chama apenas de Doutor.

— Bem, Doutor... Poderia me dizer o que está fazendo nas minhas terras?

— Então, sabe, é aí que a gente tem um pequeno problema — disse o Doutor. — Estas não são suas terras, sabe? Na verdade, não são terras.

— Do que você está falando?

— Ah, eu sei que parece — respondeu o Doutor. Ele deu alguns pulos, batendo as botas no chão. — Admito. Mas, na verdade, estamos dentro de uma lembrança. — Ele se virou e sorriu para Benjy. — Sua lembrança.

— Minha lembrança? — perguntou Benjy. — Quer dizer que estou sonhando?

— Mais ou menos. Mas não é o tipo de sonho que você ou eu costumamos ter. Na verdade, não tem nada a ver com meu tipo de sonho. É bom você ficar longe desses, a menos que goste de ser perseguido por talos de aipo gigantescos em Metebelis Três. Não. Tem um alienígena na sua mente, Ben. Um alienígena chamado Mortalha, que quer se alimentar da sua tristeza.

O sr. Parsons levantou a espingarda e mirou no Doutor.

— É melhor você calar a boca.

— Se eu fosse você, não dispararia essa arma aqui dentro — alertou o Doutor. — Quem sabe que danos você provocaria nas memórias do Ben? Pode ter sorte e só eliminar a festa de aniversário de 7 anos, mas talvez acerte uma de suas experiências ruins. E essas você quer que fiquem intactas, não é?

— Eu... eu não entendo o que está acontecendo! — disse Benjy.

O Doutor apoiou a mão no ombro do menino.

— Não se preocupe. É apenas o efeito da Mortalha. Ela está distorcendo o que realmente aconteceu no seu passado para tentar perturbar você.

O sr. Parsons soltou a trava de segurança da arma.

— Já chega — rosnou ele. — Seja quem for, vou contar até dez para você se virar e se afastar do meu filho.

— E aí chegamos ao segundo problema — disse o Doutor, encarando o sr. Parsons com um olhar severo. — Um: você não é pai dele de verdade. Dois: não trabalho com ultimatoss. — Ele pegou a chave de fenda sônica no bolso e disparou um pulso na espingarda. A arma se dissolveu em átomos.

Benjy arquejou.

— Como você fez isso?

— Não era uma arma de verdade — respondeu o Doutor —, só sua lembrança da arma que seu pai tinha. Eu simplesmente a apaguei da sua mente dissolvendo alguns neurônios. Peço desculpas por isso. Eu não devia fazer isso. Mas, por outro lado, também não devia fazer isto...

O Doutor ativou a chave de fenda sônica de novo. Dessa vez, o sr. Parsons desapareceu em uma explosão de partículas minúsculas.

Benjy se virou para encarar o Doutor.

— Você matou meu pai!

— Não era seu pai — disse o Doutor. — Era apenas uma imagem dele. No início, achei que ele devia ser a Mortalha que invadiu sua mente. Mas não podia ser. Ele ficou surpreso demais ao saber que estas não eram as terras dele. O que significa que o parasita deve ser você! — Ele apontou a chave de fenda sônica para a cadela Tess.

— Muito inteligente, Doutor! — rosnou Tess.

Os olhos de Benjy se arregalaram de espanto.

— Minha cadela fala!

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Eu tive um cachorro que falava. Você se surpreenderia se soubesse como a sensação de novidade se esgota rápido. — Ele continuou mirando a chave de fenda sônica em Tess. — Saia das memórias desse homem, e eu encontro outro planeta para você e sua espécie viverem.

Tess jogou a cabeça para trás e riu.

— Por que eu deveria ir embora, Doutor? O banquete acabou de começar... Lembre-se, menino... — chiou a cadela. — Lembre-se de como você atirou em mim para acabar com minha agonia.

— Acho que não — disse o Doutor. — Eu apaguei a memória da arma do pai dele.

— Então vou fazer ele se lembrar de outra arma — zombou Tess.

Flash!

O ar pareceu estremecer e, de repente, Benjy estava segurando uma arma de plástico com raios vermelhos pintados na lateral.

— O quê? — O Doutor fez uma careta. — Isso é uma arma espacial de brinquedo! Não faz nada mais assustador do que emitir um som engraçado. — Ele se virou e sussurrou para a chave de fenda sônica: — Não que isso seja um problema.

— É mesmo? — perguntou Tess. A cadela se soltou para o jovem dono: — Você faria o favor de demonstrar o poder do seu brinquedo?

Benjy deu de ombros, mirou a arma de pulso na cerca e disparou. Um raio laser roxo saiu da ponta com um *Piu!*. A madeira explodiu em chamas.

— Isso é impossível! — gritou o Doutor.

— Não para uma criança — disse Tess. — Para um menino de 8 anos, uma arma de brinquedo funciona de verdade. É assim que ele lembra.

— Então eu tenho que fazê-lo esquecer isso também — respondeu o Doutor. — Benjy, não foi assim que aconteceu! A Mortalha está manipulando suas memórias, tentando intensificar sua dor. Você precisa se lembrar, Benjy. Lembre-se de como aconteceu de verdade. Mas você só pode fazer isso se admitir para si mesmo que nada disso é real.

— Não estou entendendo — disse Benjy. — Sou só uma criança.

— Não é, não — retrucou o Doutor. — Você é Ben Parsons, editor do jornal *Dallas Morning News*. Você tem 45 anos. É casado com Jane e ama muito sua esposa e seu trabalho.

— Não dê ouvidos a ele, garoto! — reclamou Tess. — Você sabe a verdade! Você sabe que tem só 8 anos e que matou sua cadela para ela parar de sofrer!

Ben começou a levantar a arma de novo.

— Lembre-se, Ben — encorajou o Doutor. — Lembre-se...

Benjy parou.

— Espere — disse ele, olhando para Tess. — Você disse que eu tenho 8 anos, mas não pode ser. Eu tinha 10, quase 11. Eu lembro porque meu pai me deu um cachorrinho no meu aniversário de 11 anos pra substituir a Tess!

— Isso! — gritou o Doutor com um sorriso. — Você está conseguindo.

— E também não aconteceu aqui perto da cerca. A gente estava no rancho, do lado do galinheiro.

O Doutor pegou as rédeas do cavalo do sr. Parsons e pulou na sela. Estendeu uma das mãos para Benjy.

— Então, o que me diz de irmos até lá e lembrar um pouco mais, parceiro?

Desconfiado, Benjy largou a arma de plástico. Ela explodiu em átomos brilhantes antes de cair no chão. O menino pegou a mão do Doutor e subiu atrás dele na sela.

— Vamos!

O Doutor estalou as rédeas, e os dois saíram galopando pela planície. Benjy se segurava com força, com os braços ao redor da cintura do Doutor e o rosto enterrado em suas costas. Não, no ombro. Não, seu rosto estava no meio do cabelo escuro do Doutor!

— Uau! — exclamou Ben, olhando para si mesmo. Ele havia crescido mais de trinta anos em meio minuto, e sua voz de repente estava grave e forte. — Acho que você tinha razão quando disse que eu tenho 45 anos, Doutor!

— É uma boa idade, 45 — gritou o Doutor por cima do ombro. — Eu tinha essa idade quando saí da escola primária.

— Você não pode me derrotar, Doutor! — resmungou uma voz.

O Doutor e Ben olharam para baixo. Tess, a cadela, estava correndo pela planície ao lado do cavalo.

— Posso sim, se eu chegar ao rancho antes de você — gritou o Doutor.

— E como você vai fazer isso se Ben não se lembra do cavalo do pai?

O garanhão que Ben e o Doutor estavam cavalgando desapareceu em uma chuva de átomos cintilantes, e os dois homens caíram no chão. A cadela Tess riu enquanto corria em direção à casa de fazenda no horizonte.

— Golpe baixo — disse o Doutor, ficando de pé e limpando a terra da roupa. — E, se a Mortalha não está jogando limpo, nós também não vamos jogar. — Ele se virou para Ben: — Não temos que pegar o caminho longo. Imagine o rancho. Nos fundos, perto do galinheiro...

Flash!

O Doutor e Ben saíram pela porta dos fundos da casa do rancho. Era uma noite clara, e a lua lançava um brilho sombrio no galinheiro.

Havia um homem ajoelhado no quintal, de costas para eles.

— Sr. Williams! — exclamou Ben. — O veterinário.

O veterinário se levantou e virou, segurando nos braços o corpo inerte da cadela Tess.

— Benjy — disse ele, surpreso. — Seu pai me disse que você estava na cama, dormindo.

Ben se virou para o Doutor:

— Foi assim que aconteceu de verdade. — O veterinário veio e...

De repente, Tess levantou a cabeça para o céu e uivou.

— *Nãããããão!*

Flash!

O Doutor e Ben estavam em um sótão velho e empoeirado, cercados de caixas e baús cheios de quinquilharias.

— Caramba — disse o Doutor. — Está meio bagunçado aqui.

— Onde a gente está? — perguntou Ben. — O que são essas coisas todas?

— Estamos na sua mente — disse o Doutor. — Essas caixas estão cheias das suas memórias. A Mortalha está tentando fazer você se concentrar nas ruínas, mas você não pode deixar. Temos que nos concentrar nas boas.

— Como a gente faz isso?

— Procurando — respondeu o Doutor, começando a vasculhar a caixa mais próxima. — Que tal esta? — perguntou, pegando uma vara de pescar.

Flash!

De repente o Doutor e Ben estavam sentados em um barquinho no meio de um lago escuro. O luar reluzia na superfície da água preta e imóvel.

— Ah, não! — disse Ben.

— O que foi? — perguntou o Doutor.

— Isso é de quando eu tinha 17 anos — respondeu Ben. — Vim pescar sozinho à noite. Eu tinha... tinha bebido umas cervejas...

O Doutor deu uma olhada no monte de latas vazias no chão do barco.

— Umas?

— Tudo bem — disse Ben, suspirando. — Eu vim aqui para beber cerveja. Pescar era só um disfarce. Perdi os remos e não consegui voltar para a margem.

— E?

— Fiquei aqui a noite toda, pelo menos até a tempestade começar.

Na mesma hora, um relâmpago soou e gotas de chuva começaram a pingar nas latas vazias. Mas também havia outro som: a agitação na água. O Doutor olhou para o lago e viu a cadela Tess nadando ao lado do barco.

— Achei que eu teria que buscar uma lembrança ruim, Doutor — disse ela. — Mas você fez todo o trabalho por mim.

— Isso já foi longe demais — resmungou o Doutor. — Sinto muito, Ben, isso pode doer um pouco... — Ele sacou a chave de fenda sônica e disparou um pulso para o céu. Depois, deu um soco no ar e abriu um buraco na realidade.

Ben fez uma careta, como se tivesse acabado de morder uma rodela de limão. Ele viu o sótão empoeirado do outro lado do buraco. O Doutor guardou a chave de fenda sônica, pegou as bordas

do buraco e rasgou um pouco mais até ficar largo o suficiente para eles dois passarem.

De volta ao sótão, o Doutor apontou para as caixas.

— Encontre alguma coisa que deixe você feliz.

Ben pegou um punhado de livros no baú mais próximo e sorriu para alguma coisa enfiada entre as páginas de um deles. Puxou um pedaço de linha com um balão vermelho vazio na ponta.

— Esta é uma lembrança boa — disse ele.

— Um balão estourado? — perguntou o Doutor. — Você gosta de se lembrar do momento em que um balão estourou? Quer saber, eu nunca vou entender vocês, humanos.

— Não é o balão em si — respondeu Ben. — É o lugar onde o consegui. No meu primeiro encontro sério com a Jane, quando eu tinha 21...

Flash!

Era noite, e o balão flutuava no ar, quase dançando ao som da música do parque. A cidade toda estava ali.

— Maravilha! — exclamou o Doutor, com um enorme sorriso, alguns passos atrás de Ben e Jane.

Ele os seguiu de perto enquanto os dois riam na casa de espelhos, disparavam uma espingarda na barraca de tiro e gritavam em um passeio no trem fantasma.

— Isso é genial! — gritou o Doutor no banco de trás enquanto o carrinho deles passava por um túnel escuro cheio de fantasmas e zumbis de mentira. — Mas preciso dizer que os fantasmas de verdade não são assim. Eles são mais amarelados. Tem a ver com o acúmulo de enxofre no ectoplasma. Ah, e estou vendo aquele vampiro refletido no espelho assombrado, que, francamente, é apenas um espelho normal com um rosto pintado.

Depois do trem fantasma — e dos cinco minutos que o Doutor passou tentando explicar os erros para o operador —, eles compraram sorvete e caminharam até uma tenda listrada, onde havia uma multidão empolgada.

— Venham, venham! — gritava o operador do espetáculo. — Entrem e vejam um milagre da natureza. Algo que jamais deveria existir!

Ben e Jane compartilharam uma risadinha e entraram rápido, seguidos de perto pelo Doutor. Eles pagaram a entrada e se uniram a um grupo de pessoas intrigadas no interior escuro.

Depois de alguns instantes, as luzes se acenderam e o apresentador subiu em um pequeno tablado na frente da multidão.

— Senhoras e senhores! — exclamou ele. — É hora de revelar um grande segredo! Um segredo escondido da humanidade por muitas gerações... — Ele apontou para uma jaula pequena, coberta por um lençol.

O Doutor esticou o pescoço, tentando contornar o balão vermelho de Jane.

— Preparem-se para ficar impressionados e surpresos! — O homem pegou a ponta do lençol. — O melhor amigo do homem finalmente pode conversar com ele! — E puxou o lençol para revelar um cão dentro da jaula. Era Tess.

— Estou sofrendo muito, Ben — disse a cadela, abrindo a porta da jaula com o focinho e indo em direção a ele. — Por favor, faça isso parar.

Ben olhou para as próprias mãos e arquejou. Estava segurando uma das espingardas do estande de tiro. O restante do público gritou ao ver a arma e saiu correndo da tenda, deixando Ben, Jane e o Doutor sozinhos com a cadela falante.

— Ah, isso é ridículo! — reclamou o Doutor, mirando a chave de fenda sônica na arma e dissolvendo-a em átomos. — Não posso segui-lo por todas as suas lembranças e fazê-lo se esquecer de todas as armas que você já viu. Você é americano!

— Está vendo, Doutor? — rosnou a Mortalha pelas feições caninas de Tess. — Você não vai vencer. A Mortalha se saciará!

— Mas existe mais uma opção — disse o Doutor. — Sinto muito, Ben. Eu sei que a sua cadela foi muito importante, mas você vai ter

que esquecê-la.

Ben olhou para Tess com tristeza.

— Sério?

— Acredito que sim. Desse jeito, você não vai ter visto o rosto dela na mancha de café na mesa de Mae, e a Mortalha não vai ter como atacá-lo.

— Não! — O pelo nas costas de Tess se arrepiou, e ela mostrou os dentes, rosnando com raiva quando o Doutor ergueu a chave de fenda sônica.

Então, de repente, a cadela saiu correndo da tenda, ganindo como se tivesse sido ferida.

— Só isso? — perguntou Ben. — Acabou?

O Doutor examinou a chave de fenda sônica.

— Não pode ser. Eu não fiz nada.

— E eu ainda me lembro da Tess — disse Ben. — De quando eu era pequeno, e...

Sem aviso, Ben voou tenda afora atrás da cadela, como se estivesse sendo arrastado por uma força invisível.

O Doutor se virou conforme o parque começava a derreter. Primeiro Jane, depois a tenda, em seguida as atrações do lado de fora.

Flash!

— Não!

O Doutor se sentou no carpete e olhou para baixo. Tinha soltado a mão de Ben. Não, não era possível. Alguém tinha separado os dois e feito a mesma coisa com a Mortalha do outro lado. Ben estava deitado no chão entre eles, se debatendo. A mulher com véu azul cintilou como uma safira e desapareceu.

— Clara! — gritou o Doutor, ficando de pé em um pulo. — O que aconteceu? — Pela janela do escritório, ele viu Clara e Mae sendo levadas por dois policiais. — Clara!

Ela se virou e olhou para ele, mas foi empurrada pela porta da redação.

Em seguida, alguém pegou as mãos do Doutor e as algemou nas costas dele.

— O senhor está preso por suspeita de roubar uma ambulância do Parkland Memorial Hospital hoje mais cedo...

— Ben! — gritou o Doutor, empurrando o policial. Ele caiu de joelhos ao lado do editor e colocou o ouvido no peito dele. — O coração dele parou! — gritou o Doutor. — Você precisa ajudá-lo! Ele está morrendo!

O policial puxou a arma e apontou para o Doutor.

— Senhor, afaste-se agora!

— Alguém precisa ajudá-lo!

Capítulo 7

— Eu não o matei! — O Doutor pulou da cadeira pela terceira vez nos últimos três minutos. — E, para ser sincero, acho que vocês não estão ouvindo nem uma palavra do que estou dizendo. Vocês precisam me soltar imediatamente. Seu planeta está sendo atacado, e eu preciso dar um jeito de salvá-lo.

Os dois detetives do outro lado da mesa trocaram um olhar cansado. Os dois tinham quase 30 anos e cabelo cortado à escovinha. A única diferença era a cor do terno.

— Por favor, sente-se, senhor — disse o que estava de terno verde.

— Tudo bem! — respondeu o Doutor, levantando as mãos. — Vamos fazer do jeito de vocês. — Ele se sentou e avaliou os dois detetives. — Qual dos dois é o policial malvado?

— Como é que é? — perguntou Terno Cinza.

— O policial malvado — repetiu o Doutor. — O que vai ameaçar pegar pesado. E o outro vai mandar ele sair para respirar e vai me oferecer café. — Ele lançou um olhar sério para os dois engravatados. — Acreditem, vai ser mais rápido se pularmos essa parte.

Terno Cinza estreitou os olhos.

— Senhor, nós somos bastante treinados em técnicas de interrogação de suspeitos. Nenhum de nós vai ameaçá-lo com violência.

O Doutor se recostou na cadeira e fungou.

— Bem, se vocês não vão colaborar, não adianta continuar.

— Vamos começar do início — disse Terno Verde. — Como o senhor deve saber, o presidente Kennedy foi baleado e morto ontem à tarde. Pode nos dizer onde o senhor estava quando esse incidente aconteceu?

— Eu estava em um sítio arqueológico, a quatrocentos mil anos-luz de distância, no século LI.

Cinza bateu com a mão espalmada na mesa.

— Estamos falando sério! — gritou ele.

— Eu *também*! — gritou o Doutor em resposta, batendo a mão na mesa. — E, só para registrar, você é o policial malvado, só não sabe disso. Agora, podemos apressar as coisas? Estamos ficando sem tempo.

— Ficando sem tempo para o quê?

O Doutor se levantou e se inclinou por sobre a mesa em direção a Cinza:

— Os rostos.

— Que rostos? — perguntou Cinza.

— Que rostos? Ninguém saiu do seu café? Ninguém apareceu na pia quando você aparou o cabelo hoje de manhã?

— Acho melhor o senhor se sentar — disse Verde, lançando um olhar de esquelha para o colega. — Talvez o senhor não esteja se sentindo muito bem. É isso? Quer que a gente chame um doutor?

— Eu *sou* um doutor!

— Doutor de quê? — perguntou Verde. — Médico?

— Entre outras coisas — respondeu o Doutor. — Muitas outras coisas, na verdade. Muitas das quais vocês jamais imaginariam que poderiam ter doutores. Como queijo, mas só do tipo azul e fedorento.

Verde fez outra anotação.

— Então vocês não viram os rostos? — perguntou o Doutor. — Não, claro que não viram. Imaginação limitada, sem ressonância psíquica. Vocês dois não veriam os rostos nem se, bem... ficassem cara a cara com eles. Escutem bem: eu preciso voltar ao hospital.

— O senhor não vai a lugar nenhum — disse Cinza. — Não enquanto estiver sendo interrogado sob suspeita de assassinato.

— Eu não matei ninguém! — gritou o Doutor. — Foi seu policial que rompeu a conexão entre Ben e a Mortalha.

Verde escreveu no bloco.

— A Mortalha?

— O alienígena! — disse o Doutor. — A mulher que estava segurando a mão de Ben.

— Temos duas mulheres sob custódia — disse Verde, folheando o caderno. — Srta. Mae Callon e srta. Clara Oswald. — Ele olhou para o Doutor. — Está dizendo que uma dessas mulheres matou o sr. Parsons?

— Não, claro que não — respondeu o Doutor. — Foi a outra mulher. A que tinha olhos de cachorro.

Verde conferiu os papéis de novo.

— O policial que fez a prisão disse que no início tinha achado que havia três mulheres na cena do assassinato — disse ele para o colega —, mas depois corrigiu para duas. Não há menção a nenhuma mulher “com olhos de cachorro”.

O Doutor suspirou.

— É porque ela desapareceu assim que seu policial a afastou de Ben. Ele já estava morto. Ela não podia mais se alimentar do luto dele... — Ele respirou fundo, com os olhos arregalados. — Claro! Vocês não veem? É o modelo de Kübler-Ross! Ela estava certa!

Verde pareceu confuso.

— Kübler quem?

— Elisabeth Kübler-Ross — gritou o Doutor. — Ela postulou que existem cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão

e aceitação. A gente discutiu na época, mas ela é que tinha razão. Está tudo no livro que ela publicou em 1969.

— 1969? — indagou Verde. — O senhor sabe que estamos em 1963?

— Sim, desculpe — disse o Doutor. — Está no livro que ela *vai* publicar em 1969. Isso se encaixa perfeitamente. Ben dizia o tempo todo que aquilo não estava acontecendo. Ele estava em negação. Quanto mais as pessoas ficam ligadas às Mortalhas, mais fundo elas penetram; e, quando chegam à aceitação... — Ele esticou o braço por cima da mesa, para pegar o bloco e a caneta de Verde, e começou a rabiscar equações em um ritmo frenético.

Verde o observou por um segundo enquanto ele trabalhava e se inclinou para a frente.

— Por favor, não se ofenda, mas o senhor já foi residente de algum tipo de instituição?

— Por um tempinho — respondeu o Doutor, sem tirar os olhos dos cálculos. — Era o Caos.

— Quer dizer que era uma confusão? — indagou Verde. — Mal administrado? Foi assim que o senhor conseguiu escapar?

— O quê? Não. O *nome* era Caos — explicou o Doutor. — Passei um ano sabático lá. Um lugar bom, depois que você se acostuma com os gemidos e os rangidos de dentes. O mingau também era bom, se me lembro bem. Claro, estava acabado quando fui visitar Peter Streete depois que ele enlouqueceu projetando o teatro Globe. — Ele terminou o trabalho e se sentou, com uma expressão de horror no rosto. — Onze horas.

Cinza trocou outro olhar com o colega.

— Senhor?

O Doutor ficou de pé num pulo de novo e começou a andar de um lado para o outro.

— As Mortalhas não estão apenas se alimentando da tristeza: eles a estão cultivando. Semeando o próprio alimento. O epicentro é aqui em Dallas, por causa do assassinato do presidente Kennedy. Mas

isso vai se espalhar pelo restante do planeta daqui a onze horas. E, se a raça humana chegar ao estágio de aceitação antes de eu encontrar um jeito de impedir o ataque, não haverá como revertê-lo.

— Isso está ligado à morte do presidente? — perguntou Cinza.

— Claro que sim! — gritou o Doutor. — Esse é o evento que as Mortalhas estavam esperando. Ah, se pelo menos Jack estivesse aqui. Ele ia mandar vocês me escutarem.

— O senhor está dizendo que conhecia o presidente Kennedy?

— Sim, bem... não. Mais ou menos. Eu o conheci na década de 1950, um pouco antes de eu ficar noivo de Marilyn Monroe sem querer, na casa de Frank Sinatra.

Verde largou o bloco na mesa e esfregou a testa.

— Estou ficando com dor de cabeça.

O Doutor foi até um espelho que ocupava uma parede inteira da sala de interrogatório e bateu no vidro.

— Oi? Eu sei que isto é um espelho falso e que tem alguém do outro lado. Você aí, preciso falar com você. — Não houve resposta. Ele suspirou. — Acredite, não temos tempo para isto. Se você não sair, vou ter que deixar o vidro transparente — alertou o Doutor. Ele enfiou a mão no bolso do paletó e suspirou de novo. — Vocês realmente precisavam confiscar a minha chave de fenda? — perguntou, virando-se para Cinza e Verde.

— Chave de fenda? Do que o senhor está falando? — perguntou Cinza.

O Doutor se virou de volta para o espelho.

— Quem quer que você seja, você está no comando — disse ele. — Então, por favor, tire o Abbott e o Costello daqui e me deixe falar com alguém que não tem a imaginação de uma torrada!

A porta se abriu, e um homem mais velho usando um terno xadrez mal-ajustado entrou na sala. O Doutor olhou para ele com um sorriso.

— Se vocês estivessem fazendo isso direito, ele estaria prestes a dizer que falta um dia para se aposentar e que está ficando velho

demais para essa porcaria.

O recém-chegado ignorou o comentário do Doutor.

— Eu assumo a partir daqui — disse ele aos detetives.

— Com que autoridade? — questionou Verde.

O homem com o terno feio abriu a carteira e revelou um distintivo de ouro.

— FBI — disse, sem emoção.

Resmungando, Cinza e Verde recolheram suas anotações e saíram da sala, batendo a porta atrás de si. O homem mais velho sentou-se em uma das cadeiras agora vagas.

O Doutor sorriu.

— O homem atrás do espelho, imagino.

— Meu nome é Agente Especial Warren Skeet — disse o homem, cruzando os braços. — Fale das Mortalhas.

O Doutor se sentou e inclinou o corpo para a frente.

— Você acredita em mim?

— Eu não disse isso.

— Não precisa — disse o Doutor. — Percebo nos seus olhos. — E se inclinou ainda mais. — Quem você viu?

— Meu parceiro — respondeu Warren. — Jock.

— Mas Jock está morto — disse o Doutor. — Acertei?

Warren continuou em silêncio.

— Como foi que você escapou de Jock?

— O rosto dele estava em uma janela — respondeu Warren. — Eu a quebrei. Ele disse umas coisas...

— Então você é um dos sortudos — disse o Doutor.

— Você pode ajudar as pessoas que viram os rostos?

— Daqui, não.

— Soltar você pode custar o meu emprego.

— Me manter aqui pode custar planeta.

Warren respirou fundo e puxou uma moeda do bolso. Ele a jogou para o alto.

— Coroa — disse ele. — Você está livre. — E pegou a chave de fenda sônica no bolso e a deslizou por cima da mesa. — O que você precisa de mim?

O Doutor pegou a chave de fenda, girou-a e a guardou no paletó.

— Primeiro, você pode libertar minhas amigas — disse ele. — Depois, preciso voltar ao hospital. É lá que tem a maior concentração de rostos.

— Eu não estava gostando mesmo desta carreira — disse Warren, empurrando a cadeira para trás e se levantando. — Vamos. — Ele abriu a porta, com o Doutor logo atrás. E, de repente, os dois pararam.

Terno Verde estava parado na frente da porta, de mãos dadas com uma mulher de véu azul. Estava murmurando, exatamente como Ben.

— Isso não está acontecendo. Não pode estar acontecendo.

— Não toque neles! — disse o Doutor, puxando Warren para trás. — Nenhum dos dois. — Ele saiu para o corredor, apoiando as costas na parede para evitar encostar em Verde sem querer.

— O que aconteceu com ele?

— São os rostos — respondeu o Doutor. — As Mortalhas. É isso o que acontece quando elas finalmente conseguem entrar.

— Você pode ajudá-lo? — perguntou Warren. — Afastá-lo da mulher?

O Doutor mirou a chave de fenda sônica dos pés à cabeça de Verde e depois na mão que o ligava à alienígena.

— Sinto muito — disse ele, verificando os resultados. — Ela está lá dentro há vários minutos. Se eu tentar romper o elo, ele vai morrer, do mesmo jeito que Ben Parsons.

— Mas não podemos deixá-lo assim!

— Precisamos — disse o Doutor. Ele guardou a chave de fenda sônica no bolso. — Qual é o nome dele?

— Michael — respondeu Warren. — Detetive Michael Green.

O Doutor não conseguiu conter um sorriso.

— Ah, verde no nome, essa eu não esperava ouvir — disse ele. — Na verdade, não estou ouvindo nada. — Ele deu alguns passos ao longo do corredor e depois parou para escutar. — Estamos na sede do Departamento de Polícia de Dallas, mas está silencioso. Nada de telefones, conversas, passos. — Ele se virou para Warren: — Vamos!

Eles descobriram Cinza de mãos dadas com uma das Mortalhas no refeitório, e seu rosto silencioso estava coberto de lágrimas. E Cinza não estava sozinho. O lugar se encontrava cheio de policiais, detetives e civis, todos ligados a mulheres de véu azul. Todos exceto uma adolescente que eles encontraram encolhida de medo ao lado de uma geladeira na cozinha. Ela gritou e tentou recuar ainda mais no espaço minúsculo ao ver os dois homens.

— Olá — disse o Doutor, com delicadeza. — Sou o Doutor, e este é Warren. Não precisa ter medo da gente.

A menina olhou rapidamente do Doutor para o agente do FBI e voltou para o Doutor, com olhos repletos de medo.

O Doutor pegou a mão trêmula da menina.

— Qual o seu nome?

— P-Peggy — gaguejou a menina.

— Tudo bem, Peggy — disse ele, tirando o papel psíquico do bolso. — Preciso que você leia para mim o que está escrito aqui...

Peggy deu uma olhada no papel, depois voltou a encarar o Doutor.

— Não tem nada escrito — murmurou ela.

— Como eu pensei — disse o Doutor para Warren, fechando e guardando a carteira. — Baixa ressonância psíquica. Ela não viu nenhum rosto.

— Isso significa que ela está em segurança? — perguntou Warren.

— Por enquanto — respondeu o Doutor. — Peggy — disse ele, voltando sua atenção para a menina. — Está acontecendo um treinamento, um tipo de exercício de emergência...

Peggy franziu a testa, com o rosto cheio de lágrimas.

— Quer dizer que isso não é real?

— Claro que não. — O Doutor estava radiante. — É só uma daquelas coisas de “se abaixar e se proteger”. Chato, é verdade, mas muito importante no caso de um desastre real.

Peggy fez que sim com a cabeça e secou os olhos com as costas da mão.

— O que eu tenho que fazer?

O Doutor a ajudou a se levantar.

— Venha com a gente — disse ele com um sorriso. — Tenho um papel muito importante para você no exercício. Quero que você finja ser uma prisioneira.

— Mas não sou atriz.

— Não se subestime — falou o Doutor. — Não depois de fingir estar tão assustada. Você é uma estrela em potencial.

Peggy deu um risinho nervoso.

— Você acha?

— É como estar no cinema — disse o Doutor. — Agora, se Warren fizer a gentileza de nos levar até as celas, vamos colocar você no seu papel.

Alguns minutos depois, Peggy estava sentada em um banco frio de pedra em uma cela vazia.

— Como estou indo? — perguntou ela.

— Perfeita! — respondeu o Doutor, animado. — Agora, por favor, permita-me dirigir a cena: quero que você fique trancada aqui até alguém vir dizer que é seguro sair. Lembre que pode demorar um pouco. E, não importa o que aconteça, não toque em ninguém com um véu azul no rosto. São atrizes no papel de cidadãs infectadas.

— Não vou tocar!

O Doutor e Warren saíram da cela.

— Está pronta para um close? — O Doutor piscou.

Peggy deu um risinho de novo.

— ... ação!

Warren fechou e trancou a porta da cela.

— Ela vai ficar em segurança aí dentro? — perguntou ele.

— Mais segura que muitas outras pessoas — respondeu o Doutor.

— Agora, tente me arrumar as chaves das outras celas.

Eles encontraram Clara e Mae juntas em uma cela no final do corredor. Clara deu um abraço apertado no Doutor.

— Eu não sabia o que tinham feito com você — gritou ela.

— Andei fazendo novas amizades — disse o Doutor, se libertando dela. — Clara, Mae, este é Warren.

Clara apertou a mão do agente do FBI.

— Cadê Ben? — perguntou Mae, olhando pelo corredor.

— Sinto muito — disse o Doutor.

Mae apoiou as costas na parede e arquejou.

— O que aconteceu? — perguntou Clara.

— Ele entrou em choque — explicou o Doutor. — A Mortalha estava fundo demais na mente dele quando o elo foi rompido. Mas não foi culpa do policial. Ele não tinha como saber que teria esse efeito.

— Então temos que voltar — avisou Mae.

— Ele não está mais lá — disse Warren. — O legista removeu o corpo do escritório pouco depois de prenderem vocês todos.

— Não estou falando disso — respondeu Mae. Ela se virou para o Doutor: — Você tem uma máquina do tempo, então prove! Volte e impeça o Ben de encostar naquela coisa.

— Não funciona assim — explicou o Doutor. — Não posso.

— Mas você precisa...

— Não posso! — disse o Doutor, com firmeza. — Sinto muito mesmo.

Mae enfiou o rosto nas mãos, soluçando.

Clara a abraçou.

— Então, o que fazemos, Doutor? — perguntou ela por cima do ombro de Mae.

— Não sei — admitiu o Doutor, de novo andando de um lado para o outro. — Ben estava começando a rejeitar a Mortalha quando o elo

foi rompido, mas não posso entrar nas memórias de cada pessoa e estimulá-las a fazer o mesmo. Não temos tempo. — Ele parou de andar e se virou: — Tem que ser um...

De repente, eles ouviram o barulho de motores. O Doutor correu até a janela e pulou em um banco para ver o lado de fora.

— Não, não, *não!* — gritou ele, disparando em direção à porta.

Warren, Mae e Clara correram atrás dele. Dezenas de veículos militares verde-escuros estavam passando em comboio.

— Tenho que voltar ao hospital — disse o Doutor.

Capítulo 8

A ambulância parou cantando pneus no posto de controle que bloqueava o acesso ao hospital. Havia um caminhão atravessado na rua, atrás de uma longa cerca de arame farpado.

A viagem pela cidade tinha sido difícil. As ruas estavam repletas de gente de mãos dadas com mulheres de véu azul. Eles foram obrigados a dirigir com cuidado para se desviar dos pares.

O Doutor saltou da ambulância e correu até o soldado armado que guarnecia a barreira.

— Olá — disse ele. — Que bela barricada vocês fizeram aqui. Muito boa mesmo. Escute, eu sei que você não deve deixar ninguém passar, mas o problema é que eu preciso muito falar com a pessoa responsável.

— Sinto muito, senhor — disse o soldado. — O general West estabeleceu a sede do comando dentro do hospital. Nenhum civil tem permissão para entrar, a menos que envolva uma emergência médica.

— Estamos em uma ambulância — observou o Doutor. — Por que você acha que não é uma emergência médica?

O soldado deu de ombros.

— Você não é um doutor.

— Rá! Sou, sim, e posso provar. — Ele começou a vasculhar os bolsos.

— Qual é o problema? — gritou Clara da ambulância.

— Perdi meu estetoscópio — gritou o Doutor, parecendo verdadeiramente desolado. Ele se virou para o soldado. — Qual o seu nome?

— Soldado Wright, senhor — respondeu o jovem.

— Certo, soldado Wright — disse o Doutor, com urgência. — É o seguinte. Você precisa deixar a gente passar por essa sua barricada. O futuro de toda a raça humana pode depender disso.

— Sinto muito, mas isso realmente não vai ser possível, senhor. Só estou fazendo meu trabalho.

— Sim, e está fazendo muito bem, infelizmente — respondeu o Doutor, com um suspiro. — Tem outra pessoa com quem eu possa falar? Alguém de patente mais alta?

— Tem o sargento Scott.

— Maravilha. Nesse caso, por favor, posso falar com o sargento Scott?

O soldado Wright deu de ombros outra vez.

— Sargento! — chamou ele, recuando para olhar atrás do caminhão. — Tem alguém aqui que... — De repente, ele levantou o fuzil e apontou para alguém ou algo que o Doutor não conseguia ver dali. — Senhora, afaste-se imediatamente!

O Doutor pulou por cima do arame farpado e correu até o soldado Wright. Atrás do caminhão, outro militar — o sargento Scott, pela divisa no uniforme — estava de mãos dadas com uma mulher de véu e vestido azuis. O rosto do sargento estava coberto de lágrimas, e ele murmurava para si mesmo.

— Isso não é real. Não pode ser real.

— Eu disse para se afastar do sargento imediatamente! — gritou o soldado Wright. — Sargento! Sargento! Está me ouvindo?

O sargento Scott continuou chorando e lamentando.

O Doutor colocou a mão no ombro do jovem soldado.

— Sinto muito — disse ele. — Não tem nada que eu possa fazer por ele agora. Mas, se nos deixar passar, pode ser que eu descubra um jeito.

O soldado Wright afastou a mão do Doutor e deu um passo em direção à mulher silenciosa, ainda mirando a arma nela.

— Este é meu último aviso, senhora! — gritou ele. — Solte a mão do sargento imediatamente ou vou atirar!

— Não! — alertou o Doutor. — Ela não é o que você pensa...

O soldado Wright girou nos calcanhares para o Doutor, com o dedo no gatilho.

— Então fale o que ela é, senhor!

— Não posso — respondeu o Doutor —, não de um jeito que você entenda agora. — Ele estendeu as mãos. — Me dê a arma, e a gente pode conversar...

— Não, pare! — O sargento Scott caiu de joelhos, perdido nas lembranças. — Não!

A mulher se ajoelhou ao lado dele.

O soldado Wright virou a arma para ela de novo.

— Afaste-se do meu sargento!

— Soldado! — disse o Doutor com firmeza. — Abaixei a arma. Por favor.

O soldado apavorado virou brevemente a arma para o Doutor e voltou para a mulher que segurava a mão do sargento. Ele também estava começando a chorar.

— Eu não... eu não...

— Você não entende — disse o Doutor, completando a frase do jovem. — Está tudo bem. De verdade. Mas você precisa me ouvir. Eu posso ajudar...

De repente, o sargento Scott levantou a cabeça e gemeu como um animal ferido.

Pá!

O soldado Wright disparou o fuzil. Um buraco de bala apareceu brevemente no centro do peito da Mortalha, e em seguida a criatura

desapareceu em uma chuva de fagulhas azuis. O sargento Scott caiu no chão no mesmo instante, sacudindo-se e tossindo como se estivesse sufocando.

O Doutor se ajoelhou ao lado do sargento e pôs os dedos no pescoço dele para sentir a pulsação. Achou que tivesse encontrado por um segundo, mas, depois, nada. O sargento Scott desfaleceu, imóvel.

— O que aconteceu? — gritou uma voz. — Ouvimos um tiro. — O Doutor levantou o olhar e viu Warren de pé atrás dele. Clara e Mae espiavam pela lateral do caminhão.

O soldado Wright estava paralisado, ainda segurando o fuzil com mãos trêmulas.

— Ajude Clara a colocar o corpo do sargento na parte de trás do caminhão — pediu o Doutor a Warren. — Mae, encontre um lugar silencioso para o soldado Wright se sentar. Depois, preciso que todos vocês me encontrem na frente do hospital.

— O que você vai fazer? — perguntou Clara.

O Doutor se levantou, dando uma última olhada no sargento morto a seus pés.

— Vou falar com quem está no comando por aqui.

Deixando cada um com sua tarefa, o Doutor correu pelo estacionamento e subiu os degraus até a recepção do hospital. Mas foi parado por outro guarda armado.

— Sinto muito, senhor — disse o soldado. — O senhor não pode prosseguir.

— Lá vamos nós de novo — disse o Doutor para si mesmo. — Outro duelo com a mente militar... — Ele deu um sorriso simpático para o guarda. — Sério? Não posso prosseguir?

— Receio que não, senhor. O acesso ao hospital está permitido apenas a pessoal militar.

— Exatamente o que eu gostaria que você dissesse! — disse o Doutor com um sorriso enorme, virando-se para ir embora. — Muito obrigado pelo seu tempo.

Ele encontrou Warren, Mae e Clara à sua espera na escada do lado de fora.

— Preciso de uma distração — disse, baixinho.

— Mesmo que você consiga passar por esse cara, há mais soldados lá dentro — respondeu Clara. — Você não vai chegar até o general.

— Consigo, se eu for pela TARDIS antes...

Alguns instantes depois, o Doutor se agachou em um nicho e observou Warren subir a escada até a recepção, respirando com dificuldade. Quando chegou ao último degrau, ele colocou a mão no peito e caiu. Mae e Clara correram até ele e se ajoelharam a seu lado.

— Socorro! — gritou Mae. — Acho que ele teve um enfarto! Socorro, alguém!

O soldado em guarda correu até elas, permitindo assim que o Doutor entrasse despercebido no corredor atrás dele.

O general Harley B. West abriu o mapa de Dallas na superfície da mesa e se afastou para admirar o próprio trabalho. Em menos de uma hora, ele tinha transformado uma das salas de cirurgia do hospital em um centro de comando da Guarda Nacional do Texas. Evidentemente, vários pacientes tiveram suas cirurgias adiadas por conta disso. Mas sempre haveria baixas quando o poderio militar fosse convocado para defender a maior nação do mundo.

Assim que ouviu falar dos rostos esquisitos aparecendo na cidade toda, o general West colocou sua unidade em alerta. Felizmente, eles estavam de prontidão desde o dia anterior. Depois de saber do assassinato do presidente Kennedy, o general West preparou suas tropas para aplicar a lei marcial que imaginava que seria instituída na região. Em vez disso, as autoridades apenas isolaram a Dealey Plaza como se fosse uma cena de crime comum e não um ataque à própria democracia. Tudo bem, talvez ele não fosse partidário desse

presidente específico, mas lutaria até o fim para defender as liberdades que tinham permitido que esse homem fosse eleito.

Essa também não foi a primeira vez que os governantes tinham ignorado seus conselhos. Houve aquela situação desagradável no ano anterior, quando os soviéticos depositaram mísseis em Cuba e ameaçaram lançá-los nos Estados Unidos. Só de pensar nisso, o sangue do general ferveu, e ele foi obrigado a apertar a borda da mesa cirúrgica para controlar a raiva. Evidentemente, ele tinha sido uma das poucas vozes que pediram um ataque tático total em Cuba por se aliar a Moscou. Castro não poderia lançar mísseis se estivesse no fundo do mar, observara o general. No entanto, democracia e negociação acabaram triunfando. Outra guerra — e outra chance para o general West ser banhado em glória militar — tinha sido evitada.

Ainda assim, ele precisava manter o otimismo. Um dia ele conseguiria seu desfile com confetes, e talvez essa maluquice de rostos saindo do nada fosse o caminho para isso. Provavelmente era coisa dos russos — como sempre —, e, dessa vez, aqueles burocratas do Capitólio seriam obrigados a ouvir a voz da razão. A época de conversar com quem odeia a liberdade tinha acabado. Agora, eles precisavam de ações militares rápidas, e ele era o homem certo para isso.

A porta da sala de cirurgia se abriu, e seu imediato, o capitão Adam Keating, entrou carregando uma sacola de lona. Era um homem muito mais jovem do que o general, pois progredirá rapidamente pela hierarquia militar por ter o apoio constante de seus subordinados e o respeito de seus superiores. Ainda assim, isso não era de todo ruim, e o general suspeitava que se sairia bem em uma batalha, se algum dia chegasse a ver uma.

— Você pegou? — perguntou o general, alisando as dobras do mapa.

— Peguei — respondeu Keating —, mas as enfermeiras da ala infantil não ficaram muito felizes.

— Estamos em guerra, Keating! — retrucou o general. — Não estamos aqui para deixar as pessoas felizes.

— Tecnicamente, não estamos em guerra, senhor — observou Keating. — Ainda não sabemos quem ou o que estamos enfrentando, então não podemos declarar guerra.

— É só uma questão de tempo — resmungou o velho soldado. — Então? Deixe-me ver.

Com um suspiro mal disfarçado, o capitão Keating colocou o conteúdo da sacola na mesa. O general se viu diante de dezenas de bonecas de plástico.

— Excelente trabalho! — exclamou ele, pegando a maior boneca. Ele a segurou por um segundo e então arrancou a cabeça e jogou o resto no canto da sala.

— A maior concentração de cabeças e rostos se projetando foi aqui no hospital — disse ele, colocando a cabeça da boneca no mapa. — Então vamos usar esta para cá... — Ele pegou outra boneca e logo a decapitou. — Também tivemos ocorrências no Fair Park, no Cotton Bowl Stadium e várias no Museu de Arte Contemporânea. Se bem que quem passa o dia encarando estátuas seminuas merece tudo que recebe.

O capitão Keating observou enquanto o general, aos poucos, cobria o mapa com cabeças decepadas de bonecas.

— O senhor tem um plano de ataque?

— Claro! — gritou o general. — Vamos arreventá-los e mandá-los de volta para a Rússia!

— Perdão, senhor — comentou Keating. — Não sabemos se eles vieram da Rússia. Posso sugerir que analisemos um pouco mais o inimigo antes de começar a explodi-los?

— Muito esperto, ora ora! — esbravejou uma voz vinda da porta antes que o general pudesse responder. Keating se virou e viu um homem alto e magro de uniforme militar britânico cruzando a sala. Seu cabelo (com quase toda a certeza mais longo do que qualquer exército permitia) estava grudado na cabeça com óleo, e ele tinha

um bigode preto que se inclinava muito ligeiramente para a esquerda.

A mão do general pairou sobre o cabo de sua pistola.

— Quem é você, em nome do coisa ruim? — perguntou.

— O nome é Lethbridge-Stewart! — anunciou o recém-chegado. — Brigadeiro Alistair Gord. Não, espere, só um segundo... ainda estamos em 1963, certo? — Ele parou por um instante para fazer conta nos dedos. — Ah, sim! Sou o *coronel* Alistair Gordon Lethbridge-Stewart. Exército britânico, meu velho! Encantado em conhecê-lo, oras! — Ele estendeu a mão, que o general ignorou.

— O que está fazendo aqui? — falou o texano, com sotaque forte.

— Fui convocado para ajudar com essas cabeças danadas — respondeu o britânico. — Acabar com os safados de uma vez por todas. Líder Galgo para Armadilha Um etc. e tal, meu velho camarada.

— Convocado? — indagou o general. — Por quem?

Os olhos do coronel Lethbridge-Stewart piscaram enquanto ele parecia pensar.

— Ora, pelo Pentágono, meu amigo! — respondeu depois de um ou dois segundos. — Já estive aqui, trabalhando em alguns projetos do tipo militar, você sabe, coisas com soldados e tal. E, quando eles souberam desses rostos pipocando, me colocaram no primeiro voo para cá embaixo. Ou em cima. Tanto faz. — Ele levantou a mão para ajeitar a gravata, mas pareceu mudar de ideia no último instante e acabou enrolando as pontas do bigode.

O general estreitou os olhos.

— Você já viu essas coisas antes?

— Não exatamente como essas, chefe — respondeu o coronel. — Mas situações como essa são a minha praia, camarada. Se eu fosse você, ouviria com cuidado e faria exatamente o que eu disser.

O general resmungou.

— O Pentágono pode ter mandado um inglesinho frouxo para prestar consultoria, mas ainda estou no comando aqui, entendeu?

— Claro, meu velho — soltou Lethbridge-Stewart. Ele sacou a própria arma e acenou com ela descuidadamente. — Agora, em quem eu preciso atirar para conseguir uma xícara de chá aqui?

O capitão Keating se agachou para evitar a linha de tiro da arma.

— Hum, eu ficaria feliz em pegar chá para o senhor — disse ele — se o senhor guardar sua arma.

— Claro, meu velho! — O coronel estava radiante. — Nunca gostei muito dessas coisas mesmo. — Ele pôs a pistola no coldre na terceira tentativa, e Keating saiu da sala. — Agora... — disse ele, se inclinando sobre o mapa enfeitado com cabeças de bonecas. — O que temos aqui?

— Um registro atualizado dos rostos e cabeças — respondeu o general. Ele não gostava de ter que compartilhar informações com aquele inglês bebedor de chá. Mas, se o Pentágono tinha enviado um cara para ajudar, o sujeito faria um relatório. O general ia cooperar e incluir o idiota... por enquanto. — Preciso saber exatamente onde eles estão, para eliminá-los da face da Terra. — O general riu com entusiasmo e deu um tapa nas costas de Lethbridge-Stewart. Quando conseguiu recuperar o fôlego, o coronel se uniu a ele nas gargalhadas.

— Que coisa, ora ora! — exclamou Lethbridge-Stewart. — Mas e o elemento surpresa?

— O que tem?

— Ora, pense bem, meu velho... Se vocês chegarem atirando para todo lado, a notícia do ataque vai se espalhar entre os inimigos. Mas, se posicionar as tropas fora da visão dos safados, você pode ativar a armadilha no momento certo!

Um sorriso se insinuou pelo rosto do general.

— Quer dizer, pegá-los desprevenidos?

— Essa é a ideia!

O general West se virou e andou de um lado para o outro pela sala, remoendo o plano.

— Acho que isso significa que eu poderia acabar com a invasão em um ataque fatal...

— Invasão? — perguntou o coronel. — Você sabe que se trata de uma invasão?

— Claro que sim! — gritou o general. — Uma invasão comunista!

— Ah, é... aham. Claro!

— E acabar com a invasão toda com um único comando... Isso, sim, vai chamar a atenção!

— Com certeza! — disse Lethbridge-Stewart, dando um tapa nas costas do general. Ele percebeu a reação do velho soldado e logo enfiou a mão no bolso do paletó. — Imagino que isso vá impressionar bastante os chefões em Washington.

O general deu um sorriso. Por mais maluco que esse britânico fosse, ele gostava da ideia de ser percebido pelos chefões.

— Então, onde você sugere que eu posicione as tropas? Fora da visão do inimigo?

— Totalmente fora da visão! — respondeu o coronel. Ele tirou a mão do bolso e a abriu, revelando umas dez balinhas com formato de homenzinhos. — Na verdade, se fosse o senhor, eu os levaria exatamente até aqui. — Ele soltou as balinhas na área perto da beirada do mapa.

O general se inclinou para examinar a área e fez uma careta.

— Esse é o meu quartel — disse, sem emoção.

— Exatamente, camarada — respondeu Lethbridge-Stewart, empolgado. — E é exatamente isso que esses pilantras não esperam que o senhor faça.

— Mas isso é uma retirada total dos meus homens!

O coronel Lethbridge-Stewart acenou um dedo longo no ar.

— É isso que parece, parceiro — concordou ele. — Mas, na realidade, é uma tática militar perspicaz.

A porta se abriu, e o capitão Keating voltou, trazendo uma bandeja com xícaras.

— Esplêndido! — gritou o coronel. — Estou seco, companheiro!

Mas, em vez de oferecer chá, Keating se virou e apontou uma arma para o oficial britânico.

— Você é um impostor! — rosnou ele. — Mãos ao alto!

— Caramba! — exclamou o coronel Lethbridge-Stewart, levantando os braços. — Aceito café se o chá for causar tanto problema.

— O café é para o general — retrucou Keating. — Sinto muito por ter demorado, senhor. Fiz um telefonema quando estava fora. Um telefonema para a sede das forças armadas do Reino Unido, e me disseram que o coronel Lethbridge-Stewart *verdadeiro* está realizando exercícios táticos em Salisbury neste momento.

— O quê? — rugiu o general West. — Está me dizendo que este homem não é o verdadeiro?

— É exatamente o que estou dizendo — explicou Keating, estendendo a mão para o bigode falso do soldado britânico. Lethbridge-Stewart se inclinou para trás, para manter o pelo facial longe do alcance do capitão, mas Keating simplesmente se estendeu um pouco mais e o arrancou.

— Ai! — gritou o coronel falsificado, colocando a mão no lábio superior. Depois, agitou o cabelo oleoso da parte de trás da cabeça, que ficou bagunçado de um jeito alarmante. — Olá! Sou o Doutor. Acho que agora chá está fora de questão, certo?

— Acho que você nos deve explicações — esbravejou o general, agora apontando a própria pistola para o Doutor. — O que está fazendo no meu centro de comando?

— Sim, essa parte eu posso explicar — respondeu o Doutor. — Sinto muito pelo disfarce, mas estava bom, não estava? Eu precisava dar um jeito de falar com o senhor. General, haja o que houver, o senhor não deve atacar as Mortalhas, de jeito nenhum.

— As o quê? — perguntou o general.

— As Mortalhas — respondeu o Doutor. — É uma história meio longa, mas elas são uma raça alienígena que veio aqui para se saciar

com a tristeza dos seres humanos. Posso dar um jeito de impedi-las. Só preciso de tempo.

— Você vai ter muito tempo no lugar para onde vai — disse o general, indicando a porta com a arma. — Capitão Keating, pode levá-lo.

— Estou falando sério! Vocês precisam me ouvir!

— Não vou dar ouvidos a um louco com bigode falso. Tire-o daqui!

— Não tem nada de errado com um bigode falso, sabe — resmungou o Doutor enquanto Keating o conduzia para fora. — O senhor acha que o do Clark Gable era de verdade? Ele não era ninguém até eu colar aquele bigodinho nele...

O general West escolheu uma xícara na bandeja e deu um gole no café enquanto o falso oficial britânico era conduzido para fora da sala de comando.

— Que abusado!

No corredor, Keating se virou para o Doutor:

— Você sabe o que está acontecendo aqui? — perguntou ele.

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Mais ou menos.

— Venha comigo — disse o capitão.

— Você não vai a lugar nenhum — disse uma voz. O capitão Keating se virou e encontrou uma arma apontada para a própria cabeça.

— Warren! — gritou o Doutor. — O que você pensa que está fazendo?

— Provavelmente, entregando meu pedido de demissão — respondeu o agente do FBI com um sorriso triste. Ele desativou a trava de segurança da pistola e gritou para uma sala lateral. — Achei.

Clara apareceu na porta da sala.

— Traga-o aqui dentro — ordenou ela.

— Eu realmente não acho isso uma boa ideia... — começou o Doutor, mas foi ignorado. Warren conduziu o capitão Keating para a sala e o mandou se deitar em um leito vazio.

— Vocês não estão entendendo — resmungou Keating. — Quero ajudar.

— Então fique deitado como um bom garoto — chiou Clara enquanto amarrava o capitão. — Esta é a sala de recuperação, onde os pacientes ficam depois da cirurgia. Eles precisam ser amarrados para não cair da cama.

— Não era assim que devia acontecer — protestou o Doutor, mas, de novo, parecia que ninguém estava ouvindo.

— Conseguiu? — gritou Clara.

Mae saiu de um depósito nos fundos da sala, com as mãos cheias de pequenos frascos de vidro.

— Tem um monte de remédios — disse ela. — Mas nenhum deles parece ser um sedativo.

— Sedativo? — repetiu o Doutor, esfregando a testa. — E vocês precisam de sedativo para...

— Para impedir que ele grite pedindo ajuda — respondeu Warren, sem emoção.

O Doutor se jogou em uma cadeira.

— Isso não é bom — murmurou. — Não é nada bom.

— Não sobrou sedativo nenhum — disse o capitão Keating. — Coloquei tudo no café do general!

Crash!

O Doutor se levantou de um pulo e voltou correndo até a sala de cirurgia. Ali dentro, encontrou o general Harley B. West caído, inconsciente, no mapa. Havia cabeças de boneca espalhadas por todo o chão.

Ele voltou à sala de recuperação e lançou um olhar desconfiado para Keating.

— Você drogou seu superior?

— Claro que sim! — retrucou Keating. — Você conheceu o cara. Ele é maluco. Desesperado por uma briga. Posso não ter os anos de experiência dele, mas sei que não se ataca um oponente antes de saber quem ele é.

— Então, por que você me expôs? — perguntou o Doutor.

— Eu não sabia quem você era de verdade — disse Keating. — Só sabia que você definitivamente não era militar. Eu não podia correr o risco de você executar seu plano no instante em que o general caísse.

Um sorriso irônico se abriu no rosto do Doutor.

— Sedativo — disse, dando um tapinha animado no rosto de Keating. — Maravilha. — E começou a soltar as amarras que prendiam o capitão.

— Você disse que pode dar um jeito de impedir essas coisas — disse Keating, sentando-se na beirada do leito. — É verdade?

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Acho que sim. Mas não temos muito tempo.

— Tudo bem — respondeu Keating, apertando a mão do Doutor. — Então vou manter o general fora de ação pelo tempo que der. O restante é por sua conta.

Capítulo 9

— Vamos fazer o quê? — perguntou Clara, alcançando o Doutor enquanto ele andava a passos largos pelo corredor do hospital. Warren e Mae se esforçavam para acompanhar o ritmo dos dois.

— Vamos voltar — respondeu o Doutor. — Como Mae sugeriu antes. Desculpe — falou ele por cima do ombro. — Eu devia ter escutado você.

— Mas você disse que não podemos voltar na linha temporal do Ben — observou Mae.

— Não podemos — disse o Doutor. — Mas tudo bem, porque não vamos seguir a linha temporal do Ben. Vamos seguir a das Mortalhas.

Clara agarrou o braço do Doutor e o fez parar.

— Agora você não está fazendo sentido nenhum — disse ela.

— Estou fazendo todo o sentido — insistiu o Doutor. — Não é minha culpa se você não consegue entender.

— Então tudo bem — disse Clara. — Para ajudar os lentos aqui, você pode, por favor, explicar o que estamos prestes a fazer?

O Doutor respirou fundo.

— Eu nunca encontrei as Mortalhas antes — disse ele. — E, por mais que me doa dizer isso, não sei como impedi-las. Então temos que voltar.

— Voltar para onde? — perguntou Warren.

— Para o último planeta que as Mortalhas atacaram — respondeu o Doutor. — Não sei bem onde ou quando está esse planeta, mas uma visita rápida pode nos dar uma pista de qual é o ponto fraco delas. Pode nos ajudar a descobrir um jeito de derrotá-las.

— Calma aí — disse Clara. — A TARDIS não quer nem decolar, quanto mais viajar para outro planeta. Como vamos chegar lá?

— Do mesmo jeito que as Mortalhas chegaram aqui — respondeu o Doutor. — Através daquele buraco de minhoca, cuja extremidade está cercado o planeta todo no momento. — E então ele se afastou de novo.

— Se não vamos pegar a TARDIS, por que você está indo para lá? — perguntou Clara atrás dele.

— Para tirar esta roupa ridícula! — gritou o Doutor por cima do ombro. — Estou prestes a fazer uma coisa muito inteligente e ligeiramente contrária às regras do universo. É bom eu estar vestido de acordo.

— Que pena — disse Clara com uma piscadela para Mae. — Adoro homens de uniforme.

— Eu ouvi essa! — gritou o Doutor. — Me encontrem lá fora daqui a cinco minutos. E nada de espiar.

Quando Clara, Mae e Warren chegaram ao estacionamento na frente do hospital, o Doutor já estava lá, de volta a seu fraque, calça jeans preta e gravata-borboleta. Estava examinando a parede da frente do prédio com a chave de fenda sônica.

— Como você faz isso? — perguntou Clara. — Como troca de roupa tão rápido?

— Guarda-roupa wibbly-wobbly — respondeu o Doutor com uma fungada. — Esta parede leva diretamente para o buraco de minhoca. Bem, o planeta todo leva, na verdade. Mas é por aqui que vamos entrar. Alguma pergunta?

Warren levantou a mão.

— Eu tenho — disse ele. — Por Deus, do que você está falando?

— Ah, sim — respondeu o Doutor. — Eu sempre esqueço que você não estava com a gente desde o começo. Me dê sua meia.

— Como é?

— Uma das suas meias — repetiu o Doutor. — Passe para mim. Vou deixar tudo mais claro.

Warren deu de ombros, tirou um dos sapatos e puxou a meia. O Doutor a pegou e examinou a estampa xadrez vermelha e azul no tecido.

— Ah, estampas xadrez! — exclamou ele. — Adoro! — O Doutor levantou o calcanhar e colocou a meia por cima, como se quisesse medir o tamanho. — Maravilha! — Ele se virou para Clara: — Anote o seguinte: quando tudo isto terminar, precisamos comprar meias xadrez.

Clara cruzou os braços.

— Veja como eu anoto isso rápido — disse, sem emoção.

— Ainda não entendi o que isso tem a ver com as Mortalhas e outros planetas — disse Warren, voltando a calçar o sapato no pé sem meia.

— Vai entender em um instante — prometeu o Doutor. — Agora, observe... — Ele puxou uma tesoura do bolso e cortou a canela da meia.

— Ei! — gritou Warren. — Essa meia é nova!

— Ainda é nova — disse o Doutor. — Mas, agora, também é educativa... — Ele guardou a tesoura e pegou uma tangerina. — Certo. Imagine que a tangerina é a Terra, sentada sozinha em uma ponta do sistema solar, cuidando da própria vida.

Ele deu a fruta para Mae e a instruiu a segurá-la no alto.

— E este — continuou o Doutor, pegando uma nectarina em outro bolso — é o planeta em que as Mortalhas estão no momento. Mas elas querem sair deste mundo e chegar à Terra a tempo de jantar.

Ele deu a nectarina a Clara, que também segurou a fruta no alto. O Doutor pegou um pedaço de fio no bolso da calça e o esticou entre as duas frutas.

— Ir de um planeta a outro em uma linha reta exige uma quantidade colossal de energia, tecnologia incrivelmente avançada e mais organização de logística do que todos os assistentes pessoais e secretárias do mundo juntos. Dez mil vezes isso se você também precisar atravessar o tempo. — O doutor passou o dedo ao longo do fio entre a nectarina e a tangerina. — Mas...

Ele pegou o centro do fio, começou a dobrá-lo ao meio e deslocou Clara para deixá-la ao lado de Mae.

— Você pode trapacear usando algo chamado buraco de minhoca.

— E a minha meia é isso? — perguntou Warren.

— Exatamente! — disse o Doutor, cobrindo a nectarina com uma ponta do tubo xadrez e a tangerina com a outra. — Pense como se fosse um atalho no espaço e no tempo. Um jeito rápido de viajar por longas distâncias sem todo o incômodo.

— Então é assim que a TARDIS viaja através do tempo e do espaço? — perguntou Clara.

— Mais ou menos, sim — respondeu o Doutor. — Bom, na verdade, não. A TARDIS viaja através do Vórtice, que é, em termos leigos, uma... coisa enorme, complicada, multidimensional, transtemporal. E, como a meia de Warren, tem duas cores lindas.

— Bem, fico feliz por termos esclarecido isso — disse Clara.

O Doutor pegou a chave de fenda sônica de novo e voltou a examinar a parede ao lado da porta do hospital.

— Então, agora vocês sabem o que é um buraco de minhoca — disse ele. — A propósito, podem ficar com as frutas.

Clara e Mae sorriram e guardaram o lanche. Warren pegou o que sobrou da meia, fez uma careta para ela e a jogou em uma lata de lixo próxima.

— O buraco de minhoca envolve o mundo todo — disse o Doutor. — Mas este hospital é um ponto fraco: muita tristeza diariamente e mais ainda ontem. Então, será o ponto mais fácil de invadir. Eu só preciso encontrar a frequência certa para reverter a polaridade do fluxo de nêutrons... — Ele mudou de um ajuste sônico para outro

até que, de repente, a parede começou a ondular, como se fosse uma superfície vertical da água.

— Fantástico! — sussurrou Clara, dando um passo em direção à entrada do buraco de minhoca, com o braço estendido. O Doutor logo lhe deu um tapa. — Ai! — gritou ela. — Por que você fez isso?

— Você estava quase enfiando a mão para entrar em outro mundo! — disse o Doutor. — Além do fato de que o buraco de minhoca provavelmente vaporizaria a carne humana e lançaria seus dedos para um bilhão de direções diferentes, você não sabe o que tem do outro lado se sua mão atravessar intacta. Você pode entrar no banheiro de alguém, e isso não é educado.

Clara recolheu a mão, fazendo uma careta.

— Então como vamos passar por essa coisa se ela vai nos vaporizar?

— Usamos um veículo — explicou o Doutor. — A estrutura de metal vai funcionar como uma gaiola de Faraday, absorvendo todas as partes energizadas e mantendo em segurança a parte gosmenta no interior. — Depois ele acrescentou: — A parte gosmenta é a gente.

— Então, voltamos à ambulância? — indagou Mae.

— Bingo!

Eles correram pelo estacionamento até o local onde tinham deixado a ambulância. Estavam entrando quando o Doutor viu algo em um pequeno grupo de árvores que separava o hospital da rua principal.

— Ah, não... — disse ele, correndo até lá.

A dra. Mairi Ellison estava sentada sob uma das árvores, com o rosto coberto de lágrimas. Estava de mãos dadas com uma das Mortalhas. O Doutor se aproximou e fez menção de levantar o véu da mulher, mas a dra. Ellison se virou e lançou um olhar furioso para ele.

— Afaste isso de mim agora! — gritou ela. — Afaste isso de mim!

— O estágio da raiva — comentou o Doutor, triste. — As Mortalhas estão ficando mais fortes. Vou afastar isso de você, Mairi. Você só precisa confiar em mim. — Ele estendeu a mão e, com cuidado, levantou o véu azul da mulher, revelando os olhos de um senhor idoso.

— Talvez seja o pai dela — sugeriu uma voz. O Doutor olhou para cima e viu Clara em pé atrás dele. Então soltou o véu.

— Vamos — disse ele, virando-se e andando às pressas para a ambulância. Ele pulou no banco do motorista e passou o cinto de segurança. — Vamos lá — incentivou ele, dando a partida com a chave de fenda sônica.

— Espere aí — disse Warren na parte de trás da ambulância, inclinando-se por cima dos bancos da frente e pousando a mão no ombro do Doutor. — A gente realmente vai sair da Terra e ir para outro planeta?

O Doutor abriu um sorriso.

— Aham!

— E a gente vai respirar lá? Vai ter oxigênio?

Clara e Mae se viraram para o Doutor, alarmadas.

— Eu estava torcendo para ninguém perguntar isso — disse o Doutor. — Mas você perguntou, Warren. Parabéns. Merece uma estrelinha dourada por apavorar todo mundo.

— Então? — perguntou Clara. — Qual é a resposta? Vamos conseguir respirar?

— É quase certo que sim — respondeu o Doutor. — Provavelmente. Muito provavelmente.

— Como você pode saber?

— Além do negócio de tentáculo mental, as Mortalhas têm uma biologia basicamente humanoide — explicou o Doutor. — Isso significa que elas precisam do mesmo tipo de atmosfera que nós.

— Você está chutando, não é?

— Desde que chegamos aqui — respondeu o Doutor. — Mas não deixem que isso os desanime. Com certeza tem um plano se

formando em algum lugar na minha cabeça. Ele vai aparecer quando estiver pronto. Agora, se ninguém tiver mais perguntas, sugiro que a gente entre à toda naquela parede de tijolos ali e torça para sair do outro lado em um planeta alienígena.

O Doutor pisou fundo no acelerador e foi em direção à parede ondulante. Todos na ambulância fecharam os olhos e se agarraram em alguma coisa.

— *Jerônimo!*

Eles saíram dentro de um túnel comprido que parecia feito de nuvens cinza sólidas. Como concreto que tivesse sido remexido antes de secar completamente. O Doutor fez a ambulância parar, acendeu os faróis e assobiou satisfeito.

— Uau! — disse ele. — Isso é novidade.

— O quê? — perguntou Mae.

— O buraco de minhoca — respondeu o Doutor. — Não se parece com nada que eu já tenha visto.

— É, porque, normalmente, quem vê um buraco de minhoca vê todos — comentou Clara.

— Exatamente — disse o Doutor, sem perceber o tom sarcástico. — Não passei por tantos assim, mas eles sempre foram instantâneos. A gente chega do outro lado no momento exato em que passa por ele. Mas isto é incrível.

Ele estendeu a mão para a maçaneta da porta, e Clara o interrompeu:

— O que você está fazendo?

— Vou sair para olhar melhor — disse o Doutor.

— Mas você vai deixar o ar escapar!

O Doutor estreitou os olhos.

— Estamos em uma ambulância — disse ele. — Não é hermeticamente fechada. O ar começou a escapar no instante em que chegamos. Como não estamos rolando por aí com a pele da cor da TARDIS, eu diria que o ar também está entrando.

Ele abriu a porta e desceu. Warren e Mae saíram da parte de trás da ambulância e, depois de alguns segundos de birra, Clara se uniu ao grupo.

— É difícil de andar — disse Warren. — Irregular.

O Doutor se agachou e passou os dedos no chão.

— Parece o Vórtice — disse ele. — Só que morto.

— Talvez seja isso que acontece com os buracos de minhoca depois que eles morrem — sugeriu Clara.

O Doutor balançou a cabeça.

— Eles não morrem — disse ele. — Não são vivos. São apenas vias de passagem. Túneis de um tempo e espaço para outro. — Ele pegou um binóculo de ópera rebuscado e espiou pelo buraco de minhoca. — E estão vendo? Tem uma luz na outra ponta.

Ele passou o binóculo para Warren.

— Estou vendo — confirmou ele. — Está ondulando, do mesmo jeito que a parede do hospital.

— Então deve ser ali que ele termina — disse Mae. — A saída.

— Mas está a apenas alguns quilômetros de distância — comentou Warren, devolvendo o binóculo de ópera para o Doutor. — Não está nem tão longe quanto a Lua.

— Você está esquecendo — disse o Doutor. — O buraco de minhoca em si pode ter apenas alguns quilômetros de comprimento, mas pode abranger milhares de anos-luz ou até mais.

— Então ainda não temos ideia de aonde ele vai nos levar — disse Mae.

— Só tem um jeito de descobrir — disse Clara, abrindo a porta do motorista para o Doutor. — Todos a bordo. Próxima parada: o mundo misterioso!

Eles voltaram para a ambulância e continuaram a dirigir. A viagem foi difícil, à medida que o Doutor precisava desviar das protuberâncias maiores que se destacavam no chão do túnel. Mais de uma vez eles ouviram um raspão metálico quando as laterais da ambulância arranharam as laterais do buraco de minhoca.

De repente, Mae arquejou.

— Ai, meu Deus! Acabei de me dar conta do que são essas coisas.

— Que coisas? — perguntou Clara.

— As coisas saindo das paredes e do chão — gritou Mae. — Parecem rochas e pedaços de pedra, mas não são. São corpos!

Clara olhou pela janela e cobriu a boca com a mão. Mae estava certa. Ali, se destacando da rocha cinza, havia um ombro e a parte de trás de uma cabeça.

O Doutor suspirou.

— Warren — disse ele. — Sinto dizer que você vai ter que abrir mão da sua coroa de “apavorar as pessoas”. Temos uma nova campeã.

Clara se virou no assento para encará-lo.

— Você sabia que eram corpos?

— Já estive em Pompeia — respondeu o Doutor. — Tanto no grande dia quanto anos depois. Os vultos cobertos de cinzas do Vesúvio se pareciam muito com essas pobres criaturas.

— Mas quem são eles? — perguntou Mae. — Quer dizer, quem eram?

O Doutor parou por um instante para escolher as palavras.

— São vítimas das Mortalhas — disse por fim. — Elas devem trazido algumas pessoas do planeta anterior para a viagem. Como uma marmita. Essas são as sobras.

O rosto de Mae perdeu a cor.

— Isso é terrív...

Flash!

De repente, Mae não estava mais sentada na parte de trás da ambulância com Warren. Na verdade, ela não estava na ambulância — nem no buraco de minhoca. Estava em um quartinho escuro, batendo em uma porta de metal.

Flash!

Mae deu um pulo no banco e gritou. O Doutor pisou no freio e se virou, com a chave de fenda sônica em punho.

— O que foi? — perguntou.

Os olhos de Mae se mexiam de um lado para o outro. Sua respiração estava entrecortada, e ela sentia o coração martelando.

— Não... não sei. Eu não estava aqui. Quer dizer, na ambulância. Eu estava em um tipo de cômodo, mas não conseguia sair.

O Doutor a examinou com a chave de fenda sônica.

— Bem, você não se moveu fisicamente — disse ele, lendo os resultados. — Deve ter sido algum tipo de salto mental. Talvez você tenha captado algum resíduo psíquico deixado para trás.

Mae pareceu horrorizada com essa sugestão.

— Quer dizer que eu senti o que uma daquelas pessoas lá fora passou antes de... antes de morrer?

O Doutor fez que sim com a cabeça e continuou a dirigir. A saída ondulante do buraco de minhoca estava claramente à vista diante deles.

— Quanto mais perto chegarmos do outro planeta, mais forte a conexão com as vítimas delas. Pode ser por isso que o buraco de minhoca se parece com um túnel de verdade. Ele mantém os restos das presas das Mortalhas: tanto a energia física quanto a psíquica. Ele não consegue se fechar em si mesmo como deveria.

Warren estendeu a mão e pegou a de Mae.

— Está tudo bem — disse ele. — Vou garantir que...

Flash!

Warren desabalava por um corredor, abrindo caminho em meio a centenas de pessoas que vinham da direção oposta, tentando passar.

— Orma! — gritou ele. — Orma!

Flash!

Warren se sacudiu no assento, surpreso ao ver que os outros o encaravam.

— O que foi?

— Quem ou o que é Orma? — perguntou o Doutor.
— Não sei — admitiu Warren, preocupado. — Por quê?
— Você estava gritando isso — respondeu Clara.

Warren deu um longo suspiro.

— Aconteceu comigo também — disse ele. — Por um segundo, eu não estava aqui na ambulância. Eu estava tentando forçar a passagem por uma multidão. Todos ao meu redor estavam apavorados.

— Tudo bem — disse o Doutor, virando-se para a frente, engatando a marcha e pisando fundo no acelerador. — Quanto mais cedo sairmos daqui, melhor. Tem muitos destroços e resquícios psíquicos flutuando à nossa volta. — A ambulância começou a sacudir enquanto passava pelas protuberâncias no chão. — Apenas tentem não pensar no que está embaixo das rodas.

— Mas e se for assim quando chegarmos ao outro planeta? — perguntou Clara. — E se chegarmos lá e todos pudermos...

Flash!

Clara se sentou na cama de repente. O quarto estava escuro. Até a luz noturna tinha apagado.

— Mãe! — gritou ela. — Mãe, você está aí?

Não houve resposta. Nervosa, Clara afastou as cobertas grossas e pisou descalça no chão liso de metal. Sentiu frio na sola. Ela estendeu a mão na direção da lamparina que sempre ficava em sua mesa de cabeceira, ciente de que não devia ter mais muito óleo nela, não naquela altura da estação, mas deveria ser o suficiente para lhe dar alguns minutos de luz. Encontrou um fósforo e o riscou, tentando com os dedos trêmulos manter a chama firme para acender o pavio. Depois de alguns segundos, ele começou a brilhar, e Clara descobriu, aliviada, que ainda estava no próprio quarto.

Não, pensou ela consigo mesma. Não é o meu quarto. Meu quarto fica em Londres. Mas este quarto — com paredes de metal pintadas e uma penteadeira feita com restos de uma velha cápsula de viagem — era o lugar mais familiar do mundo para ela.

De repente, ouviu uma batida à porta. Não, mais do que uma batida. Alguém esmurrava a porta. Quem poderia estar do lado de fora? Devia ser tarde, talvez até fosse o meio da noite.

— Quem é? — perguntou Clara, com a voz hesitante. E ficou paralisada. Não era sua voz. Ela era muito mais velha do que aquela voz. Segurando a lamparina à sua frente, Clara foi até a penteadeira e deu uma olhada no pedaço de aço polido que servia de espelho. Ali havia o rosto de uma menina. Com uns 9 ou 10 anos. Clara levantou a mão até o rosto e tocou os lábios — e a garota no espelho fez a mesma coisa.

Mais uma batida à porta — só que, desta vez, a porta se mexeu. Ela abriu para dentro, só alguns centímetros, mas o suficiente para apavorar Clara. Ela apagou a lamparina, pulou na cama e puxou as cobertas por cima da cabeça. Talvez tudo isto fosse um pesadelo. Talvez, se ela conseguisse dormir de novo, tudo voltasse ao normal.

A porta do quarto se abriu com força, e Clara deu um pulo sob as cobertas. Quem quer que estivesse batendo na porta agora estava dentro do quarto. Ela ouvia seus passos no chão de metal. Obviamente usava botas. O intruso puxou as cobertas e apontou uma luz forte para seus olhos. Uma luz verde e forte. E houve um barulho também. Um tipo de *Vriiiii!*

— Aí está você! — disse o Doutor.

Flash!

Clara deu um pulo no banco. Estava de volta à ambulância — só que agora Warren dirigia e o Doutor se espremia entre eles, com os dedos na testa dela.

— O que você está fazendo? — gritou ela, empurrando as mãos dele.

O Doutor pareceu confuso por um instante.

— Eu estava salvando você.

— Você entrou na minha mente?

— Sim. Para salvar você.

— Você entrou na minha mente sem a minha permissão?

— Mais uma vez, parece que você não está ouvindo a parte do “eu salvei você”.

— Nunca mais faça isso!

— O quê? Salvar você?

— Não. Entrar lá sem a minha permissão.

O Doutor mexeu na gravata-borboleta, nervoso.

— Tudo bem — disse ele.

— A menos que você tenha que fazer isso para me salvar, óbvio — disse Clara. Em seguida, ela prendeu a respiração quando a lembrança do que tinha visto a atingiu. — Precisamos encontrar a menina!

— Que menina? — perguntou o Doutor.

— Você não a viu? — perguntou Clara. — Ela era... bem, ela era eu.

O Doutor balançou a cabeça.

— A única pessoa que eu vi naquele quarto se parecia com você.

Clara se recostou, nitidamente agoniada.

— Ela estava tão sozinha.

Eles dirigiram em silêncio por alguns minutos, e então Warren falou:

— Certo. Fim da estrada, pessoal.

A extremidade ondulante do buraco de minhoca estava vindo na direção deles.

O Doutor pulou para a parte de trás da ambulância com Mae e se sentou na maca.

— Boa sorte, pessoal — disse ele, se agarrando a um cilindro de oxigênio preso à parede.

E a ambulância irrompeu para outro mundo.

Capítulo 10

A ambulância irrompeu através do portal ondulante no fim do buraco de minhoca, pousou em uma superfície de gelo e começou a derrapar de lado. Os pneus giravam enquanto tentavam desesperadamente pegar tração no chão escorregadio. Warren pisava no freio e virava o volante na direção oposta à da derrapagem, um esforço para diminuir o impulso do veículo. Depois de dar duas voltas completas, a ambulância bateu de lado em um monte de neve alto. O motor engasgou e morreu.

— Alguém machucado? — gritou o Doutor, finalmente soltando as laterais da maca.

Mae, Clara e Warren confirmaram que estavam bem.

— Ótimo — disse ele, se inclinando entre os bancos da frente para espiar pela janela. Do lado de fora, tudo era de um branco brilhante e, exceto pela chuva pesada que caía no teto do veículo, completamente silencioso.

— Onde quer que a gente esteja, parece que chegamos no meio do inverno — observou Mae.

— Não necessariamente — disse o Doutor, se esticando por cima de Clara para abrir a janela. — Pode ser o verão daqui. Ou pode ser uma mistura de inverno e verão exatamente ao mesmo tempo. —

Ele inspirou fundo o ar gelado. — Uma estação nova chamada “inverno”.

— Inverno? — perguntou Clara, batendo na mão dele para afastá-la e fechando a janela.

O Doutor fungou.

— Talvez não. Vamos lá encontrar alguma civilização.

Ele apontou a chave de fenda sônica para a ignição e lançou um pulso. O motor deu partida na quarta tentativa, mas a ambulância não respondia aos comandos de Warren. Os pneus simplesmente giravam no solo congelado.

— Estamos presos — disse ele, voltando a marcha para ponto morto. — Atolados na neve.

— Então temos que cavar para sair — disse o Doutor. Ele abriu as portas traseiras da ambulância, saltou para fora e imediatamente escorregou e caiu sentado no chão. — Cuidado com o primeiro passo — gritou enquanto se levantava. — É complicado!

Clara e Mae se uniram a ele, tremendo sob a chuva gelada.

— Por onde começamos? — perguntou Mae. Mas o Doutor não respondeu. Estava analisando a área à volta com interesse.

— Vejam — disse ele, apontando para o outro lado do monte de neve que eles haviam atingido. — Uma fileira de casas.

— São minúsculas — disse Clara. — Nenhuma delas tem mais de um andar.

— Parece que foram construídas dentro da colina — disse o Doutor.

— Como tocas de hobbits — disse Clara.

— Exatamente como tocas de hobbits! — concordou o Doutor.

— Então chegamos ao planeta das pessoinhas?

— Não necessariamente — respondeu o Doutor. — Daqui, as portas parecem ter a altura humana média. E vocês já notaram que algumas estão penduradas pelas dobradiças?

Clara estreitou os olhos para ver melhor através da chuva fustigante.

— E várias janelas estão quebradas, também — disse ela. — Por que será?

— Não faço ideia — respondeu o Doutor. — Mas ficaria muito interessado em saber.

Mae abraçou o próprio corpo.

— O que vocês acham de a gente analisar a arquitetura local *depois* de tirarmos a ambulância do gelo e voltarmos para o quentinho?

— Claro — disse o Doutor, sorrindo. — Só precisamos de alguma coisa para cavar.

Eles ouviram um estalo de madeira, e Warren apareceu, segurando o forro da porta do motorista.

— Podemos usar isto — sugeriu.

— Já estamos enrolados por roubar a ambulância — lembrou Clara. — Não sei se deveríamos começar a vandalizá-la também.

— Se você prefere cavar com as mãos, tudo bem — disse Warren. — Mas provavelmente vai levar pelo menos o dobro do tempo, e podemos perder os dedos congelados...

— Dê isto aqui! — disse Clara com uma careta de irritação, pegando o pedaço de madeira.

Warren deu um risinho e voltou para quebrar mais pedaços do forro.

Eles levaram cerca de vinte minutos para liberar a lateral da ambulância do túmulo de neve, e estavam todos ensopados e tremendo de frio. Warren engatou a marcha e finalmente fez o veículo avançar, apesar de os pneus ainda terem dificuldade para manter a aderência no chão.

Clara pulou no banco do passageiro da frente e ligou o aquecimento.

— Achei que nunca mais a gente ficaria aquecido — resmungou.

O Doutor pulou na parte traseira com Mae e bateu as portas. Estava orientando Warren quanto à melhor direção a seguir quando um grupo de pessoas — muito parecidas com humanos, mas com a

pele bem mais pálida e olhos escuros e redondos — pulou do alto do monte de neve e começou a se aproximar da ambulância, se espalhando para cercá-la.

— Olá! — disse o Doutor, animado. — Parece que o comitê de boas-vindas nos encontrou.

— Eles não me parecem muito acolhedores — observou Clara.

— Dê uma chance para eles — disse o Doutor. — Esse pode ser o jeito deles de cumprimentar desconhecidos...

As pessoas se aproximaram lentamente da ambulância, com os braços estendidos. Estavam todos vestidos com roupas rasgadas e envolvidos em cobertores velhos. Os rostos e as mãos eram cheios de cicatrizes e feridas. Uma mulher com o rosto macilento encarou os ocupantes da ambulância através do para-brisa e cuspiu com raiva, mostrando dentes escuros e quebrados.

O Doutor deu de ombros.

— Se bem que...

Um homem alto e magro avançou de repente. Ele agarrou um dos retrovisores da ambulância e começou a puxá-lo.

Warren apertou a buzina.

— Saiam daqui! — gritou ele.

A multidão deu um pulo para trás, mas, depois que eles perceberam que o barulho não fez nada além de assustá-los, todos se aproximaram de novo. Mais uma vez, o homem alto agarrou o retrovisor e, após um instante, o arrancou.

O sujeito abraçou o prêmio e se virou para sair correndo, mas só conseguiu dar alguns passos antes de dois outros do grupo o atacarem. Eles o arrastaram para o chão, lutando pelo espelho, socando e chutando o dono temporário para fazê-lo desistir.

— Certo — disse o Doutor. — Acho que precisamos sair daqui.

— Eu estava pensando exatamente a mesma coisa — concordou Warren, voltando a engatar a marcha.

Antes que eles conseguissem se mexer, as portas traseiras da ambulância foram abertas, e mais três agressores começaram a

entrar. Mae gritou ao vê-los e tentou fechar as portas, mas um dos homens agarrou a perna dela e a arrastou para o gelo.

— Mae! — O Doutor pulou atrás dela, caindo no agressor e fazendo-o desabar no chão. Quando o Doutor conseguiu ficar de pé, duas mulheres estavam segurando os braços de Mae e arrastando-a em direção às casas de hobbit.

— Doutor! — berrou Clara. — Atrás de você!

Ouviu-se um barulho metálico surdo, e o Doutor girou e viu outros dois do grupo batendo nas laterais da ambulância e um terceiro escalando até o teto.

— Dirija! — gritou ele para Warren, batendo as portas traseiras. — Vou atrás de Mae. Encontro vocês depois!

Assentindo, Warren pisou fundo no acelerador. Os pneus giraram loucamente, e então, enfim, aderiram ao chão, e a ambulância deu um solavanco para a frente. Vários membros da gangue foram obrigados a pular para fora do caminho a fim de não serem arrastados sob o veículo que ele acelerava.

Certo de que Clara e Warren estavam em segurança, o Doutor correu atrás de Mae e suas captoras. Com a chuva pesada, era difícil ver para onde eles tinham ido, e o gelo do chão o fez cair de joelhos mais de uma vez. Então ele viu de relance o macacão vermelho de Mae à frente e correu atrás dele, pisando com força a cada passo para cravar a sola da bota no chão.

As duas mulheres obviamente estavam mais acostumadas a correr naquelas condições do que o Doutor, mas Mae estava resistindo um bocado, o que era suficiente para deixá-las mais lentas.

— Paradas aí! — berrou o Doutor, aparecendo na chuva atrás delas. Estava usando a chave de fenda sônica como lanterna. A luz verde lançava um tom sinistro na neve à volta. Ao ver o instrumento mágico, as duas mulheres pareceram se esquecer de Mae. Soltaram os braços dela e a deixaram cair no chão molhado. Começaram a

avançar na direção do Doutor, e seus olhos grandes fitavam ávidos a ponta pulsante da chave de fenda sônica.

O Doutor estendeu a mão para Mae e a ajudou a se levantar, pegando sua mão para impedi-la de cair de novo.

— Corra! — sussurrou ele.

Os dois correram, ora escorregando no gelo ou afundando os pés na neve. O problema era que, com a chuva caindo nos olhos, eles não conseguiam enxergar nada, e isso os deixou lentos.

Depois de alguns instantes, eles pararam para recuperar o fôlego.

— Quem são essas pessoas? — perguntou Mae.

— Não sei — admitiu o Doutor. — Mas não parecem muito felizes de ver a gente.

Em seguida, ele ouviu o barulho de passos amassando a neve atrás de si e girou para ver o resto da gangue se aproximando. Os dois foram cercados.

O Doutor voltou a tirar a chave de fenda sônica do bolso e a sacudiu de um lado para o outro.

— Afastem-se — alertou ele. — Não tenho medo de usar isto!

Ele tentou apertar o botão no cabo, mas percebeu que não havia nenhum botão. Ele suspirou. Não tinha pegado a chave de fenda sônica. Era uma cenoura.

— Olha — disse ele. — Vocês têm essa neve toda, e eu tenho uma cenoura. Se Mae tiver três pedaços de carvão e uma cartola no bolso, talvez possamos fazer algum tipo de acordo...

Ele jogou a cenoura no chão, e os três agressores mais próximos se ajoelharam para disputá-la. O Doutor enfim localizou a chave de fenda sônica e a segurou com o braço estendido, iluminando de verde o rosto pálido dos agressores que se aproximavam.

— Afastem-se! — alertou ele, apontando a chave de fenda sônica de uma pessoa para outra. Mas eles continuaram a avançar, fitando fixamente o brilho forte de esmeralda na ponta.

— Eles não querem machucar vocês! — gritou uma voz.

O Doutor se virou. Havia um vulto em cima de uma das casas, contrastando com o reluzente céu branco.

— O que eles querem? — gritou ele em resposta.

— Suas posses — berrou o vulto. Era uma voz grave. Masculina.
— Deem alguma coisa e eles vão deixar vocês em paz. Pelo menos por um tempo.

Ainda apitando a chave de fenda sônica com o braço estendido, o Doutor soltou a cintura de Mae e começou a vasculhar os bolsos do paletó com a mão livre. Mae pegou no bolso da saia a tangerina que tinha recebido do Doutor.

— Ele está falando de algo assim?

O Doutor deu de ombros.

— Não custa tentar...

Mae jogou a fruta por cima da cabeça de dois agressores. Ambos — um homem e uma mulher — pularam para a fruta e começaram a brigar por ela na neve.

— Continuem — gritou o homem do alto da casa.

O Doutor tirou a mão do bolso e olhou para ela. Estava segurando uma caneta-tinteiro prateada.

— O que é que você está esperando? — gritou Mae. — Jogue!

— Mas esta é uma caneta Paul E. Wirt original! — exclamou o Doutor. — Mark Twain me deu depois de escrever o primeiro rascunho de *Huckleberry Finn* com ela. Péssimo em ortografia. Eu tive que revisar muito antes de ele apresentar o manuscrito.

— Então escolha outra coisa! — berrou Mae.

Colocando a caneta de volta no bolso, o Doutor pegou uma chave grande, depois um mouse e, por fim, uma bola de beisebol. O grupo ao redor deles, que começava a perceber que a chave de fenda sônica não lhes fazia mal nenhum, se aproximava cada vez mais.

— Jogue! — gritou Mae. — Agora!

— Está autografada pelo Babe Ruth — chiou o Doutor, virando-se para mostrar a assinatura.

— Não me importa! — Mae arrancou a bola da mão dele e a jogou com força no chão, na frente do grupo. Todos os agressores caíram na bola, resmungando e se debatendo para pegá-la.

— Por aqui — gritou o homem. — Agora! — Ele desceu do telhado da casa e caiu com agilidade na neve macia abaixo. Em seguida, abriu a porta de uma das poucas casas que ainda estavam com as janelas intactas.

O Doutor pegou a mão de Mae e os dois correram, passando em disparada pelo cara e entrando na residência.

O interior era mais espaçoso do que o Doutor imaginava, e a casa parecia ser construída dentro da encosta da colina. Mas ele não tinha tempo para explorá-la. O homem do telhado abriu um alçapão de metal no centro do cômodo e estava fazendo sinal para todos eles descerem a escada estreita para a escuridão.

Fazendo Mae ir na frente, o Doutor obedeceu e foi seguido de perto pelo novo amigo. Não havia muito espaço no pé da escada, e Mae e o Doutor se viram espremidos contra outra pessoa.

— Olá — disse o Doutor, estendendo a mão molhada sob a luz fraca que vinha da sala acima. Mas o alçapão fechou-se com um som metálico, e de repente tudo ficou escuro.

— Sssshhhh! — instruiu o homem que os levara para dentro da casa.

Eles ficaram em silêncio, bem quando a janela se quebrou na sala acima. O Doutor ouviu os passos entrando, pisando nos pedaços de vidro quebrado. Primeiro um dos agressores, depois mais um e, com o tempo, passos demais para distinguir quantos eram.

As pessoas se movimentaram acima deles por alguns minutos e, depois, com um resmungo de frustração, começaram a sair por onde tinham entrado.

— Bem — disse o Doutor, depois de alguns instantes de silêncio. — Aqui é aconchegante, não? — Ele acendeu a ponta da chave de fenda sônica, cobrindo-os com uma luz verde. Ainda não conseguia

ver seus salvadores direito, mas teve a oportunidade de analisar o espaço onde estavam. Havia uma porta atrás do segundo homem.

— É só a entrada para o andar de baixo — disse o cara do telhado. — Eu não queria levar vocês mais adiante enquanto os Desejadores estivessem lá em cima, para eles não ouvirem a porta ranger. Esses lugares antigos não estão exatamente bem preservados.

— Desejadores? — perguntou Mae. — O que eles são?

— Vocês nunca ouviram falar dos Desejadores? — indagou a segunda pessoa. — De onde vocês são?

— É uma longa história — respondeu o Doutor. — Mas, agora que não há perigo de sermos ouvidos, por que não entramos um pouco mais e ficamos à vontade?

A segunda pessoa se virou e empurrou a porta interior. Conforme previsto, houve um rangido alto ao abrir. À luz da chave de fenda sônica, o Doutor e Mae mal conseguiam ver um longo corredor se estendendo na escuridão.

— Esperem — disse um dos homens. — Deve ter uma lamparina a óleo em algum lugar aqui. — Ele riscou um fósforo e uma luz se acendeu. O Doutor piscou pela súbita ausência de escuridão e, quando seus olhos se ajustaram, se virou para agradecer aos dois homens que tinham salvado ele e Mae.

Ele parou, com um sorriso largo cobrindo seu rosto.

— Ah, isso é simplesmente genial! Não é, Mae?

Mae encarou os homens. Ambos estavam vestidos em roupas largas e multicoloridas, ambos tinham rosto branco e nariz vermelho, e ambos usavam perucas descabeladas de arco-íris.

— Vocês são palhaços! — disse ela, espantada.

— Ora, é claro — disse o sujeito de nariz vermelho do telhado. — Esse aí é o Vira-Vira, e eu sou o Bundamole. Vocês estavam esperando alguém que não fosse palhaço?

— Na verdade, não — respondeu o Doutor, alegre. Ele pegou a mão de Bundamole e a sacudiu. — Uma viagem para um mundo

gelado distante em uma ambulância roubada e uma gangue de ladrões que brigam por uma bola de beisebol e uma tangerina. Por que não haveria palhaços esperando para nos salvar?

Ele se virou para dar uma olhada melhor no corredor. Havia portas nos dois lados, e ele abriu a primeira e viu um quarto bem-equipado.

— Isto é fantástico! — disse, com um grande sorriso. — Imagino que vocês venham aqui para escapar do frio.

— Não — respondeu Vira-Vira simplesmente. — A gente vem aqui para escapar dos ataques de ursos.

— Volte agora! — gritou Clara. — A gente precisa voltar para pegar os dois! — Eles tinham deixado o Doutor e Mae apenas alguns minutos antes, mas já os tinham perdido de vista por causa da tempestade. Os limpadores de para-brisa iam de um lado para o outro no vidro, mas quase não ajudavam a melhorar a visibilidade.

— Estou tentando! — berrou Warren. — Mas tem montanhas de neve dos dois lados. Se eu virar aqui, vamos ficar atolados de novo, e aí fazemos o quê?

Clara estendeu a mão para a maçaneta da porta.

— O que você está fazendo? — gritou Warren, agarrando o braço dela para afastar da porta.

— Vou ajudar o Doutor!

— Não seja burra! Não estamos em uma estrada. Só estamos dirigindo em neve e gelo. Mesmo que conseguisse encontrar o caminho de volta, você só ia dar de cara com aqueles lunáticos que atacaram a gente.

— Bem, precisamos fazer alguma coisa.

— Vamos fazer — garantiu Warren. Ele colocou a mão dentro do casaco e tirou a arma do coldre. — Pegue isto.

Clara pegou a arma sem jeito e fechou a mão em torno do cabo de madeira polida. Manteve o dedo longe do gatilho. Warren fez um sinal de positivo com a cabeça e voltou a dirigir.

Conduzir a ambulância estava sendo complicado. A chuva fria congelava em cima da neve no chão. O veículo escorregava de um lado para outro e às vezes atingia um monte de neve e soltava uma nuvem de pó branco.

— Está ficando mais largo — disse Warren, virando o volante delicadamente para a direita para corrigir uma ligeira derrapada. — Se continuar assim, vamos poder voltar daqui a alguns minutos.

— Pare! — gritou Clara de repente.

Warren pisou no freio, mas a ambulância deslizou por mais alguns metros, parando com uma trombada suave em uma das paredes de neve do caminho.

— O que foi? — perguntou ele.

— Ali — disse Clara, apontando pelo para-brisa. — Tem alguma coisa na nossa frente.

Warren esfregou o vidro embaçado e tentou localizar o que Clara estava vendo. Uma rajada de vento desviou a chuva por um microssegundo, e ele viu.

— Um monte de neve — disse ele. — Ainda bem que você viu. Se a gente batesse naquilo, não ia a lugar nenhum. Vou tirar.

Ele pegou o forro de madeira da porta e começou a sair.

— Cuidado — disse Clara.

Warren fez que sim com a cabeça e saiu no frio. Clara observou enquanto ele se aproximava da pilha de neve, sua silhueta iluminada pelos faróis da ambulância. Então, do nada, a neve começou a se mexer. Ela se ergueu e se virou para o agente do FBI.

Não era um monte de neve. Era um urso completamente branco.

Warren olhou apavorado para a criatura enorme. Apoiado nas patas traseiras, o urso tinha pelo menos três metros e meio de altura e caninos afiados saindo pelas laterais da boca. Era um urso-polar-dentes-de-sabre.

O animal rugiu, e o som reverberou na barriga de Warren. Ele queria correr. Dar meia-volta, entrar de volta na ambulância e se afastar o mais rápido possível. Mas não conseguia se mexer. Estava

paralisado de medo. Era ali que tudo ia acabar. Em um planeta alienígena onde ninguém jamais encontraria seu corpo — se é que sobraria alguma coisa para encontrar, depois que aquele urso gigantesco acabasse com ele.

O urso foi na direção de Warren, e ele de repente recuperou os pés. Andou de costas, de olho no urso e segurando o pedaço do forro da porta da ambulância, como se isso pudesse protegê-lo dos dentes e das garras do animal. Mas ele só tinha aquilo.

Um golpe da enorme pata partiu a madeira em duas, fazendo Warren cambalear e escorregar no gelo. Ele lançou olhares rápidos para a direita e a esquerda, procurando uma rota de fuga. Mas ele só via mais neve. Se tentasse correr, em segundos a criatura estaria em cima dele.

Sentiu a parte de trás das pernas bater em algo duro. O para-choque dianteiro da ambulância. Ele estendeu a mão para tatear o capô do veículo e tentar achar a porta mais próxima. O motor ainda estava ligado, e o metal, quente. Warren se perguntou brevemente se essa sensação seria a última que ele teria na vida.

A poucos metros de distância, o urso continuava avançando na direção dele, ainda erguido nas patas traseiras. Ele rugiu mais uma vez e golpeou com a pata, cortando o tecido do paletó de Warren com as garras afiadas, e então...

Bang!

O urso se assustou com o barulho do tiro, mas não demorou muito para se recuperar. Rugiu com raiva e continuou a avançar.

Bang!

Dessa vez, o urso hesitou. Warren finalmente encontrou forças para se mexer, virou-se e viu Clara parada atrás dele na chuva, apontando a arma para o animal.

— Volte para a ambulância — ordenou ele, correndo em direção à porta do motorista.

Outro rugido ecoou dos montes de neve à direita. Depois mais um, à esquerda. O urso tinha amigos, e os tiros tinham atraído sua

atenção.

Clara e Warren pularam de volta para a ambulância e bateram as portas. Warren acelerou, avançando diretamente para cima do urso raivoso. Ele o acertou na pata esquerda, fazendo-o girar, e nisso perdeu o retrovisor que lhe restava. Com a arrancada, a ambulância começou a rodopiar, e ele lutou com o volante, tentando impedir que o veículo batesse em um dos montes de neve.

Para a surpresa de Clara, a ambulância girou exatamente 180 graus, e eles viram que agora estavam de novo na direção do Doutor e de Mae. Ela e Warren se permitiram um breve sorriso e voltaram a avançar, contornando a figura agora imóvel do urso que tinham atingido, e ganhar velocidade.

Até que uma pata enorme, com garras longas e amareladas, estourou a janela do lado dela.

Capítulo 11

— Vocês são de outro planeta? — Bundamole parou enquanto acendia o fogo na lareira e se virou para o Doutor, que andava de um lado para outro. Cada passo de seus pés encharcados soltava um barulho abafado.

Estavam em uma sala de estar pequena, porém agradável, que ficava atrás de uma porta mais adiante no túnel subterrâneo. Assim como no quarto que eles tinham visto, as paredes, o teto e o piso eram todos feitos de metal. Quatro poltronas estavam arrumadas em um semicírculo de frente para a lareira. O estofamento estava bem gasto, mas, quando Mae se afundou em uma delas a convite dos palhaços, descobriu que eram muito confortáveis.

— Somos de outros dois planetas, tecnicamente — respondeu o Doutor. — Mas a Terra é suficiente, por enquanto. Que planeta é este?

— Vocês não sabem? — perguntou Vira-Vira.

— Não tenho ideia — respondeu o Doutor, com um sorriso enorme. — Essa é metade da diversão.

— Estamos em Semtis — disse Bundamole, voltando a atenção para a lareira. Ele conferiu se o fogo tinha pegado bem e se afastou para que o Doutor e Mae pudessem se aproximar das chamas.

— Sementis! — exclamou o Doutor, segurando a calça ensopada em frente à lareira. — Caramba! Se eu me lembro bem, e é muito raro eu não me lembrar de tudo corretamente, estamos no canto superior esquerdo da galáxia de Andrômeda. Quer dizer, do ponto de vista da Terra. Você está *bem* longe de casa, Mae.

— Estamos em outra galáxia? — perguntou Mae, estendendo as mãos na direção das chamas.

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— Dois milhões e meio de anos-luz de distância da sua. Ou menos, se você esperar um pouco. Elas estão prestes a colidir daqui a uns... — Ele olhou o relógio. — Quatro bilhões de anos.

Mae piscou, claramente não convencida.

— E as pessoas aqui por acaso são humanas e falam a nossa língua?

— Os humanos são meio universais — observou o Doutor. — E a TARDIS está traduzindo para nós. Ela pode estar a mais de dois milhões e meio de anos-luz de distância, mas, se formos pelo buraco de minhoca, são apenas alguns quilômetros. Está dentro do alcance da tradução.

— Buraco de minhoca? — perguntou Bundamole.

O Doutor confirmou com a cabeça.

— Está ligando Sementis à Terra. Foi assim que chegamos aqui. — Ele tirou o paletó e o colocou em frente à lareira para secar. — Era só o que me faltava: mais uma gravata-borboleta ensopada. Parece estar acontecendo com frequência, ultimamente.

Mae se inclinou para a frente, estendendo as mãos espalmadas para o fogo alto.

— Eu prefiro aqui embaixo a lá fora.

— É ótimo — disse o Doutor para os palhaços. — Mas não podemos ficar muito tempo. Precisamos encontrar nossos amigos, e quero falar com alguém daqui sobre as Mortalhas.

Vira-Vira fez uma careta ao ouvir o nome.

— As Mortalhas destruíram nosso mundo — disse ele. — Transformaram o planeta em uma sociedade de tribos, como os Desejadores que vocês viram lá fora.

— Vocês os chamaram disso antes — disse Mae. — O que são os “Desejadores”?

Bundamole se endireitou na cadeira, com uma expressão grave, apesar do sorriso pintado.

— Foi mais ou menos no fim da última estação que a gente começou a ver os rostos — explicou. — Em manchas nas paredes ou em rachaduras no gelo colado nas janelas. Sempre pessoas que tinham morrido. Pessoas de quem a gente sentia saudade. E depois as mulheres de azul apareceram.

Mae e o Doutor se entreolharam. A história era muito familiar.

— Elas seguravam nossa mão e sugavam nossa mente — continuou Bundamole. — Tentamos nos livrar das Mortalhas, mas, sempre que tentávamos salvar alguém, essa pessoa morria. — Ele encarou as chamas crepitantes da lareira por um instante. — Elas se alimentavam da nossa tristeza.

— É isso que está acontecendo agora mesmo na Terra — comentou o Doutor. — Preciso encontrar um jeito de detê-las.

— Impossível — disse Vira-Vira. — As Mortalhas são invencíveis. Já tentamos de tudo.

— Mas por que essas pessoas, os Desejadores, agiram daquele jeito quando nos viram? — perguntou Mae.

— É do cérebro humano — disse o Doutor. — Quando uma emoção, a tristeza, por exemplo, é completamente erradicada da mente de uma pessoa, outra emoção aumenta para preencher o vazio e acaba dominando quaisquer outros sentimentos da pessoa, até controlá-la completamente. No caso dos Desejadores, parece que a inveja assumiu o controle.

— Isso mesmo — disse Bundamole. — Eles querem qualquer coisa que não tenham, ainda que, quando consigam, não saibam o

que fazer com ela. Eles simplesmente descartam os novos pertences e caçam outros.

— E imagino que eles não sejam a única “tribo”, como você disse — comentou o Doutor.

— Os Raivosos são os piores — disse Vira-Vira. — Completamente controlados pela raiva, não fazem nada além de atacar e destruir. Os Trêmulos têm pavor deles.

— São dominados pelo medo? — perguntou Mae.

Bundamole fez que sim com a cabeça.

— Eles não incomodam a gente. Ficam a maior parte do tempo morrendo de medo em casa, mas ainda assim a gente tenta encontrar um jeito de cuidar deles. Eles conseguem se alimentar, mas praticamente só isso.

— A gente? — indagou o Doutor. — Vocês são quantos?

— Quase quinhentos, agora — respondeu Vira-Vira. — Tem gente que não foi afetada chegando aos poucos de todas as partes de Sementis, procurando um lugar seguro para morar. Nós os treinamos como palhaços, para nos ajudarem no trabalho.

— Qual é seu trabalho, exatamente? — perguntou Mae.

— Nós ajudamos as pessoas — respondeu Bundamole. — Demoramos um pouco para saber como, mas descobrimos que é possível recuperar as emoções que faltam nos Desejadores e nos Trêmulos. Funciona até com alguns Raivosos.

— E eles voltam ao normal?

— Na medida do possível — respondeu Bundamole. — Todos os que foram recuperados precisam de sessões de terapia regulares para manter as emoções equilibradas, mas tivemos pouquíssimos fracassos até o momento. Muitos dos nossos pacientes agora estão bem o suficiente para se juntar aos Palhaços e cuidar dos recém-chegados.

— Ah, a raça humana! — gritou o Doutor. — Não importa em qual planeta evoluem, vocês todos querem a mesma coisa: ajudar seus semelhantes. Que coisa maravilhosa!

— Não é, não — disse Mae. — Não é maravilhoso de jeito nenhum. É isso que vai acontecer na Terra depois que as Mortalhas tiverem acabado conosco e seguirem em frente? Vai ser o planeta dos Raivosos e Desejadores?

— Não se eu puder fazer alguma coisa — disse o Doutor, pegando o paletó quase seco e vestindo de novo. — Quero ver uma dessas recuperações de vocês.

— Tudo bem — disse Bundamole. — Venham com a gente até o acampamento.

— Mas não podemos voltar de mãos vazias — observou Vira-Vira.

— Ele tem razão — comentou Bundamole. — Estamos seguindo essa gangue de Desejadores desde o nascer do sol e pretendemos levar um deles para a base conosco.

Mae engoliu em seco.

— Quer dizer sequestrar um deles?

— Eles não se oferecem voluntariamente para a recuperação — observou Bundamole. — E aos poucos estamos tornando o mundo mais seguro para outras pessoas.

— Grande verdade! — disse o Doutor. — Então vamos sair e pegar um Desejador!

Clara abriu os olhos, mas sua visão ainda estava turva. Se bem que não havia muito para ver. Ela estava deitada na neve e sentia muito, muito frio. Atrás dela, a ambulância — o que sobrara dela — estava tombada de lado, com os pneus rodando, e embaixo dela havia a metade superior de um urso-polar-com-dentes-de-sabre. Felizmente, o urso estava bem morto.

Vou ficar tão morta quanto ele se não encontrar abrigo, pensou ela. E Warren também.

Esse era um problema. Onde estava Warren? Seu paletó escandaloso devia se destacar facilmente na brancura da neve.

Clara ouviu um gemido e se arrastou na direção. Encontrou Warren parcialmente enterrado em um monte de neve, sem se

mexer. Começou a engatinhar até ele. Ela se lembrava vagamente do acidente — Warren girou o volante quando o urso atacou, e depois a ambulância deslizou até uma parede de neve e tombou na criatura. A batida tinha assustado os outros ursos, mas eles voltariam em breve — em especial se houvesse carne fresca à disposição.

Clara alcançou Warren e desabou na neve ao lado dele. A cabeça latejava. Ela havia batido a cabeça quando a ambulância virara? Não conseguia lembrar. Só ouvia o *tum, tum, tum* da dor no fundo dos olhos — e mais uma coisa... Um guincho. *Quic, quic, quic, quic.*

A visão de Clara começou a ficar borrada de novo, bem quando apareceu um enorme par de sapatos. Eles estavam fazendo o guincho! *Quic, quic, quic, quic.* O dono dos sapatos gigantesco estava de pé acima dela, e seu cabelo cacheado se agitava na brisa.

— Ah, não!

Houve um chiado de gás, e depois tudo ficou preto.

— Não toco isso há anos! — gritou o Doutor, tocando uma versão de “Three Blind Mice” na flauta doce. — Eu nem sabia que estava no meu bolso!

Mae se agachou atrás da madeira estilhaçada da porta quebrada com os dois Palhaços.

— Tem certeza de que os Desejadores vão vir atrás disso? — sussurrou ela.

— Claro — respondeu o Doutor. — Quer dizer, quem não ia querer uma flauta ótima como esta? — Ele franziu a sobrancelha quando um pensamento desagradável lhe ocorreu. — Não preciso abrir mão dela, certo?

— Não — disse Bundamole. — Só faça um dos Desejadores se aproximar o suficiente, e a gente faz o resto.

Então o Doutor começou a andar de um lado para outro da fileira de casas abandonadas, tocando músicas na flauta.

— Você precisa dar pulinhos também? — perguntou Mae com um sorriso.

— Não estou dando pulinhos — disse o Doutor, parando no meio de uma versão jazz de “Yankee Doodle Dandy”. — Estou marchando. Como em uma banda marcial. — E voltou a tocar, tratando de moderar os passinhos.

— Ali! — disse Vira-Vira, apontando para um grande monte de neve. — Eu avistei um movimento.

— Eu também vi — disse Bundamole. — Certo, Doutor, você tem companhia. Continue tocando, mas não faça contato visual. Deixe-o ir até você.

O Doutor trocou de “Yankee Doodle Dandy” para “When The Saints Go Marching In”.

O Desejador se movia de um jeito incrivelmente rápido. Uma hora, observava desconfiado o Doutor de seu esconderijo e, de repente, estava segurando a ponta da flauta e tentando tirar da mão dele.

— Agora! — berrou Vira-Vira.

Mae observou admirada enquanto os Palhaços pulavam cada um de um lado do Desejador. Antes que o homem conseguisse reagir, as flores de plástico enormes presas na lapela de seus casacos liberaram um gás.

— Prendam a respiração — ordenou Bundamole. O Doutor parou de tocar, e a última nota ecoou dentro da casa abandonada.

O gás agiu instantaneamente, derrubando o Desejador. Ele caiu no chão.

— Tudo bem — disse Bundamole. — O resto do gás já se dissipou. Podemos respirar novamente.

O Doutor continuou a tocar de onde tinha parado.

— Ele disse respirar, não tocar — observou Vira-Vira.

Relutante, o Doutor abaixou a flauta.

— Eu estava gostando — murmurou. Ele guardou o instrumento no paletó. — E agora?

Vira-Vira e Bundamole pegaram o Desejador inconsciente por baixo dos braços e o levantaram.

— Levamos este cara para nosso acampamento antes que os outros da gangue apareçam à procura dele.

Eles conduziram o Doutor e Mae de volta aos túneis subterrâneos, onde Vira-Vira pegou um carrinho de metal em um dos quartos. Eles colocaram o Desejador ali dentro com cuidado. Depois, com uma lamparina a óleo na mão para iluminar o caminho, Bundamole os levou mais fundo pelos corredores.

Estavam andando havia cerca de vinte minutos quando Mae falou:

— Por que nós? — perguntou ela. — Por que há pessoas como nós que escaparam de ser devoradas?

— Tenho uma teoria — disse Bundamole. — Comigo, acho que é porque eu fazia parte das forças de segurança, trabalhando nas ruas, ajudando as pessoas e, às vezes, lidando com criminosos e acidentes. Vi coisas terríveis e várias vezes tive que dar más notícias aos familiares.

— Exatamente como Warren — disse o Doutor. — Um dos nossos amigos — acrescentou ele, para os Palhaços entenderem. — Ele era como você: um agente da lei. Provavelmente viu uma dose considerável de tristeza. E você, Mae. Todas aquelas histórias no jornal. Todo aquele sofrimento. Isso a deixou mais resistente. Deu forças para rebater os avanços das Mortalhas.

O túnel começou a se alargar, e o Doutor viu luzes à frente. Vozes ecoavam pelas paredes de metal do túnel e, depois de um instante, o grupo entrou em uma enorme caverna subterrânea.

— Bem-vindos ao Acampamento dos Palhaços! — disse Bundamole, com um sorriso.

O Doutor e Mae ficaram parados perto da entrada, absorvendo a visão à frente. O ambiente parecia ter sido um tipo de teatro ou auditório, mas os assentos haviam sido removidos para dar lugar a diversas pequenas barracas e tendas coloridas. A luz vinha de

refletores em um teto bem alto, escondido atrás de panos compridos e esticados para se assemelhar a um circo.

Em um palco, um grupo de Palhaços jovens fazia malabarismos, dançava, girava pratos, tropeçava e perseguia uns aos outros com tortas falsas. E em toda parte havia música. Uma música divertida, animada e alegre. Outras pessoas com rosto pintado tocavam instrumentos onde quer que estivessem sentadas ou em pé. O Doutor teve que se controlar para não pegar a flauta e entrar na melodia. Em vez disso, ficou parado e abriu seu sorriso mais amplo.

— Ah, isto é fantástico!

Um homem vestido em trajes de acrobata veio correndo na direção deles, trazendo uma bandeja com bebidas.

— Bem-vindos! — disse ele, com um sorriso enorme. — Meu nome é Jorge. Por favor, sirvam-se!

Mae aceitou um copo.

— Obrigada, Jorge — disse ela.

Vira-Vira sorriu.

— Até duas semanas atrás, Jorge era um Desejador, assim como este cara. Nós o recuperamos em menos de oito sessões. Espero que seja tão fácil assim com este. — Ele se virou e empurrou o carrinho com o Desejador dormindo em direção a um arco no outro lado do salão.

— É lá que vocês os mantêm? — perguntou o Doutor. — Os Raivosos, Desejadores e Trêmulos?

— Em salas separadas — respondeu Bundamole. — Querem ver?

Ele conduziu o Doutor e Mae pelo arco e entrou em um corredor que parecia quase idêntico ao que ficava debaixo da fileira de casas destruídas. Só que esse era bastante iluminado e repleto da música do salão principal, amplificada por alto-falantes pendurados nas paredes.

Todas as portas ao longo do corredor tinham uma janela com barras, e o Doutor parou na primeira para espiar. Dentro do quarto, havia duas mulheres e um homem sentados em poltronas, com

expressões de terror entalhadas no rosto. Uma das mulheres viu o Doutor olhando para ela e deu um grito agudo, abraçou os joelhos e se encolheu toda.

— Está tudo bem — disse o Doutor. — Você está em um lugar ótimo. Essas pessoas vão ajudá-la a sorrir de novo. — Ele se virou e viu Mae parada ao lado, também olhando para o interior do quarto.

— Isso é horrível — disse ela.

Bundamole apoiou a mão no ombro dela.

— Só por enquanto — garantiu ele. — Você viu Jorge, o acrobata que lhes ofereceu bebidas. Essas pessoas serão como ele em pouco tempo.

O quarto seguinte tinha apenas o Desejador adormecido que eles haviam trazido. Vira-Vira estava colocando o homem cuidadosamente na posição de recuperação em uma cama dobrável.

— Temos uma dúzia de quartos para os nossos pacientes — disse Bundamole enquanto conduzia o Doutor e Mae por mais grupos de Trêmulos e Desejadores. Estes últimos estendiam os braços pelas janelas para tentar agarrar a roupa dos visitantes enquanto eles passavam. — Mas é aqui que fica um pouco perturbador...

Eles chegaram a uma porta trancada no fim do corredor, guardada por um Palhaço de peruca amarela de cachos e sapatos grandes. Bundamole fez um sinal com a cabeça, e o guarda destravou as trancas de metal e abriu a porta. Na mesma hora, o Doutor e Mae tomaram consciência de gritos e berros de raiva. Havia mais três portas além daquela. O Doutor se aproximou da janela com barras na primeira porta.

O quarto não tinha móveis. Bundamole explicou que era para os Raivosos não se machucarem. O homem ali dentro tinha 40 e poucos anos e era um pouco gordinho e baixo. Ao ver os visitantes, ele deu um rugido furioso e correu em direção à porta, se jogando contra ela com tanta força que Mae deu um pulo involuntário.

— Está tudo bem — disse o Doutor. — Sou amigo. — Mas as palavras não mudaram em nada o comportamento do homem. Ele

começou a dar socos na porta, rasgando a pele dos dedos já ensanguentados.

— Eu o conhecia — disse Bundamole, triste. — Quer dizer, na vida real, antes das Mortalhas. Ele morava na minha rua. Vendia legumes e verduras em uma barraca. Era a pessoa mais simpática e agradável do mundo. — Como se quisesse negar a descrição, o homem correu em direção à porta e bateu a testa no metal, o que o fez cambalear para trás. O Doutor logo foi até o quarto seguinte.

Mae o seguiu, olhando de relance para o homem enquanto passava. Não conseguia deixar de sentir pena dele, vendo o rosto roxo de raiva, mas não entendia. E aqueles olhos... Ela não conseguiu olhar para eles por muito tempo. Os olhos do homem estavam completamente arregalados, como se estivessem prestes a pular do rosto. Ela apertou o passo para alcançar o Doutor e Bundamole diante do quarto seguinte.

— Os que agridem a porta são ruins — disse Bundamole. — Mas é com os mais quietos que temos que nos preocupar. Eles podem se virar contra nós sem aviso.

O Doutor se aproximou da porta e olhou para dentro. Em seguida, agarrou as barras da pequena janela com tanta força que os dedos ficaram brancos.

— Abra esta porta agora! — exigiu.

— Não posso — disse Bundamole. — Pode ser perigoso...

— Abra!

Bundamole gritou para o guarda no fim do corredor.

— Dolfini...

Os sapatos grandes do Palhaço gemeram enquanto ele corria até eles e soltava um molho enorme de chaves do cinto. Dolfini encontrou a chave certa e destrancou a porta, e o Doutor correu para dentro. Atrás dele, Mae arquejou com o que viu.

Deitada no chão, no canto do quarto, estava Clara.

Capítulo 12

O Doutor seguiu as instruções que Bundamole lhe dera e carregou Clara até uma tenda perto dos fundos do auditório. Warren já estava lá dentro. Uma Palhaça vestida com traje fluorescente de enfermeira cuidava de um corte feio no rosto dele.

— Doutor! — exclamou ele. — Ela está bem?

O Doutor colocou Clara em uma pilha de lençóis.

— Uma pequena concussão, mas ela vai sobreviver — respondeu ele, aceitando um pano úmido da enfermeira para passar na testa de Clara. Mae correu até Warren e o abraçou com força.

Dolfini apareceu na entrada da tenda.

— Sinto muito mesmo — disse ele, entrelaçando as mãos com luvas brancas. — Encontrei os dois na neve ao lado de um veículo estranho acidentado. O homem estava inconsciente, e a garota estava se arrastando até ele. Achei que ela fosse uma Raivosa e que tinha atacado o homem, então usei meu gás tranquilizante nela.

— Tudo bem — disse o Doutor. — Eu sei que foi sem querer.

Dolfini assentiu com a cabeça e saiu, batendo os pés e guinchando com os sapatos.

— O que aconteceu com vocês dois? — perguntou Mae.

Warren contou ao Doutor e a Mae sobre o encontro com os ursos e o acidente enquanto tentavam escapar. Mas não se lembrava de

muita coisa depois disso.

— Quando dei por mim, eu estava aqui com Orma cuidando de mim. — Ele sorriu para a enfermeira Palhaça, que corou sob a maquiagem branca.

— Orma! — gritou Mae. — Esse foi o nome que você usou no buraco de minhoca.

Warren fez que sim com a cabeça.

— Ela perdeu o contato com o irmão quando as Mortalhas atacaram. Acho que foram as memórias dele que eu encontrei.

— Doutor, você e seus amigos talvez queiram ver isso... — Bundamole tinha colocado a cabeça para dentro da tenda e estava chamando o grupo.

O Doutor olhou de relance para Clara.

— Tudo bem — disse Orma, com um sorriso. — Ela vai ficar bem aqui comigo.

O Doutor conduziu Mae e Warren para fora da tenda. Bundamole apontou para o palco na frente do salão. Os artistas tinham ido para as laterais, permitindo que dois Palhaços maiores levassem um homem até o centro do palco. Era o Desejador que eles tinham capturado mais cedo, agora totalmente desperto. Ele tentou pegar os objetos cenográficos, mas os Palhaços maiores o seguraram com firmeza.

Bundamole se virou para Mae, percebendo seu incômodo:

— Precisamos mantê-lo preso, pelo menos no início. Para as sessões de recuperação funcionarem, o paciente precisa ficar parado, de onde possa ouvir e ver tudo que acontece ao redor. — Ele tirou um apito do bolso, levou aos lábios e soprou. — Que comece o tratamento! — gritou ele.

Os músicos em todo o salão começaram a tocar uma nova música — empolgante, animada e alegre. Ao ouvirem o som, os Palhaços no palco começaram a atuar juntos. Giraram em volta do Desejador, rindo e sorrindo. Alguns faziam malabarismos com recortes de tecido de cores fortes, enquanto outros andavam em monociclos ou faziam

animais de balão. O efeito geral era um espetáculo estonteante de cor e som.

O Desejador virava a cabeça de um lado para outro, sem saber para onde olhar. Ele estendeu a mão mais de uma vez, tentando pegar uma clave de malabarismo ou um animal de balão. Às vezes, algum artista risonho lhe dava um desses objetos e logo pegava outro na lateral do palco e voltava à diversão. O Desejador imediatamente largava no chão tudo o que recebia enquanto se concentrava no espetáculo à sua volta.

Então, depois de quase dez minutos, o Desejador riu. Foi um riso curto — praticamente uma risadinha —, e poderia facilmente ter passado despercebido no meio do caos encenado, mas os Palhaços soltaram um grito animado assim que viram. Bundamole soprou o apito de novo, o espetáculo terminou, e o homem foi tirado do palco.

— Agora ele vai ser levado de volta ao quarto para comer e descansar — disse Bundamole. — Amanhã faremos outra sessão. Se tudo der certo, ele pode se unir aos Palhaços em pouco mais de uma semana.

O Doutor se virou para encarar Bundamole com os olhos brilhando de pura alegria.

— Já vi muitas coisas maravilhosas ao longo da vida — disse ele. — Gentilezas, gestos altruístas, comportamentos atenciosos... Mas este é um dos melhores. — Com isso, ele pegou o Palhaço pelas bochechas e lhe deu um beijo na testa.

— Eles não foram tão maravilhosos comigo — gemeu uma voz atrás deles.

O Doutor, Warren e Mae se viraram e viram Clara indo na direção deles.

— Aí está você! — gritou o Doutor, levantando-a nos braços. — Já acordou, é?

— Tente dormir com essa confusão toda... — reclamou Clara.

— Cuidado — alertou Mae em tom de brincadeira. — Não reclame muito, senão eles podem achar de novo que você é uma Raivosa.

Clara aceitou uma bebida da bandeja de um Palhaço que passava por perto e tomou tudo de uma vez.

— Então — disse ela. — O que foi que eu perdi?

— Este é o Bundamole, e ele está nos mostrando como os Palhaços recuperam as vítimas das Mortalhas — disse o Doutor. — E isso me fez pensar... O que aconteceria se tentássemos a mesma coisa com as pessoas que ainda estão presas às Mortalhas? As pessoas que ainda não tiveram tristeza totalmente consumida.

— Não faço ideia — admitiu o Palhaço. — Só criamos o processo depois que as Mortalhas tinham acabado com a gente e seguido em frente. Além dos poucos de nós que foram poupados, todo mundo em Semtis se encaixa em um dos grupos tribais que vocês já viram. Pelo menos até onde sabemos.

— Eu não estava falando de Semtis — disse o Doutor. — Queria ter sabido das Mortalhas e ter aparecido aqui para ajudar vocês na época, mas é tarde demais para isso, infelizmente. Estou falando da Terra.

— Você acha que podemos salvar as pessoas das Mortalhas fazendo um espetáculo para elas? — perguntou Warren. — Acha que isso ia romper os elos?

— Não sei — respondeu o Doutor. — Mas estou disposto a tentar. — Ele olhou o relógio. — Temos menos de cinco horas até o planeta ser completamente contaminado e as pessoas chegarem à aceitação de seu destino. Aí, será tarde demais.

— Mas elas já estão se saciando de muitas pessoas, Doutor — disse Mae. — Como podemos reunir artistas suficientes em cinco horas?

— Talvez a gente não precise — respondeu o Doutor, virando-se para Bundamole: — Vocês podem nos ajudar?

O Palhaço arregalou os olhos pintados.

— Você quer que a gente vá com vocês para outro planeta?

— Só por um tempinho — disse o Doutor. — É só um pulinho através do buraco de minhoca. E, se conseguirmos expulsar as Mortalhas, trago vocês todos de primeira classe na minha TARDIS.

— Você não para de falar de buraco de minhoca — disse Bundamole. — O que é isso?

— Pode deixar que eu explico — disse Warren. — É como um túnel através do tempo e do espaço, mais ou menos como uma meia com o pé cortado. Ele torce as regras do universo para ligar dois lugares e permitir que se passe de um para outro sem precisar fazer uma viagem que poderia levar milhares de anos.

— Muito bem colocado — disse o Doutor, com um grande sorriso. — As Mortalhas usaram um buraco de minhoca para ir de Semtis até a Terra. É um trajeto meio acidentado, com alguns pesadelos vivos pelo caminho. Mas, no geral, é um passeio divertido. — Ele virou para Bundamole: — Vai nos ajudar?

— Bem, quem vai recusar a chance de fazer isso? — disse o Palhaço, sorrindo. — Não posso dispensar ninguém. Ainda temos um trabalho importante a fazer aqui. Mas acho que posso reunir uma trupe de uns cem artistas.

— Vocês ainda estão se esquecendo de uma coisa importante — disse Clara. — Nós perdemos a ambulância em uma batalha contra um urso, ou três. Precisamos de um veículo para passar de novo por lá, ou seremos atomizados assim que passarmos pelo portal.

— Ela tem razão — disse Warren. — E vamos precisar de alguma coisa grande, já que vamos levar mais de cem na viagem de volta.

— Também podemos cuidar disso — respondeu Bundamole. Ele pegou o apito e o soprou. — Tragam as rodas!

Depois de um instante, um novo barulho soou por cima da música constante.

Pof-pof-chuf! Pof-pof-chuf! Pof-pof-chuf!

E um carrinho minúsculo, pintado com flores verdes e laranja, apareceu.

— Espere aí — disse Clara, franzindo a testa. — Vamos todos voltar à Terra nessa coisa?

— Claro! — exclamou o Doutor, sorrindo de orelha a orelha. — Inspirado pela tecnologia gallifreyana como a TARDIS Modelo 40, vocês estão olhando para o único outro veículo dimensionalmente transcendental do universo. O carro de palhaços!

Mae entrou na parte de trás do carro de palhaços e riu sozinha. O Doutor tinha razão. Realmente era maior por dentro. Ela fora ao circo com a avó quando era criança e sempre se perguntara como tantos palhaços cabiam em um veículo tão minúsculo. Será que aqueles carros de programa de comédia funcionavam do mesmo jeito?

Um rosto pintado com cores alegres apareceu na porta e deu para Mae uma caixa que ela sabia que estava cheia de objetos cenográficos. Bolas de malabarismo, buzinas, truques de mágica e mais — tudo isso seria usado para tentar libertar as pessoas da Terra do terrível controle das Mortalhas. Seria uma batalha difícil, mas o Doutor lhe garantiu que ainda tinha um ou dois truques na manga que ajudariam.

Mae colocou a caixa de lado com cuidado e aceitou um monte de sacolas de fantasias de outro Palhaço. No ensino médio, ela e seu grupo de teatro tinham escrito uma peça e se apresentado nas escolas de ensino fundamental da região. Arrumar o carro de palhaços para a viagem era muito parecido com arrumar a pequena van para aquela turnê.

Dois Palhaços depois, Clara apareceu na porta.

— Como está aí?

— Ainda tem muito espaço — disse Mae, indicando os lugares vazios dentro do carro. — Não devemos ter problema para colocar todo mundo aqui dentro.

— Isso é bom — comentou Clara —, porque o Doutor quer... — Ela parou, olhando pela janela atrás de Mae.

— O que foi? — perguntou Mae. Mas Clara tinha desaparecido. Mae saiu do carro e correu atrás dela. Encontrou Clara agachada em frente a uma menina de uns 4 ou 5 anos que segurava um álbum de fotos.

— É ela — disse Clara, olhando para Mae. — A menina que eu vi no meu sonho dentro do buraco de minhoca. — Ela se virou para a menina: — Qual é o seu nome?

— Jaz — respondeu a menina. Ela olhou para as mãos de Clara, tremendo de leve quando elas seguraram seu ombro. — Você é uma Trêmula?

— Não. — Clara sorriu. — Não fui afetada pelas Mortalhas.

— Sorte sua — disse Jaz. — Minha mãe foi. Agora ela é uma Trêmula, mas o Bundamole diz que ela vai se recuperar. Espero que ele consiga fazer isso, porque o sorriso dela é lindo.

Clara puxou a menina para si e a abraçou com força.

— Se o Bundamole diz que ela vai se recuperar, eu acredito nele.

Jaz abriu um sorriso enorme.

— Agora eu tenho que ir. Não posso entrar no quarto da minha mãe até ela ser tratada, mas eu fico sentada do lado de fora todo dia e leio uma história para ela.

— Essa é uma ideia maravilhosa — disse Clara, bagunçando o cabelo da menina. — Sua mãe deve sentir muito orgulho de ter uma filha como você. — Ela observou enquanto Jaz corria em direção à área das celas. — Sempre achei que um mundo sem tristeza seria bom — disse ela, se levantando. — Mas não é.

— Não é, não mesmo — disse o Doutor, se aproximando com Warren. — Os humanos são seres incrivelmente complicados, e tudo dentro da cabeça deles está lá por algum motivo. Se tirarmos parte, a coisa toda vai para o espaço.

— Talvez fosse melhor se a gente não tivesse nenhuma emoção — sugeriu Warren.

— Você não diria isso se tivesse conhecido uns monstros sem emoções que eu tive que enfrentar — afirmou o Doutor. — O que

está acontecendo em Sementis pode não ser perfeito, mas funciona. Seres humanos que fazem o possível pelos seus semelhantes. Agora, acho que acabamos de carregar. Vamos lá impedir que isso aconteça na Terra.

Um por um, os Palhaços escolhidos para a viagem entraram na parte de trás do carro de palhaços e ocuparam um assento vazio. Mae se sentou entre Orma, a enfermeira, e um homem vestido de palhaço-mendigo com roupas rasgadas.

Warren e Clara se ajeitaram na parede do outro lado.

— Espero que esta viagem seja menos traumática — disse Clara.

O Doutor se sentou no banco da frente, junto com Vira-Vira e Bundamole.

— Prontos? — perguntou, sorrindo.

Bundamole fez que sim com a cabeça.

— Hora de colocar um pé grande em outro planeta!

Vira-Vira deu a partida e levou o carrinho até uma rampa nos fundos do salão. Um palhaço usando macacão sujo de óleo levantou uma manivela, e uma porta se abriu para que eles saíssem em direção ao gelo e à neve.

Pof-pof-chuf! Pof-pof-chuf! Pof-pof-chuf!

O carro deslizava um pouco no chão escorregadio, e o Doutor abriu a janela para espiar lá fora.

— Tem certeza de que conseguimos chegar ao local onde vocês nos encontraram? — perguntou ele, analisando a superfície derrapante.

— Sem problemas — respondeu Vira-Vira, com um sorriso. Ele apertou um interruptor no painel do carro, e fileiras de cravos afiados de metal brotaram nos pneus, agarrando no gelo.

O Doutor abriu um sorriso alegre e fechou a janela.

— Adoro Palhaços!

A viagem de volta até o buraco de minhoca correu sem incidentes — nem ursos. Vira-Vira parou na frente do portal ondulante,

permitindo que o Doutor saltasse e passasse a chave de fenda sônica pela superfície.

— Preciso reajustar a polaridade — gritou ele mais alto que o chiado do dispositivo. Satisfeito quando terminou a tarefa, ele voltou ao carro. — Atenção — gritou ele para o grupo sentado na parte de trás. — Por favor, apertem os cintos de segurança e deixem as bandejas na posição fechada. Em caso de turbulência ou de lampejos apavorantes de memórias alheias, por favor, tentem permanecer calmos. Se o oxigênio falhar, vocês todos vão ficar azuis e sufocar em questão de segundos, então vamos cruzar os dedos e torcer para isso não acontecer.

“Saídas estarão disponíveis quando as portas caírem comicamente ou no assento ejetor, e acabei de perceber que estou sentado nele. Esperamos que vocês escolham a Viagens Buraco de Minhoca para a próxima vez que fizerem um passeio de pesadelo até um mundo distante. Agora, acomodem-se, relaxem e curtam a viagem.”

Ele se virou para Vira-Vira, diminuindo a voz:

— Pise fundo e não pare até a gente sair do outro lado, aconteça o que acontecer.

Com um gesto da cabeça, Vira-Vira engrenou o carro e entrou no buraco de minhoca.

Capítulo 13

O carro de palhaços surgiu de repente pelo portal ondulante na parede do hospital, arranhando o asfalto do estacionamento com os cravos metálicos dos pneus. Vira-Vira pisou no freio, brecando o veículo de repente.

— Bundamole! — gritou o Doutor, analisando-o com a chave de fenda sônica. A maquiagem branca do Palhaço estava esverdeada.

— O que houve com ele? — perguntou Vira-Vira.

— Ele ficou preso nas memórias de alguém — explicou o Doutor. — Aconteceu com a gente no caminho até Semtis. Ele deve ficar bem daqui a alguns minutos.

Como se em resposta, Bundamole abriu os olhos e gemeu.

— Ele estava preso — disse o Palhaço. — Um garoto, adolescente. Preso nos quartos subterrâneos da casa dele. Seus pais eram Raivosos e estavam arrebetando o térreo. Ele... estava pedindo socorro com um rádio. Eu me lembro da frequência.

— Então você vai conseguir encontrar o garoto quando voltar para casa — disse o Doutor. Ele se virou para Clara, Warren e Mae na parte de trás do carro: — Como estão todos?

— Alguns tiveram lampejos de memória — respondeu Clara. — Mas estão voltando ao normal.

— Ótimo — disse o Doutor. — Todo mundo para fora.

Um a um, os palhaços começaram a saltar do veículo minúsculo. Saíram sob o sol do fim de tarde, olhando maravilhados à volta para o que, para eles, era um bizarro mundo novo. Dois deles se aproximaram de uma árvore, nervosos, passaram as mãos no tronco e deram risinhos.

— Que lugar é este? — perguntou Orma, olhando para o prédio.

— Um hospital — respondeu Warren. — Com médicos e enfermeiras. Eles cuidam de pessoas doentes.

Orma olhou para o próprio uniforme rosa-fluorescente de enfermeira.

— Acho que vou me encaixar bem, então. — disse ela, sorrindo.

Warren sorriu.

— Eles não vão estranhar nada.

— Doutor — disse Mae. — Veja!

O Doutor se virou e viu dezenas de pessoas descendo a escada da entrada do hospital, todas de mãos dadas com uma mulher de véu azul.

— Aqui também — disse Clara, apontando. Havia muitos outros se aproximando pelo estacionamento.

Um auxiliar de enfermagem do hospital — o homem que o Doutor e Clara tinham visto empurrando uma cadeira de rodas logo que chegaram — estendeu a mão livre para o Doutor.

— Eu pego coisas — disse ele. — Dos pacientes que não entendem onde estão. Eu roubo deles. Está tudo no meu armário. Me ajude, e eu devolvo tudo. Vou encontrar todo mundo de quem roubei e devolver seus pertences.

— Irei à igreja todo domingo — gritou uma mulher quase atrás do grupo. — Por favor, me ajude. Eu prometo!

— Minha esposa — disse um homem à esquerda do Doutor. — Serei fiel a ela, juro. De agora em diante. Mas afaste esta coisa de mim!

Clara olhou para as várias pessoas desesperadas.

— O que eles estão fazendo? — perguntou.

— Barganhando — respondeu o Doutor. — É a etapa seguinte da tristeza. O próximo prato da refeição das Mortalhas. — Ele olhou o relógio. — Pouco mais de três horas para o contágio alcançar o planeta inteiro. — Ele subiu os degraus e se dirigiu à multidão: — Vou ajudar todo mundo — prometeu. — Mas preciso pedir que vocês recuem um passo para continuarmos nosso trabalho.

As vítimas das Mortalhas começaram a se afastar, levando seus parasitas. Elas se agruparam nos limites do estacionamento e ficaram de olho no Doutor e em seus amigos.

— O que podemos fazer? — perguntou Bundamole. — Somos apenas cem. Não podemos tratar um mundo inteiro em três horas.

— Posso ajudar vocês a espalhar a alegria — disse o Doutor. — Mas, primeiro, tenho tarefas para todos. Palhaços, peguem suas fantasias e objetos cenográficos e se preparem para trabalhar. — Ele se virou para Mae e Warren. — Vocês dois, notaram alguma peculiaridade sobre as vítimas das Mortalhas?

— Além do fato de todas estarem nos implorando por ajuda, quase nada — respondeu Warren.

— Eu notei — disse Mae. — Só tem adultos. Quase não vimos crianças.

— Exatamente! — respondeu o Doutor, sorrindo. — As crianças, em geral, não tiveram que suportar o mesmo nível de tristeza dos adultos. Elas não perderam pessoas importantes e, se perderam, foram protegidas dos piores sentimentos. Infelizmente, há exceções, mas vamos ter que ignorá-las por enquanto.

— Por quê? — perguntou Warren. — O que você quer que a gente faça?

— Reúnam o máximo possível de crianças — disse o Doutor. — Sammy, o menino que deixamos com Edith Thomas quando estávamos indo para o jornal. Peggy na cela da delegacia. A maior quantidade possível de jovens que vocês encontrarem. Eles estarão assustados, mas, se vocês conseguirem convencê-los a se juntar a nós, nosso número será bem maior. Peguem o carro de palhaços

depois que terminarem de descarregar os objetos cenográficos.
Encham o carro de crianças!

— E eu? — perguntou Clara.

— Você e eu vamos voltar até a TARDIS — respondeu o Doutor.
— Mas tem uma coisinha que eu preciso fazer antes... — Ele subiu os últimos degraus e entrou na recepção do hospital, com Clara logo atrás.

— Você de novo! — exclamou o guarda que o tinha parado mais cedo. — Sem truques agora.

— Nem em sonho — comentou o Doutor, pegando seu papel psíquico. — Não quando temos permissão do próprio presidente Lyndon Johnson para entrar.

O soldado pegou o papel psíquico e o encarou incrédulo.

— Acesso a todas as áreas — leu em voz alta.

— E a todos os equipamentos — disse o Doutor, pegando o papel de volta. — E isso inclui seu rádio. — E estendeu a mão. — Posso?

O guarda pegou o microfone do rádio e passou ao Doutor, que apertou o botão e falou.

— Testando, testando, um, dois, três... Capitão Keating, está me ouvindo? Câmbio.

Um segundo depois, a voz de Keating soou baixinha pela saída de som na frente da caixa.

— Doutor? É você?

— Com certeza — respondeu o Doutor. — Como está o general?

— Dormindo como um bebê — respondeu o capitão Keating. — Sua viagem foi um sucesso?

— Com certeza! — exclamou o Doutor. — E acho que tenho um jeito de fazer as Mortalhas soltarem as pessoas, mas vou precisar de umas coisas.

— É só falar.

— Eu estava torcendo para você dizer isso — respondeu o Doutor com uma piscadela para Clara. — Preciso de todos os seus veículos,

com motoristas, um sistema de alto-falantes e todas as fronhas que seus homens conseguirem encontrar.

Houve um breve silêncio.

— Tudo que você pedir, Doutor. Mais alguma coisa?

— Mais uma coisa...

Clara sorriu para o guarda confuso enquanto o Doutor se virava e fazia mais um pedido.

— Não se preocupe — disse ela com delicadeza. — Ele tem esse efeito na maioria das pessoas.

O Doutor se virou, jogou o microfone de volta para o guarda e depois estendeu o braço para Clara.

— Se me der a honra, srta. Oswald...

Clara pegou o braço do Doutor.

— Pode conduzir!

De volta à TARDIS, o Doutor desceu rapidamente a escada até o nível do console e começou a vasculhar um armário. Clara fechou as portas e se recostou nelas com um suspiro.

— O que houve? — perguntou o Doutor, sem levantar os olhos de sua busca.

— Não vamos conseguir, não é? — perguntou Clara. — O Bundamole tem razão. Cem Palhaços e algumas crianças contra milhões de Mortalhas. Estamos em péssima desvantagem.

O Doutor se afastou do armário e a encarou.

— As Mortalhas se concentram em emoções negativas — disse ele. — Temos que ser diferentes. Neste momento, precisamos ter esperança. — Ele girou de volta para o armário. — Além do mais, pode ser que eu consiga dar uma vantagem para os Palhaços.

Ele puxou do armário um grande baú de madeira e começou a vasculhar um monte de equipamentos elétricos — chaleiras velhas, televisões quebradas, placas-mãe de computadores e mais. De vez em quando, ele gostava de uma peça e a colocava no chão antes de buscar outras.

— Esperança, então — disse Clara. — O que eu posso fazer para ajudar?

— Arame — respondeu o Doutor, apontando para um corredor com uma luminária quebrada. — Ali, quarto corredor à esquerda, segundo cômodo à direita, você vai encontrar uma oficina com muitos arames pendurados em ganchos nas paredes. Traga tudo.

Clara disparou pelo corredor. Era quase igual a todos os outros que ela havia explorado durante o tempo a bordo da TARDIS. Ela se perguntou como o Doutor conseguia conhecer todos eles, especialmente porque ele mesmo às vezes se perdia. Na semana anterior, ele lhe prometera um passeio no aquário, mas foi obrigado a desistir depois de abrir as portas da cozinha, da biblioteca e de dois outros cômodos repletos do que pareciam ser caixas de cachecóis multicoloridos.

— Quarto à esquerda... — Ela virou em mais um corredor idêntico e foi até a segunda porta à direita. Quando a abriu, foi atingida no rosto por uma lufada de vapor quente. Ela se esquivou para o corredor, esperando as nuvens diminuírem, e olhou de novo para dentro. O cômodo era forrado com painéis de madeira e tinha bancos feitos de tábuas.

— Uma sauna — disse ela, decidindo voltar em um dia mais tranquilo. Fechou a porta e experimentou o cômodo ao lado, só para garantir. — Ahá!

Ali, sim, era a oficina. Havia ferramentas de todas as formas, tamanhos e materiais espalhadas por todos os lados ou enfiadas em várias caixas pelo chão. Na parede dos fundos havia rolos de arame.

Clara os tirou dos ganchos, colocando cada rolo em um dos braços para carregar. Quando terminou, os dois braços estavam cheios, e havia vários rolos em volta do pescoço. Ela cambaleou até a sala de controle, fazendo esforço por causa do peso.

— Finalmente! — gritou o Doutor, se levantando com um pulo.

Clara fez menção de largar tudo no console, mas o Doutor levantou a mão e a interrompeu.

— Não, não se mexa. Estou vendo o que eu quero... — Ele estendeu a mão para um rolo de arame fino de bronze pendurado no ombro direito dela e cortou um pedaço de uns quinze centímetros.

— Perfeito! — disse o Doutor. — Agora pode levar tudo de volta. Clara soltou os rolos no chão.

— Aham — disse ela. — Vou fazer isso, sim. — Ela contornou o console para examinar o dispositivo que o Doutor tinha construído com peças de artigos eletrônicos velhos. — É isso?

O Doutor colocou o arame no lugar e levantou sua obra para inspecionar. Parecia um funil, com uma abertura grande em um lado e um buraco muito mais estreito no fim de um pedaço de cano no outro.

— Bom, não é?

— O que isso faz?

— Ora, amplifica emoções — respondeu o Doutor. — A felicidade entra por aqui... — Ele apontou para o buraco menor. — E sai aqui muito, muito mais forte.

— Os Palhaços podem usar para tratar mais pessoas ao mesmo tempo — gritou Clara.

— Exatamente — disse o Doutor. — Só preciso achar alguns parafusos para prender este cano. Ele não pode ficar caindo. — Ele correu em volta do console central, examinando cada equipamento. — Estes são do tamanho certo — disse, pressionando o rosto ao lado do teclado. — Você pode dar um pulinho de novo na oficina e pegar uma chave de fenda?

Clara cruzou os braços.

— Uma chave de fenda? É sério?

— Sim — respondeu o Doutor. — Preciso tirar os parafusos daqui e... Ah! — Devagar, ele enfiou a mão no paletó e tirou a chave de fenda sônica. — Sabe, acho que eu nunca usei isto para tirar parafusos...

Depois de alguns pulsos de energia sônica, o Doutor conseguiu levantar o teclado do console.

— Caramba! — exclamou ele, olhando para o que estava por baixo do teclado enquanto começava a aparafusar o cano no dispositivo. — Eu estava me perguntando onde isso tinha ido parar.

— O quê? — perguntou Clara, olhando por cima do braço do Doutor. No console, debaixo de onde o teclado estava, havia uma caixinha quadrada com dois interruptores. Acima deles, escrito com o que parecia caneta hidrográfica, lia-se “Retorno Rápido”.

— O dispositivo de Retorno Rápido — respondeu o Doutor, girando os parafusos no cano com a chave de fenda sônica. — Pense como se fosse um botão de rebobinar da TARDIS. Um lado lida com o tempo e o outro com o espaço. Se apertar os dois, vamos parar no último lugar em que estivemos, como se fôssemos puxados de volta por uma corda elástica.

— Mas por que estava escondido debaixo do teclado?

— Deve ter sido coberto durante a minha última reforma. Já faz muito tempo que não uso — disse o Doutor. — Desde que ele travou e tentou me arrastar de volta para o começo do universo.

— Percebo que isso seria um problema.

Depois de prender o último parafuso, o Doutor pegou o cano na ponta do dispositivo e verificou se estava firme.

— Pronta? — perguntou ele.

Clara sorriu.

— Pronta!

O desfile foi uma das coisas mais estranhas que Warren já havia visto. Dezenas de jipes militares e veículos blindados alinhados na rua diante do hospital. A camuflagem verde-escura tinha sido coberta às pressas com cortinas e lençóis coloridos. Na parte de trás de cada caminhão, um ou dois Palhaços, prontos para se apresentar.

Na frente do aparato militar, a banda de Palhaços aquecia os instrumentos. Vira-Vira estava junto, segurando um microfone de

rádio ligado em duas caixas de som enormes amarradas no teto de um tanque. Quando os músicos tocavam, a melodia era amplificada em todas as direções.

Na frente dos músicos, várias dezenas de crianças esperavam, nervosas, segurando montes de fronhas de algodão debaixo do braço. Os Palhaços tinham feito pintura facial nas crianças, desenhando narizes vermelhos e sorrisos. Apesar da ansiedade, os pequenos riam quando se olhavam. Mae e Orma estavam com eles, fazendo o possível para manter a animação do grupo.

E ali, liderando o desfile, estavam Bundamole e o Doutor. O Palhaço girava um bastão de mor enquanto Clara ajudava o Doutor a fixar um arreio de couro que lhe permitia carregar o dispositivo na frente do corpo e virar para os lados.

— Como é o nome disso? — perguntou Bundamole, observando a invenção com interesse.

— Ainda não sei — respondeu o Doutor.

— Então dê um nome — disse Clara.

— Bem, ele amplifica emoções, então poderia ser o Amplificador de Emoções... Não, pensando bem, esqueçam. É um nome horrível.

— Que tal Arma Ha-Ha? — sugeriu Clara enquanto apertava a fivela da segunda correia.

— Não! — gritou o Doutor. — Não quero nada que tenha “arma” no nome!

— Tudo bem — disse Clara. — O Batedor Feliz!

O Doutor a encarou.

— Ficou doida?

— Pode chamar de Lança-Alegria — sugeriu Bundamole.

— É, só que ele não exatamente lança a alegria pela saída maior, ele esguicha — disse o Doutor. E levantou um dedo para silenciar Clara. — O que quer que você pretenda dizer, srta. Oswald, esqueça!

Clara deu de ombros.

— Seja o que for, só podemos usar em um grupo de pessoas de cada vez, não é?

O Doutor sorriu, com um brilho nos olhos.

— Esta é a melhor parte — disse ele. — A parte em que você me chama de gênio! Por causa dos eventos trágicos de ontem aqui, Dallas está repleta de equipes de reportagem do mundo todo. Pedi ao capitão Keating para contar a eles sobre o desfile, e eles estão vindo bem ali...

Clara ouviu os motores e viu dezenas de vans e caminhões se aproximando, cada um com a logo de seu telejornal ou canal de TV estampada. Havia antenas em cima de vários dos veículos.

— Mas eles não foram afetados pelas Mortalhas? — perguntou Clara.

O Doutor tentou não parecer presunçoso, mas não teve muito sucesso.

— Repórteres de TV — disse ele. — *Cameramen* e técnicos de som, produtores, todos endurecidos pelo lado menos agradável das notícias, exatamente como Mae.

— Então eles conseguem impedir as Mortalhas! — gritou Clara, batendo palmas. — Tudo bem, vou dar o braço a torcer desta vez: você é um gênio.

O Doutor levantou um dedo.

— Ainda não terminei... — Ele sorriu. — Eles vão transmitir a alegria concentrada por... — ele suspendeu o dispositivo — ... qualquer que seja o nome desta coisa para todos os países do planeta, rompendo os elos com as Mortalhas no mundo todo.

— Mesmo lá em casa? — perguntou Clara.

— Bem, aquela ali me parece uma van da BBC — disse o Doutor, subindo na ponta dos pés para ver acima do bando de repórteres. Ele consultou o relógio. — Então, na Inglaterra, estamos quase na hora do chá do dia 23 de novembro de 1963, sábado, e a diversão está prestes a começar!

O Doutor se virou para conferir a procissão que aguardava.

— Tudo bem, pessoal! — gritou ele. — Motoristas, me sigam. Crianças, preparem as fronhas. E, Palhaços, a mesma coisa que

vocês faziam em Sementis, de novo com sentimento! — Ele se virou para Bundamole com um sorriso: — É isso! Vou chamar essa coisa de “De Novo Com Sentimento”.

— Então vamos testar — disse o Palhaço, sorrindo. Ele soprou o apito e saiu marchando com o Doutor. Atrás deles, os músicos começaram a tocar, as crianças pulavam no ritmo e os veículos militares avançavam devagar. Na parte de trás de cada caminhão, os Palhaços começaram a atuação. Eles pulavam, dançavam, faziam malabarismo e transformavam balões compridos em cachorros, pássaros e muito mais.

Da escada do hospital, Warren observou enquanto o desfile começava. Apesar da confusão em que o mundo se encontrava, ele não conseguiu evitar um sorriso ao ver o espetáculo. Era um dos grupos mais felizes de pessoas que ele já havia visto juntas em um só lugar. Aos poucos, a procissão saiu do estacionamento e passou pelas vítimas das Mortalhas paradas na calçada do outro lado.

Quando o Doutor se aproximou do primeiro grupo — cada pessoa ainda de mão dada com uma mulher de vestido azul —, virou o De Novo Com Sentimento para todo mundo e apertou um botão na lateral da engenhoca. Ouviu-se um sopro, e o funil disparou um jato de felicidade comprimida, agitando o cabelo das vítimas. O auxiliar de enfermagem do hospital estava lá e deu um risinho.

— Agora! — gritou o Doutor por cima do ombro. Mae pegou uma fronha com uma das crianças, um menino chamado Arran, e correu até o auxiliar de enfermagem. Com um movimento rápido, ela enfiou a fronha na cabeça da Mortalha que segurava a mão do rapaz, ocultando seu rosto. Ele riu de novo ao ser atingido por outra explosão de felicidade, e, com um grito agudo, a Mortalha a seu lado sumiu com uma chuva de faíscas azuis. O auxiliar cambaleou para trás, onde um dos soldados do capitão Keating estava esperando para segurá-lo.

— Funciona! — gritou Bundamole, jogando o bastão para o alto e acenando para os Palhaços produzirem mais alegria.

O Doutor sorriu quando o auxiliar foi levado ao hospital pelo soldado.

— Os véus das Mortalhas são meio que transparentes — explicou ele. — Os que foram afetados podem ver os olhos dos entes queridos através do tecido, mas não quando os cobrimos com uma fronha. Isso interrompe o elo mental, como aconteceu com a Mae quando cobrimos a queimadura dela. Com sorte, as pessoas do mundo todo que não foram afetadas vão nos copiar.

Devagar, uma por uma, as vítimas das Mortalhas sorriam, riam e gargalhavam. A cada risada, Clara, Mae ou Orma colocava uma fronha na cabeça de uma Mortalha, ocultando suas feições. Um grito após o outro soava quando os alienígenas explodiam em partículas de um safira brilhante.

Multidões se reuniam nas calçadas da rua, gente pedindo ao Doutor para virar o De Novo Com Sentimento na direção delas e libertá-las da criatura que lhes segurava a mão. Mais para o fundo da procissão, Mae não pôde deixar de notar as semelhanças entre aquele desfile e o do dia anterior, que dera início a tudo aquilo.

O Doutor virou o De Novo Com Sentimento para a esquerda, arremessando alegria comprimida nas pessoas do outro lado da rua. Entre elas estava a dra. Ellison, que deu uma risada contente quando a felicidade a atingiu. Orma escondeu as feições do pai dela com uma fronha, e a médica caiu nos braços de um soldado em prontidão.

— Obrigada! — gritou ela para o Doutor quando ele passou por perto.

— É melhor apertarmos o passo — disse o Doutor para Bundamole. — Temos muito terreno para cobrir, e não falta muito tempo para... — Ele parou de repente, e Bundamole esbarrou nele.

— O que foi? — perguntou o Palhaço.

— Olhe para as pessoas — disse o Doutor, soltando os arreios e correndo até a calçada.

Bundamole assoprou o apito para interromper a procissão enquanto o Doutor analisava as pessoas ao redor. Todas as vítimas das Mortalhas ali tinham parado de gritar e estavam de cabeça baixa, olhando para o chão. Os músicos interromperam a música, lançando um silêncio perturbador sobre a área.

— O que aconteceu com todo mundo? — perguntou Clara, correndo até o Doutor.

— Eles avançaram para o próximo estágio do luto — respondeu ele, sondando uma mulher de terninho com a chave de fenda sônica. — As Mortalhas aumentaram o ritmo, fazendo as vítimas entrarem em depressão. Depois disso, elas vão aceitar seu destino, e aí não tem volta.

— Mas aconteceu com todo mundo exatamente ao mesmo tempo — observou Clara, subindo na calçada para ver mais longe na rua. — Como pode?

— Não sei — respondeu o Doutor, sondando outra e outra vítima. — Mente-colmeia? Já sabemos que as Mortalhas têm poderes psíquicos consideráveis, então talvez... — Analisou os resultados da chave de fenda sônica. — Ah, não — disse, baixinho.

— O que foi? — perguntou Clara.

— Sou muito burro — disse o Doutor, dando um tapa na testa. — Como não percebi isso antes?

— Percebeu o quê, Doutor? — falou Clara. — O que é que está acontecendo?

O Doutor a encarou, com os olhos arregalados de medo.

— As Mortalhas não são uma raça alienígena — respondeu ele. — É uma única criatura.

Capítulo 14

O Doutor ficou de costas para o resto do grupo, olhando pela janela do consultório da dra. Ellison. Do lado de fora, Vira-Vira orientava os outros Palhaços na arrumação dos equipamentos.

— Ainda não entendi muito bem o que você quer dizer — começou Mae. — Como é que as Mortalhas podem ser uma única criatura? Tem milhares delas. Milhões.

— São os tentáculos da Mortalha — respondeu o Doutor. — O ser propriamente dito é o túnel por onde passamos para ir e voltar de Semtis. É um buraco de minhoca vivo com milhões de antenas em cada extremidade.

Clara arregalou os olhos.

— Mas isso significa que nós passamos pelo estômago dela. Duas vezes! E aqueles corpos misturados às paredes do túnel... ela ainda estava digerindo.

— E a coisa piora — explicou o Doutor. — A Mortalha neste mundo parece humana. Até seus sinais são humanos.

— Você está falando das mulheres com véu azul? — perguntou Clara.

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— A Mortalha está usando as pessoas que já devorou como fantoches humanos nas pontas dos tentáculos.

— Os tentáculos mentais? — perguntou Mae.

— Parece que eles também conseguem ser tentáculos de fato — explicou o Doutor. — Se eu estiver certo, a Mortalha mantém a última pessoa que cada tentáculo atacou, depois usa esse corpo para entrar em uma parte do próximo mundo.

— Mas a gente conhecia as pessoas que apareceram — observou Clara.

O Doutor deu um longo suspiro.

— A Mortalha deve alterar o DNA básico de alguma forma para se parecer com os rostos que ela encontra na nossa memória. Isso não altera o fato de que ela entrou neste mundo usando os restos de pessoas de verdade.

— Acho que vou vomitar — resmungou Mae.

— Mas isso significa que a Mortalha é um ser vasto? — perguntou Warren. — Ela se esticou de uma galáxia até outra.

— Nós passamos por toda a extensão dela — respondeu o Doutor. — Como um buraco de minhoca comum, ela tem a capacidade de dobrar o tempo e o espaço e assim alcançar longas distâncias.

— Então ela se esticou de Sementis até a Terra e começou a se alimentar com a outra extremidade? — disse Bundamole.

— Exatamente. E, depois que terminar aqui na Terra, vai libertar Sementis e buscar outra fonte de alimento a partir de lá. Minha suspeita é que ela precisa ficar presa a um planeta em uma das extremidades para se ancorar no espaço e no tempo enquanto se alimenta.

— Mas isso certamente nos dá uma vantagem — disse Clara. — Em vez de lutar contra milhões de alienígenas individuais, temos que enfrentar só um.

— Um com vários quilômetros de comprimento e o poder de dobrar o universo à vontade — observou Warren.

O Doutor pegou o De Novo Com Sentimento e voltou a afivelar o arreio.

— Clara tem razão — disse ele. — Uma criatura é mais fácil de combater do que um milhão, mas agora a briga é comigo.

O Doutor parou no alto da escada do hospital, com o De Novo Com Sentimento preso no peito. No outro lado do estacionamento, havia milhares de pessoas com suas Mortalhas. O grupo se estendia pelos dois lados da rua, e todos os humanos estavam com a cabeça baixa e em silêncio.

— Você sabe o que fazer? — perguntou o Doutor, pegando a chave de fenda sônica e fazendo alguns ajustes na máquina amarrada à sua frente.

— Sei — respondeu Clara, estendendo a mão para apertar o braço do Doutor. — Só estou preocupada com você.

O Doutor deu um sorriso para ela.

— Não precisa se preocupar comigo. Isso vai ser tão fácil quanto cair de um cogumelo em Mechanus. — Ele piscou. — Vejo você do outro lado...

Quando Clara saiu correndo, o Doutor respirou fundo e permitiu que o dispositivo De Novo Com Sentimento entrasse em suas próprias memórias.

Flash!

Ele ainda estava na Terra, mas agora no século XXII. Passou o braço em volta da neta, Susan, e a abraçou.

— Eu, hum... eu, é... eu acho que preciso verificar a nave — disse ele, voltando às pressas para a TARDIS.

— Você vai demorar? — perguntou Susan, mas o Doutor não respondeu. Ele observou a neta se aproximar de David Campbell, o rebelde que ela havia conhecido combatendo os Daleks, e correu para dentro. Esperou até Ian e Barbara voltarem e finalmente se decidiu e trancou as portas da TARDIS.

— Vovô! — gritou Susan, correndo até a TARDIS.

— Escute, Susan, por favor. Durante todos estes anos, eu tomei conta de você, e você retribuiu tomando conta de mim.

— Vovô, meu lugar é com você! — gritou Susan.

— Não mais, Susan — respondeu o Doutor.

Flash!

Susan! O Doutor sentiu as lágrimas nos olhos. Como sentia falta dela. Ele levantou o olhar e viu que várias mulheres de véu azul tinham soltado suas vítimas humanas e estavam atravessando o estacionamento do hospital em sua direção. Ele claramente parecia muito mais suculento agora que sua tristeza estava sendo amplificada. Clara, Mae e Warren estavam ajudando as pessoas livres e enfraquecidas a se afastarem.

Flash!

— Não tem saída, Doutor. Diga adeus aos seus amigos.

— Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer! — gritou Zoe.

— Não — sussurrou o Doutor. — Não desta vez. — Com os corações apertados, ele se virou para a figura de Jamie McCrimmon, que usava um kilt. — Bem, adeus, Jamie.

— Mas, Doutor, com certeza...

O Doutor balançou a cabeça. Não havia nada que ele pudesse fazer. Os Senhores do Tempo tinham decidido.

— Adeus, Jamie.

Jamie pegou a mão do Doutor — a mão de seu amigo — e apertou.

— Não vou esquecê-lo, sabia?

— Não vou esquecer você — disse o Doutor. — Agora, não arrume muita confusão, hein!

Apesar dos sentimentos, Jamie sorriu.

— Olhe só quem está falando!

Devagar, o Doutor se virou para a outra companheira.

— Adeus, Zoe.

Flash!

Dezenas de mulheres de véu azul estavam na base da escada do hospital, encarando o Doutor.

Flash!

Rolhas de champanhe estouraram por dois motivos muito diferentes. Não apenas Jo Grant estava noiva de Clifford Jones, mas também a comunidade ambiental Wholeweal tinha sido convertida em instituto de pesquisas de nível máximo.

— Você falou com seu tio nas Nações Unidas, não foi? — perguntou o Doutor.

Jo ficou vermelha.

— É apenas a segunda vez que eu peço alguma coisa a ele.

— É. E veja no que deu a primeira.

— Você não se importa, não é? — perguntou Jo.

— Me importar? — indagou o Doutor com um sorriso. — Podemos até transformar você em cientista.

Quando o brigadeiro Lethbridge-Stewart fez um brinde, o Doutor bebeu o champanhe e saiu de Wholeweal pela última vez. Ele subiu em Bessie e, com uma última olhada para a cabana, deu partida no motor e saiu pela noite.

Flash!

O Doutor agora estava cercado pela Mortalha, e mais mulheres vinham na direção do hospital. Seus véus se agitavam na brisa do início da noite.

Lentamente, ele começou a recuar para o corredor.

Flash!

Ele estava na sala de controle secundária. Sarah Jane Smith entrou, carregando uma sacola e um vaso com planta. Ela chutou a porta atrás de si para fechá-la.

— Hum-hum!

O Doutor secou a testa, incapaz de olhar para ela.

— Recebi a chamada de Gallifrey.

— E...?

— E eu não posso levá-la comigo. Você precisa ir embora.

Flash!

O corredor estava lotado de mulheres com véus azuis, todas avançando na direção do Doutor enquanto ele recuava mais para o

interior do hospital. Ele passou por cima da corrente grande e pesada e continuou andando para trás.

Flash!

O Doutor correu de volta para os controles, girando botões e puxando alavancas.

— Por favor, depressa, Doutor! — implorou Nyssa. — Precisamos tirar Adric do cargueiro.

— O console está danificado! — gritou o Doutor.

Tegan olhou para o monitor, com uma expressão apavorada no rosto.

— Veja!

— Adric! — berrou Nyssa.

Mas eles não podiam fazer nada além de observar o cargueiro colidir com a Terra pré-histórica.

Flash!

Nas ruas de Dallas e de muito além não havia nenhuma Mortalha. Cada um dos tentáculos estava se projetando para dentro do Parkland Memorial Hospital e tentando entrar na mente do Doutor.

Flash!

O Doutor encarou o monitor horrorizado, esquecendo toda a injustiça de seu julgamento. Observou o rei guerreiro, Yrcanos, entrar na câmara médica para enfrentar uma Peri de cabeça raspada — só que não era mais Peri. Sua mente tinha sido trocada pela do Mentor, Lorde Kiv.

Yrcanos rugiu de raiva e disparou a explosão que mataria os dois.

Flash!

— Acho que é hora de eu ir embora — disse Mel.

O Doutor levantou o olhar do console.

— Ah...

— Hora de eu partir...

Flash!

Fogos de artifício explodiram acima deles para receber o novo milênio.

— Venha comigo — disse o Doutor.

Grace balançou a cabeça.

— Vou sentir falta de ver você.

— Como você pode não me ver? — exclamou o Doutor. — Sou fácil de achar. Sou o cara com dois corações, lembra?

— Não foi isso que eu quis dizer...

Flash!

O capitão Jack Harkness deu um beijo de despedida em Rose.

— Quem me dera nunca ter conhecido você, Doutor — disse ele, sua voz ligeiramente trêmula de medo pelo que estava por vir. — Era muito melhor quando eu era um covarde.

O trio trocou um último olhar.

— A gente se vê no inferno! — disse Jack e foi embora.

Flash!

Astrid se virou para encarar o Doutor uma última vez.

— Não! — implorou ele. Mas ela sabia que não tinha outro jeito.

Erguendo as forquilhas, ela ergueu a unidade de suporte à vida de Max Capricorn e dirigiu até o guarda-corpo que cercava a plataforma acima dos motores.

— *Astrid!* — gritou o Doutor quando a empilhadeira desapareceu na beirada. Ele se soltou do Anfitrião e correu até lá a tempo de ver Astrid levantando os braços para ele enquanto caía nas chamas abaixo.

Flash!

— Doutor!

O Doutor saiu correndo da TARDIS ao ouvir o grito de Amy, seguido de River Song.

Rory tinha desaparecido, enviado de volta no tempo por um único Anjo moribundo — e agora Amy estava andando em direção à criatura.

— Amy, o que você está fazendo? — perguntou o Doutor, nervoso.

— Aquele tumulto, do Rory, tem espaço para mais um nome, não é?

O Doutor não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Do que você está falando? — disse. — Volte para a TARDIS, a gente vai dar um jeito.

Ele pegou a mão de Amy, mas ela se soltou.

— O Anjo, ele vai me mandar para a mesma época? Para ele?

— Não sei — admitiu o Doutor. — Ninguém sabe!

— Mas é minha melhor chance, não é?

— Não!

— Doutor, calado! — gritou River. — É, sim!

— Então — disse Amy. — Só preciso piscar, certo?

— Não! — implorou o Doutor.

— Vai ficar tudo bem — disse Amy, tentando reconfortá-lo. — Eu sei que vai. Eu... eu vou ficar com ele, como eu deveria. Rory e eu, juntos.

Ela pegou a mão de River, fazendo-a prometer que ia cuidar do Doutor e se esforçando muito para ignorar os últimos protestos dele.

— Maltrapilho — disse ela, virando o rosto para seu melhor amigo. Ela fitou seus olhos pela última vez. — Adeus.

Flash!

As lágrimas do Doutor caíam livremente. Ele estava encostado no vão da porta aberta da TARDIS. Sentia os tentáculos da Mortalha dentro de sua mente, se alimentando de sua tristeza, e a comida era farta.

E era hora de um último impulso. Hora de ele reviver uma memória recente. Hora de visitar o último lugar na sua mente. Um lugar que ele viera evitando nos últimos meses.

O Doutor fechou os olhos.

Flash!

Ele estava parado perto dos portões de um cemitério diferente. A suave brisa de verão soprava seu cabelo e as pontas da gravata-

borboleta. Centenas de metros à frente, havia uma grande multidão reunida — uma mistura de civis e membros da UNIT.

Um homem de uniforme deu um passo à frente para colocar uma bandeira dobrada na superfície polida de um caixão de carvalho. Como quase todos ali, ele tinha envelhecido desde a última vez que o Doutor o vira.

John Benton bateu continência para o caixão e se virou para os soldados da UNIT que estavam ao lado do túmulo.

— Bateria de salva! — ordenou. — Cinco disparos contínuos.

Pá! A primeira salva de tiros fez um bando de pássaros voar. Um homem com terno amassado se apoiou no cabo em forma de ponto de interrogação do seu guarda-chuva e observou enquanto eles desapareciam.

Pá! Liz Shaw enfiou o rosto no ombro de um homem de paletó de veludo e capa de ópera.

Pá! Mike Yates trocou um olhar triste com um cara baixinho de cabelo desgrenhado que usava um casaco de pele largo.

Pá! Um homem com casaco multicolorido passou o braço em volta de Jo Grant.

Pá! Um homem de cabelo curto abaixou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos do casaco de couro.

Lentamente, o caixão desceu para seu último lugar de repouso.

Flash!

Vários anos tinham se passado, e as folhas agora caíam dos galhos no cemitério. As pessoas de luto e suas extravagantes homenagens florais já não estavam lá havia muito tempo. No lugar delas, a postos nos dois lados da lápide de mármore, havia buquês de flores em vasos vitrificados mais permanentes.

A chuva caía pesada, deixando a terra fofa e escorregadia. Depois de algum tempo, o Doutor saiu de debaixo do abrigo das árvores.

Ele se aproximou devagar do túmulo enquanto gotas de chuva pingavam de seu cabelo e escorriam pelo rosto. Parou e leu o nome

esculpido no mármore: Brigadeiro Alistair Gordon Lethbridge-Stewart.

Em silêncio, bateu continência.

Flash!

O Doutor cambaleou para trás, passando pela porta da TARDIS.

Mae correu e se ajoelhou ao lado dele.

— Pronto? — perguntou ela enquanto soltava os arreios que sustentavam o De Novo Com Sentimento. Do lado de fora da porta, o corredor estava repleto de mulheres com véu azul estendendo as mãos.

O Doutor pôs as mãos na cabeça, agarrando o cabelo com os dedos como se tentasse chegar às milhões de bocas que se alimentavam da sua mente. Seu olhar cruzou com o de Mae, e ele conseguiu fazer um gesto com a cabeça.

— TARDIS falando! — disse Warren em seu rádio. — O Doutor está aqui. Vocês podem ir!

Do lado de fora, no estacionamento, Bundamole verificou se o gancho na ponta da longa corrente estava bem preso ao para-choque traseiro do carro de palhaços. Em seguida, ele pulou para o banco do carona e fez o sinal para Vira-Vira.

— Entendido, TARDIS — respondeu ele no próprio rádio. — Iniciando segunda etapa agora.

Vira-Vira enfiou o pé no acelerador e dirigiu o carro de palhaços direto para a parede do hospital. A entrada do buraco de minhoca vivo ondulou quando o carro mergulhou e entrou na barriga da Mortalha. Lá dentro, os Palhaços saltaram do carro, soltaram a corrente e prenderam o gancho com força na pedra irregular do túnel, martelando para garantir que fosse ficar preso na rocha.

— Segunda etapa terminada! — gritou Bundamole no rádio.

Dentro da TARDIS, Warren recebeu a mensagem e virou para fazer um sinal de positivo para Clara, que aguardava no console. Ela sorriu e bateu com força no interruptor de Retorno Rápido.

Capítulo 15

Os motores uivaram quando a TARDIS se ergueu no ar e voltou em direção ao Vórtice. Os elos de metal na corrente longa e grossa rangeram em protesto quando ela começou a puxar o peso todo do que estava conectado à outra ponta.

— Não entendo — disse Mae. — Achei que a nave não pudesse decolar enquanto a extremidade do buraco de minhoca estivesse em volta do mundo.

O Doutor se jogou no assento ao lado da escada.

— Não estamos decolando — disse ele. — Estamos rebobinando para o último ponto da TARDIS no espaço e no tempo: o planeta Venofax. — Ele segurou a cabeça. — E é melhor chegarmos logo lá, porque estou perdendo memórias a cada segundo. Se demorar muito, posso me esquecer de como me vestir de um jeito tão legal.

Clara abriu a boca para comentar, mas pensou duas vezes.

De repente a TARDIS se sacudiu, e um guincho apavorante soou, dando nos nervos de todo mundo. O Doutor se levantou e foi até o console, segurando o monitor.

— Conseguimos — disse ele. — Distanciamos a extremidade da Mortalha que estava ligada à Terra. Não, esperem. Distanciar não é correto. Parece muito... distanciado. Arrancamos? Não. Descolamos! Nós descolamos a Mortalha da Terra!

Warren estava perto das portas abertas, observando o planeta cair abaixo de si.

— Qualquer que seja o termo, o que acontece com as pessoas lá embaixo, Doutor? — perguntou ele. — Estão em segurança?

O Doutor fez que sim com a cabeça.

— A Mortalha as soltou para se alimentar de mim — respondeu ele. — Embora alguns tentáculos tenham acabado de se soltar da minha mente. — Ele passou os dedos no cabelo, como se quisesse localizá-los apenas pelo toque. — E acho que eu sei para onde eles foram...

Dentro do buraco de minhoca, trinta Palhaços se agarravam à outra extremidade da corrente, prendendo-a para o gancho na ponta não se soltar da rocha. À frente deles, o portal ondulante começou a evaporar, permitindo que eles vissem a escuridão do espaço além.

E os tentáculos começaram a rastejar para o buraco de minhoca.

Não eram “tentáculos mentais” invisíveis como os que o Doutor descreveu, mas ramos físicos de carne, roxos e cobertos com ventosas úmidas.

— Certo! — gritou Bundamole. — Lá vamos nós. Foi isso que o Doutor disse que poderia acontecer...

Os tentáculos atacaram, estendendo-se para os Palhaços e tentando envolvê-los. Os Palhaços resistiram, armados com espadas polidas das caixas de objetos cenográficos — as espadas eram usadas mais para furar caixas de madeira contendo assistentes glamourosas do que para lutar, mas serviam.

Orma decepou a ponta de um dos tentáculos que vinha na sua direção. A ponta cortada caiu a seus pés e se contorceu no chão, soltando um fluido rosa viscoso. Fechando os olhos, a Palhaça levantou o pé e pisou naquilo.

Vira-Vira estava com uma serra que tinha usado antes para fingir que ia cortar alguém ao meio. Ele atacou o apêndice roxo mais próximo com o lado serrilhado e fez um corte profundo na carne. O

túnel ao redor deles ecoou com um grito terrível. Outro tentáculo se esticou até sua cabeça e se enroscou rapidamente no pescoço de Vira-Vira. Antes que alguém pudesse ajudá-lo, o Palhaço foi arrancado do chão, girado no ar e catapultado através do fim do túnel para a escuridão.

Bundamole rugiu de raiva e pediu que outro Palhaço lhe jogasse uma tocha e uma garrafa de combustível. Ele encheu a boca com o líquido e cuspiu na chama, expelindo uma imensa nuvem de fogo que envolveu o tentáculo culpado, torrando-o em segundos.

Por algum tempo, os tentáculos roxos recuaram, oscilando no ar perto da boca do túnel. Os Palhaços aproveitaram a oportunidade para se rearmar.

Bundamole estalou o pescoço dos dois lados.

— Você já era — rosnou ele para os tentáculos que se contorciam. — Acabou a palhaçada!

— Ali! — disse o Doutor, apertando a testa latejante e indicando o monitor com a outra mão. — Ali está Venofax!

— E o que fazemos quando chegarmos lá? — perguntou Warren.

— Me dê aquela meia de novo — pediu o Doutor.

— Joguei no lixo — lembrou Warren.

— Então me dê a outra.

Um instante depois, o pé tinha sido cortado da ponta da segunda meia de Warren. O Doutor pegou a nectarina oferecida por Clara e a enfiou em um dos lados do túnel de meia, exatamente como antes. Só que, dessa vez, ele virou o outro lado e também cobriu a nectarina.

— É como um círculo temporal, ou círculo espacial — disse o Doutor. — Só que é um círculo de minhoca.

— Quer dizer que você vai deixar a Mortalha presa lá para sempre? — perguntou Mae.

— Eu prometi que ia encontrar outro planeta para ela — respondeu o Doutor. — Não falei nada sobre deixá-la sair.

Bong!

— O Sino do Mosteiro! — anunciou o Doutor. — Voltamos ao nosso último destino...

A TARDIS começou a se sacudir violentamente de um lado para outro, obrigando todos a se agarrarem ao console para não serem jogados no chão.

— ... e acho que a Mortalha acabou de descobrir o que estamos planejando fazer com ela.

— Como? — perguntou Clara.

— Oi — disse o Doutor, com um sorriso. — Milhões de tentáculos mentais se contorcendo na minha cabeça. Acho que ela encontrou a pasta que diz "Planos Malignos".

Dessa vez, a TARDIS se sacudiu com tanta força que Warren e Mae perderam o equilíbrio.

— Caramba! — disse o Doutor, espantado. — Vejam só isso!

Ele correu até a porta. Do lado de fora, uma minhoca de cinco quilômetros de comprimento estava se retorcendo e se encurvando sem parar, como se fosse uma enguia tentando desesperadamente se livrar do anzol de um pescador. Abaixo, o mar esmeralda borbulhava e espumava na superfície do planeta.

Clara se aproximou para ver o espetáculo.

— Ela não parece feliz — comentou.

— Eu também não estaria, provavelmente — disse o Doutor. — Não se tivesse que comer só um milk-shake de abacate com sabão pelo resto da vida. No entanto, vale lembrar que abacate é incrivelmente bom para aumentar os níveis de serotonina. É um antidepressivo natural.

Um sorriso se abriu no rosto de Clara.

— Você vai dar antidepressivo líquido para um buraco de minhoca vivo furioso que se alimenta de emoções negativas?

O Doutor deu uma piscadela.

— Sou bom, não?

Clara precisou agarrar o batente para não cair quando a TARDIS se sacudiu de novo.

— Só se a gente conseguir dar um jeito de fazer essa coisa lá embaixo engolir o planeta — gritou ela. — Duvido que ela faça isso por vontade própria.

— Também já cuidei disso — respondeu o Doutor com um sorriso. Ele se virou e lançou um pulso da chave de fenda sônica no interruptor do microfone no console. — Oi de novo, Penny! — gritou.

— Doutor! — respondeu a voz da professora Penelope Holroyde. — Está tudo bem?

— Sim — respondeu o Doutor. — Bem, não. Bem, mais ou menos. É um pouco difícil de explicar, na verdade. Escute, sei que, do seu ponto de vista, faz só alguns minutos desde que você nos deixou, mas já conseguiu ligar aquele segundo motor?

— Agora há pouco — respondeu a professora Holroyde. — Estamos com força total outra vez.

— Ótimo — disse o Doutor. — Então será que você se importa de fazer a volta e vir nos ajudar com uma coisa...

Alguns instantes depois, o rádio estalou mais uma vez quando a *SS Howard Carter* apareceu.

— Em nome de tudo o que é são, o que é isso?

— O nome é Mortalha — explicou o Doutor, correndo de volta até o console e pegando o microfone do rádio. — E é uma... hum, minhoca... muito malcriada. Agora, você pode pegar a extremidade livre com suas pinças frontais e arrastá-la até o planeta lá embaixo?

— Acho que a gente consegue fazer isso — respondeu Penny.

— Excelente! — disse o Doutor com alegria. — Vou colocar você em espera enquanto falo com minha outra equipe. Doutor desligando. — Ele cobriu o microfone com a mão e sorriu. — Tenho duas equipes!

Clara levantou um dedo.

— Não fique metido.

O Doutor fez uma cara séria e levantou o rádio outra vez.

— Chamando Bundamole — gritou ele. — Como estão se saindo aí embaixo?

Houve um chiado, e então os sons de uma batalha ecoaram nas caixas de som da TARDIS.

— Resistindo — respondeu Bundamole. — Mas não é fácil. Estamos lutando contra muitos tentáculos aqui.

— Vai ter muito mais logo, logo — alertou o Doutor. — Mas vocês sabem o que fazer com eles.

— Sabemos, sim!

— Muito bom! — exclamou o Doutor. — Doutor desligando. — Ele girou nos calcanhares, correu até a porta e olhou para fora. Ao longe, ele viu a *SS Howard Carter* ser sacolejada na outra ponta da Mortalha. — Penny! Fale comigo...

— Prendemos aqui, Doutor — disse Penny. — Mas ela está tentando se soltar!

— Não se preocupe — disse o Doutor, virando-se e voltando aos controles da TARDIS. — Estarei com vocês já, já. — Ele jogou o rádio para Warren e ajustou vários botões e interruptores. — E aí, linda — cantarolou ele para o rotor temporal. — Que tal um passeio rápido naquele planetinha ali embaixo?

E puxou a alavanca de voo com força.

A Mortalha guinchou enquanto a TARDIS caía rápido, girando até o outro lado do planeta-anão. Mas o barulho logo foi abafado quando o corpo da minhoca caiu no mar verde espumoso.

— Não vai ser muito mole — gritou o Doutor enquanto a TARDIS voava acima das ondas. A corrente estava tensa, e eles diminuía a velocidade ao se aproximar da outra ponta da Mortalha, mantida pouco acima da água por Penny e sua equipe.

— Bem, a Mortalha podia fazer uma dieta — observou Mae com um sorriso.

O Doutor pegou o rádio de novo.

— Certo, Bundamole, lá vão os outros tentáculos... — Ele fechou os olhos e empurrou as antenas da Mortalha para fora de sua

mente.

Dentro da Mortalha, os Palhaços observaram as duas extremidades do túnel se aproximando cada vez mais.

De repente brotou das aberturas uma massa irrequieta de novos tentáculos, e, ao vê-los, Bundamole e sua equipe soltaram as armas. Trabalhando rápido, cada Palhaço pegou dois tentáculos — um de cada extremidade do buraco de minhoca — e começou a amarrá-los, exatamente como faziam com os balões nas sessões de terapia em seu planeta.

— Não quero nada complexo — ordenou Bundamole. — Nada de poodles nem girafas. Só um nó bem firme! Essa coisa precisa ficar enroscada por muito tempo.

As luvas brancas dos Palhaços eram um borrão. Eles prendiam os tentáculos o mais rápido possível. A carne flexível rangia em protesto, exatamente como balões de verdade.

— Alguém mais reparou no mar? — perguntou Orma, soltando um par de tentáculos e logo pegando outro.

Bundamole olhou para baixo e viu uma água verde com sabão molhando seus sapatos gigantescos.

— Não se preocupe — disse ele. — O Doutor prometeu nos tirar daqui.

Do lado de fora, houve uma pancada quando a ponta da corrente foi liberada e caiu na água. Bundamole se virou para dois Palhaços fortes do outro lado do carro.

— Venham comigo.

Os três pularam de uma ponta do buraco de minhoca para outra pelas aberturas. Juntos, puxaram a corrente pesada do mar e cravaram a extremidade solta bem fundo na pele interior da Mortalha.

— Só para o caso de alguns nós não se manterem nos tentáculos — explicou o Palhaço.

Quando eles voltaram aos colegas de nariz vermelho, o túnel começou a vibrar e ecoar com um chiado rouco — como um elefante de circo com problemas respiratórios. Lentamente, uma caixa azul apareceu pulsando.

Uma porta se abriu, e a silhueta formada pela luz do interior levantou as mãos para ajeitar a gravata-borboleta.

— Alguém quer carona?

A TARDIS se materializou perto do palco no teatro subterrâneo.

Bundamole abriu a porta e saiu para ser recebido pelos amigos.

— Ele conseguiu! — gritou para dentro da nave. — Voltamos para Sementis!

A outra porta se abriu e o carro de palhaços saiu, quase esbarrando na abertura estreita. Estacionou ao lado de uma tenda colorida e uma fileira longa de Palhaços começou a sair dali.

O Doutor, Clara, Mae e Warren se uniram a Bundamole do lado de fora da TARDIS.

— Sinto muito por Vira-Vira — disse o Doutor, apertando a mão do Palhaço.

Bundamole sorriu, com lágrimas escorrendo pelo rosto e borrando a maquiagem.

— Ele era um homem corajoso e um bom Palhaço — respondeu.

A música começou a tocar. O grupo olhou para cima enquanto outro Desejador era conduzido até o palco e a sessão de terapia começava.

— Foi Vira-Vira que insistiu que a gente tentasse ajudar as pessoas atacadas pela Mortalha — explicou Bundamole.

— E ele conseguiu — disse o Doutor. — Ele ajudou inúmeras pessoas aqui, e bilhões na Terra. Vocês nunca devem se esquecer dele.

Bundamole sorriu.

— Não vamos esquecer.

Mae e Clara se despediram dos Palhaços, e o Doutor se virou para as portas da TARDIS.

— Vamos, galera! — disse ele, dando um risinho por causa da palavra. — Galera!

— Acho que vou ficar — disse Warren.

O Doutor levantou uma sobrancelha.

— Sério?

Warren tirou uma moeda do bolso e fez menção de jogá-la, mas simplesmente a deu ao Doutor.

— Tenho certeza — respondeu ele. — Tem muito trabalho a ser feito aqui, e acho que posso ajudar.

— A decisão é só sua — disse o Doutor. — Ah, e acho que você vai fazer um bom uso disto... — Ele estendeu a mão para dentro da TARDIS e pegou o De Novo Com Sentimento.

— Obrigado, Doutor — disse Warren. Ele levantou o olhar quando Orma se aproximou e pegou sua mão.

— Isso funciona muito melhor quando são dois humanos — comentou o Doutor. Depois, com uma última olhada à sua volta, ele levou Mae e Clara de volta para a TARDIS e fechou as portas.

Warren, Bundamole e os outros Palhaços observaram enquanto a caixa azul desaparecia, com os motores chiando.

— Precisamos pensar em um novo nome para você — disse Bundamole. — Warren Skeet é legal, mas não vai provocar sorrisos quando as pessoas ouvirem.

Warren deu de ombros.

— As crianças na escola sempre me chamavam de Esquilo...

Bundamole sorriu.

— Perfeito!

Capítulo 16

O general Harley B. West se levantou ofegando. Estava sem uniforme e na cama. Mas não era a cama dele. Estava em um hospital.

— Enfermeira! — gritou ele. — Enfermeira!

Uma figura se mexeu na cadeira ao lado da cama, despertando de um sono profundo. Era o capitão Keating.

— Keating! — cuspiu o general. — O que é isto?

— Não se levante — gritou Keating, ajudando o general a se deitar de novo. — A doutora disse que o senhor precisa de todo repouso possível.

O general franziu a testa.

— Sério?

— Com certeza — disse o capitão Keating. — Especialmente depois de todo aquele esforço que o senhor fez para livrar o país daqueles rostos.

— Eles foram embora?

— Tudo graças ao senhor — disse Keating. — Espere aqui. Acho que a doutora está ali fora. — Ele correu pela porta do quarto.

O general West se acomodou nos travesseiros. Tinha se livrado dos rostos sozinho? Um ataque russo inteiro impedido por suas mãos? E por que ele não conseguia se lembrar de nada? Precisava

voltar ao escritório e ler os relatórios. Afastou os lençóis e colocou as pernas para fora da cama.

— General West! — gritou uma voz feminina. — O que o senhor pensa que está fazendo? — A dra. Mairi Ellison foi até a cama com uma expressão muito séria no rosto.

O general ficou paralisado ao ouvir a voz autoritária.

— Preciso voltar ao trabalho, senhora — disse ele.

— Senhora? — exclamou a doutora. — Não me chame de “senhora”! Sou sua médica, e o senhor está sob ordens rígidas de não sair dessa cama por pelo menos mais dois dias!

— Dois dias? — rugiu o general. — Não posso ficar deitado aqui por dois dias! Tenho trabalho a fazer.

— Na verdade, senhor, não tem — disse o capitão Keating.

— Que diabos você está falando, Keating?

A dra. Ellison se virou para Keating:

— Era disso que eu estava falando — explicou ela. — Perda de memória como resultado do ataque químico.

O rosto do general ficou vermelho.

— Ataque químico? Que ataque químico?

— O... hum... ataque químico que os rostos lançaram pouco antes de o senhor expulsá-los da face da Terra, senhor — explicou Keating.

— Ah, sim — murmurou o general West. — Esse ataque químico. Claro.

A dra. Ellison pegou o prontuário do pé da cama do general e começou a fazer anotações. Ele a observava com atenção, pensando rápido.

— Sabe, Keating — disse ele em certo momento. — Acho que mereço umas férias, depois de salvar o país daquele jeito. E eu me lembro muito claramente de salvar o país.

— Duvido que alguém em Washington lhe negue uma licença, senhor — disse o capitão Keating. — Na verdade, disseram que essa

batalha foi o auge da sua carreira. E que, se o senhor saísse para a reserva agora, poderia até haver algum desfile em sua homenagem.

— Um desfile? — indagou o general, levantando a cabeça. — Com chuva de papel picado, talvez?

— Eu diria que é quase certo que haja papel picado, senhor.

O general West repousou nos travesseiros com um sorriso. Reserva? Bem, ele certamente merecia um descanso, depois de tudo pelo que passara. Ele podia caçar. Sempre quis usar um chapéu xadrez e passar o fim de semana atirando em criaturas inocentes na floresta. As pessoas ficavam muito irritadas quando se atirava em um ser humano hoje em dia — mesmo em um russo —, mas davam todo o apoio para disparar um ou dois tiros no corpo de um cervo. E também tinha a questão do desfile com papel picado...

— É — disse ele. — Talvez eu *realmente* vá para a reserva...

— Que ótimo ouvir isso, general! — disse o capitão Keating com um sorriso. — Quer que eu pegue alguma coisa antes que o senhor mude de ideia? Café, talvez?

— Ah, sim — respondeu o general, radiante. — Café seria ótimo.

O capitão Keating se juntou à dra. Ellison ao pé da cama, onde o general não podia vê-la colocar um pequeno frasco de sedativo na mão dele.

— Um café para já, general West.

22 de outubro de 1962

O Doutor e Clara estavam na porta da TARDIS, vendo Mae se aproximar da cama da avó. A velhinha abriu os olhos, encantada por encontrar a neta sorrindo para ela.

— Quanto tempo ela tem? — perguntou Clara.

— Alguns dias — respondeu o Doutor.

— E foi por isso que você concordou em quebrar todas as suas regras sobre viajar de volta ao longo da linha temporal de uma pessoa?

— Regras foram feitas para serem quebradas — respondeu o Doutor. — Além do mais, a Mae desta época está ocupada com o trabalho do jornal em Washington e não consegue um voo para cá. Pelo menos, não agora que eu interfeiri temporariamente no radar do Aeroporto Internacional Dulles. Quem vai saber?

Clara sorriu.

— Você.

— Vou tentar superar.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo. Mae e a avó estavam de mãos dadas e riam juntas.

— Como foi que você conseguiu? — perguntou Clara.

O Doutor se virou para ela.

— Como foi que eu consegui o quê?

— Empurrar a Mortalha para fora da sua mente. Havia milhões de tentáculos aí dentro, todos atacando. Como você se libertou deles para os Palhaços poderem amarrá-los?

— Do mesmo jeito que eu os fiz entrar — disse o Doutor. — Pensando nos meus amigos.

— Se os seus amigos significam tanto para você, você tem muita sorte — disse Clara.

— Eu sei — respondeu o Doutor, sorrindo.

— Quer saber o que esta amiga aqui está pensando agora?

— O quê? — perguntou ele. — Que você gostaria de ser mais alta? Porque eu acho que você devia ser mais alta. Quando eu abraço você, sinto sua respiração no meu peito. É esquisito.

— Não! — exclamou Clara, dando um soco de brincadeira no braço do Doutor. — Um dia você vai descobrir que minha altura é normal. Você que é todo magricela e comprido.

— Comprido?

— Às vezes parece que estou vendo você em um daqueles espelhos de parque de diversões — disse Clara. Ela se virou e entrou na TARDIS. — Não, estou me perguntando se há outras daquelas Mortalhas gigantescas flutuando pelo universo.

O Doutor sorriu para si mesmo e arregalou os olhos quando a ficha finalmente caiu. Ele abriu a boca para chamar Mae de volta para a TARDIS, mas parou. Pegou a moeda de Warren no bolso, jogou e viu o resultado.

— Coroa — disse para si mesmo. — Não precisamos correr.

30 de setembro de 3006

Bev Sanford se arrastava para a frente com o resto da fila em direção ao Convés da Presidente, tentando, sem sucesso, tirar a etiqueta de preço grudada de seu buquê de floresfrescas®. Essas coisas deviam sair com facilidade, mas nunca saíam. Agora o plástico vagabundo enrolado nos caules artificiais parecia ainda pior. A mulher à sua frente segurava um lindo buquê de rosas brancas e lírios. E eram flores de verdade. Onde diabos ela havia conseguido algo assim na Estação Epsilon? Em nenhum lugar legalizado, com certeza.

Bev tinha visitado três quiosques diferentes naquela manhã — ninguém tinha mais floresfrescas® — antes de recorrer ao último buquê no balde diante da estação de reabastecimento de andróides. Evidentemente, se o preguiçoso do Jeff tivesse tirado a bunda da cama, poderia tê-la levado ao hipermercado no nível do shopping logo cedo.

Ela só o convidara para dormir porque não queria ficar sozinha na noite anterior. Ele não lembrara, claro, mas fazia exatamente um ano desde que a mãe dela finalmente tinha perdido a batalha contra o câncer, e Bev tinha passado o dia todo no trabalho com a sensação de que estava fora do próprio corpo, olhando para si. Todos à sua

volta pareciam levar a vida como se fosse um dia qualquer — e ela aceitava que, para eles, era mesmo.

Ela precisava era de uma distração, uma noite divertida para refrescar a cabeça. Mas, no fim, ela só conseguiu pedir comida de carne sintética (pelo qual ela mesma pagou), entorpecimento com a garrafa de vinho reciclado e parte do segundo episódio do vídeo-disco de *As Melhores Batidas de Módulos da Galáxia* de Jeff até o ronco dele a impedir de ouvir a tela.

Ele ainda estava apagado quando ela ligara o rádio para passar o tempo enquanto o café se autoaquecia naquela manhã. Foi quando ouvira a notícia. Agressores burlaram a segurança durante a noite e mataram a presidente Winza. Ela acabara de anunciar uma ação contra os jogos de azar e os contrabandos ilegais em Epsilon, e foi assim que a escória que a queria expulsar reagiu.

Bev estava quase no início da fila, agora. A mulher com as rosas tinha conseguido um ursinho de pelúcia para acompanhá-las e estava ocupada escrevendo uma mensagem no cartão de “Pêsames”. Mais produtos do mercado negro, mas ninguém ia falar nada sobre eles. Não hoje.

As flores na entrada do Convés da Presidente já formavam uma pilha de alguns metros e, felizmente, muitas delas pareciam compras de última hora nos quiosques. Ela esperou a mulher das rosas prestar sua homenagem e então se inclinou e acrescentou as próprias flores aos buquês que já estavam ali.

Estava quase saindo quando viu o rosto no buquê atrás do dela. O ursinho de pelúcia da mulher das rosas tinha amassado as flores, esmagando as pétalas, de modo que pareciam... Não, não era possível!

O rosto se virou para ela, abriu a boca e falou:

— Beverly!

Bev ficou observando, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Mãe?

Agradecimentos

Muito obrigado a Justin Richards por me convidar para escrever este livro e à minha família por me aguentar enquanto eu escrevia. Obrigado, também, Mark Wright e Cavan Scott, grandes fãs de *Doctor Who*, pelo apoio e estímulo nos dias em que eu achava que tinha perdido a capacidade de formar uma frase. Mas um agradecimento especial vai para Beverly Sanford, que ficou de olho na história enquanto eu a escrevia, garantindo que tudo fizesse algum sentido.